

Marcio Roberto Santim da Silva

CULTO AO CORPO

Expressões do voyeurismo e do exibicionismo
na estética contemporânea

2^a edição

Culto ao corpo

Blucher

Culto ao corpo: expressões do voyeurismo e do exibicionismo na estética contemporânea

© 2017 Marcio Roberto Santim da Silva

1ª edição – 2011

2ª edição – 2017

Editora Edgard Blucher Ltda.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.
do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer
meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blucher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Silva, Marcio R. Santim da
Culto ao corpo : expressões do voyeurismo e do
exibicionismo na estética contemporânea [livro
eletrônico] / Marcio R. Santim da Silva – 2. ed. –
São Paulo : Blucher, 2016.
108 p. : PDF

Bibliografia
ISBN 978-85-8039-171-8 (e-book)

1. Imagem corporal 2. Beleza física (Estética) 3. Corpo
humano – Aspectos sociais 4. Psicologia social I. Título.

16-0999

CDD 302

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicologia social - Estética

Marcio Roberto Santim da Silva

Culto ao corpo

Expressões do voyeurismo e do exibicionismo
na estética contemporânea

2ª edição

Muitas vezes, devemos nos preocupar mais com as nossas certezas do que com as nossas dúvidas, pois, enquanto as certezas nos acomodam, as dúvidas nos fazem crescer.

Conteúdo

Introdução	9
Capítulo 1 – O belo sob o domínio da indústria cultural.....	19
Capítulo 2 – Os conceitos de voyeurismo e exibicionismo	29
Capítulo 3 – O corpo: um enigma para a civilização.....	41
Capítulo 4 – A sublimação das pulsões do olhar	59
Capítulo 5 – As pulsões do olhar e o culto ao corpo	65
Capítulo 6 – As escalas de voyeurismo, exibicionismo e padrões estéticos.....	79
Capítulo 7 – As amostras e a discussão dos resultados.....	87
Considerações finais.....	99
Referências	103
Itens das escalas.....	107

Introdução

A preocupação e os cuidados com a beleza têm assumido posição relevante na atualidade. Nas últimas décadas, foram desenvolvidas diversas técnicas de embelezamento, principalmente em razão dos avanços da medicina estética. Incluem-se, nessa área da medicina, as especialidades de cirurgia plástica e dermatologia.

Entre os procedimentos estéticos mais procurados pelos indivíduos, podemos citar: lipoaspiração, implante de silicone, lifting, aplicação de botóx. Segundo Noronha,¹ o Brasil é o segundo país do mundo em número de cirurgias plásticas realizadas por ano, sendo ultrapassado apenas pelos Estados Unidos. Essa é uma das áreas mais avançadas da medicina brasileira e tem se tornado referência mundial.

O que era um sonho para grande parte dos brasileiros, até pouco tempo atrás, hoje, virou realidade, pois, o preço das cirurgias plásticas diminuíram significativamente. Além disso, o frequente parcelamento do pagamento tem incentivado os indivíduos a realizarem esses tipos de cirurgias.

A procura por salões de beleza e clínicas de estética também tiveram crescimento acentuado. Limpeza de pele, drenagem linfática, pintura de cabelo são alguns dos procedimentos mais realizados.

A beleza tem constituído-se como necessidade e artigo de consumo. A propaganda pressiona os indivíduos a serem belos de diversas formas, que variam desde a prevenção daquilo que poderia ser considerado inimigo da beleza, como o envelhecimento precoce, até a remediar determinados males, como a obesidade e a celulite.

O paradoxo é que quanto mais alguns dos considerados inimigos da beleza decorrem de interesses econômicos heteronômicos, representados pela insana

1 Noronha, H. 2006. ABC da cirurgia plástica. In: Revista Viva Saúde – on line. Novembro/2006. Editora Escala. Site: <http://revistavivasaude.uol.com.br/edicoes/0/artigo7233-1.asp>

necessidade de acúmulo e expansão do capital, tanto mais a responsabilidade de se manter belo recai sobre o indivíduo e, com isso, as raízes desses problemas não são questionadas.

Para citar alguns exemplos, temos: a emissão descontrolada de dióxido de carbono pela infinidade de veículos, que além de destruir a camada de ozônio, aumenta a produção dos radicais livres, facilitando o envelhecimento precoce da pele; a produção dos mais variados tipos de guloseimas com alto teor calórico, associada às facilidades propiciadas pelos meios de transporte auto-motores que contribuem para a constituição da obesidade.

Ao utilizar em demasia os meios de transporte motorizados e ingerir alimentos hiper-calóricos, os indivíduos, de certa forma, pagam para ficar feios e depois são coagidos a pagarem para se embelezar ou corrigir a feiúra instalada.

Junto com a produção, o consumo pode ser considerado uma espécie de combustível que mantém o funcionamento do capitalismo. Os indivíduos são formados para serem consumistas a fim de manter operante a engrenagem do sistema.

Outra diferença em relação à busca da beleza é de que, além das mulheres, os homens também estão investindo bastante para obtê-la. O que era considerado, tempos atrás, apenas práticas femininas, como a limpeza facial, hoje, também são realizadas por homens, sem que com isso sua masculinidade seja colocada em xeque.

O descontentamento tanto de homens quanto de mulheres com relação a certas características físicas, assim como o encantamento diante dos padrões de beleza difundidos pela indústria cultural, têm sido comuns na sociedade contemporânea.

Um dos modos de manifestação desse encantamento está associado à profusão de academias de musculação que, além do entretenimento, prometem aos seus praticantes saúde e o delineamento de formas consideradas belas.

As academias constituem-se como um dos principais lugares em que os exercícios físicos são praticados. Podemos citar algumas razões para a procura de academias em detrimento a outros lugares destinados ao esporte, entre elas: a constante exposição de pessoas nos programas televisivos fazendo exercícios nesses locais; o tipo de estrutura física proporcionada pelas academias, em conformidade com os padrões estéticos contemporâneos; a violência e poluição dos grandes centros urbanos, que não estimulam a prática de exercícios ao ar livre.

As estimativas que mostram o número de academias e o seu potencial de crescimento não deixam dúvidas quanto ao aumento dessa demanda. Segundo a ACAD (Associação Brasileira de Academias) ainda não existem dados estatísticos precisos sobre o número de academias e praticantes no Brasil.

Em nível nacional, há pouco tempo esse ramo do mercado começou a se organizar. As estimativas iniciais são de que existam cerca de 7.000 academias espalhadas em todo o país, empregando 120.000 pessoas. A ACAD estima uma média de 400 frequentadores por academia o que totalizaria 2.800.000 de pessoas

que frequentam academia (1,6% da população brasileira), com um faturamento anual de R\$ 1,5 bilhões (mensalidade média estimada em R\$ 45,00, variando de R\$ 30,00 a R\$ 220,00).

Para essa associação, trata-se de um mercado altamente pulverizado, constituído essencialmente por operadores individuais de micro e pequenas empresas, com mínima estrutura gerencial. Apenas atualmente, começaram a despontar as primeiras redes de academias no mercado brasileiro, com gestão profissionalizada.

Os dados mostrados pela Fitness Brasil² conferem com alguns números anteriormente expostos, ou seja, segundo ela, temos atualmente no Brasil cerca de 7.000 academias, com 2,8 milhões de frequentadores equivalente a 1,6% da população brasileira. Essa empresa afirma que o Brasil é o 4º mercado mundial de academias de ginástica, mas não esclarece quais critérios embasam essa classificação, como: proporção de frequentadores / população, número de frequentadores, valores movimentados etc.

Para a Fitness Brasil, os três primeiros países são: Estados Unidos (34 milhões de alunos em 17.800 academias, com faturamento de 12,2 bilhões de dólares); Inglaterra (5,1 milhões de alunos em 3.700 academias, com faturamento de 2,4 bilhões de dólares); Alemanha (4,6 milhões de alunos em 6.000 academias, com faturamento de 2,4 bilhões de dólares).

Por outro lado, os números apresentados pela ACAD, apesar de manterem esses três países nas primeiras colocações, evidenciam uma certa divergência tanto em relação aos números quanto aos outros países que aparecem na frente do Brasil. Vejamos:

Nos Estados Unidos há 20.249 academias, frequentadas por 39,4 milhões de pessoas (14% da população), que geraram um faturamento anual de 14,1 bilhões de dólares. A Inglaterra (UK) é o segundo mercado (4.050 academias, sendo 1.943 privadas, 1,6 bilhões de Libras de faturamento, 3,4 milhões de clientes e 5,7% de penetração), seguido por Alemanha (6.500 academias, US\$ 2,8 bilhões de faturamento, 5,1 milhões de clientes e 5,6% de penetração), Japão (1872 academias, 2,99 milhões de clientes e U\$ 2,5 bilhões de faturamento), França (2.000 academias, 1,5 milhões de clientes com 3% de penetração) e Espanha (1.500 academias, 2 milhões de clientes com 5% de penetração).

Os dados coletados pela ACAD foram juntos ao IHRSA – International Health Racquet & Sportsclub Association, a associação internacional da indústria. É importante mencionar que nenhuma das fontes (ACAD e Fitness) utilizadas nesta pesquisa, mencionou exatamente o período a que esses dados correspon-

2 Empresa do ramo esportivo criada em 1990 pelo empresário Waldyr Soares com o objetivo de realizar congressos, cursos e eventos destinados a capacitar e aprimorar profissionais da área da educação física.

diam. A publicação dos dados pela ACAD foi em 05/10/2004 e os da Fitness Brasil está *on line* no seu *site*, consultado em 13/09/2005.

Com a falta de dados precisos em relação às academias e praticantes, o aumento pode ser aferido indiretamente por meio de algumas estimativas realizadas pela Fitness Brasil.

Para essa empresa, enquanto o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 2,25% por ano de 1996 a 2000, a indústria esportiva e de fitness cresceu em média 12,34% por ano. Em 2003, o faturamento das academias ficou em cerca de 3 bilhões de reais, 20% de crescimento em relação ao ano anterior. Por outro lado, a atividade econômica esteve praticamente estagnada no período.

O número de alunos nas academias brasileiras ainda não chega a 2% da população total. A Fitness Brasil considera que cerca de 20 milhões de pessoas integram a classe média brasileira (12% da população total) e portanto, ainda há muito espaço para crescer.

A previsão é de que o número de alunos em academias dobre até 2007 e o maior potencial de crescimento está na população infantil, entre as pessoas acima dos 35 anos e nos chamados “grupos especiais”: idosos, lesionados, deficientes físicos, gestantes, cardíacos e diabéticos, entre outros.

Dessa forma, não se pode deixar de notar o aumento da frequência de pessoas em academias, que têm como um dos principais objetivos aproximar efetivamente dos padrões estéticos difundidos. Boa parte do tempo livre dos indivíduos tem sido ocupado por atividades físicas realizadas em academias.

Praticantes de academias tendem a se preocupar e a tomar mais cuidados com relação à aquisição e manutenção da “boa forma” física.

A obsessão pelo ideal de corpo perfeito tornam esses indivíduos mais suscetíveis a desenvolver determinados comportamentos que, paradoxalmente, em vez de melhorar, prejudicam a saúde. Entre eles, podem-se citar: ingestão de drogas – anabolizantes – para aumento de massa muscular e compulsão por práticas esportivas.

Vários problemas estão relacionados ao uso de anabolizantes, como o desenvolvimento de doenças cardíacas, câncer, impotência sexual etc. Com relação ao exagero desses tipos de práticas, tem-se o aparecimento de diversas lesões músculo esqueléticas cujo risco pode aumentar se, além desse tipo de abuso, o aluno não tiver uma orientação adequada por parte do professor que acompanha a sua atividade física.

Além desses comportamentos, há outros relacionados à busca dos padrões estéticos, também encontrados em indivíduos sedentários, como os regimes descontrolados que contribuem, junto a outros fatores, para desencadear determinadas doenças psicopatológicas, a saber: anorexia e a bulimia.

Por sua vez, indivíduos sedentários podem desenvolver diversos tipos de problemas que seria mais difícil de se encontrar nos esportistas, entre eles: hipertensão arterial, diabetes, obesidade mórbida e depressão.

Tanto a falta quanto o excesso de exercícios físicos bem como o apego excessivo ao ideal de beleza explorado exaustivamente pela indústria cultural podem acarretar diversos tipos de problemas aos indivíduos.

Diante desses fatos, a princípio, trabalhamos com dois grupos distintos quanto a prática de atividades físicas: grupo 1 (sedentários) e grupo 2 (praticantes de academias). Posteriormente, incluímos o grupo 3 (praticantes de outras atividades esportivas) para compará-lo com os demais.

A adesão aos padrões e os julgamentos estéticos ocorrem basicamente por meio da atuação das pulsões do olhar, conhecidas também como pulsões voyeur e exibicionista. Os padrões são externos aos indivíduos e funcionam como estímulo para a atuação dessas pulsões.

A manifestação dessas pulsões ocorre em suas ligações com objetos e, no caso específico desta pesquisa em que se tratam o voyeurismo e exibicionismo, o objeto é, respectivamente, a apreciação e exibição da beleza corporal.

As pulsões dirigem-se para o meio com o intuito de obter prazer mediante relações a serem estabelecidas com os objetos. Tais objetos bem como os tipos e intensidades das relações pulsionais variam historicamente e devem ser pensados dentro da cultura em que se apresentam.

Nos dias atuais, com as novas formas de repressão, a aparência física constituiu-se, por excelência, objeto de investimento das pulsões do olhar. Nesse caso, a repressão tem se manifestado diante de uma rígida padronização estética frente às múltiplas características físicas individuais existentes.

Um dos fatores que levou à escolha de praticantes de musculação para compor parte da amostra é que neles as pulsões voyeur e exibicionista podem se associar de maneira mais significativa.

Indivíduos que apresentam uma maior tendência para se exhibir também podem obter prazer mediante a observação de outros – seja para auto-afirmar sua suposta superioridade física seja para admirar os atributos físicos alheios – e aqueles cujo prazer se encontra mais fixado no olhar não abdicam do desejo de serem semelhantes ao seu objeto de investimento libidinal, isto é, exibirem-se assim que se sentirem dentro dos padrões de beleza em voga.

Consideramos provável uma forte manifestação das pulsões exibicionista e voyeur nos praticantes de musculação em razão da atuação dessas pulsões não se restringir à dimensão diretamente sexual, mas se apresentar em outros âmbitos em que o olhar e a exibição também são importantes fontes de prazer, tal como na apreciação e exibição da estética corporal realizadas nas academias.

Em razão de as atividades nesses estabelecimentos serem praticadas por indivíduos vestidos, o erotismo não se apresenta na sua forma direta – genital. Com relação ao termo pulsão diretamente sexual, Freud (1996) utilizou-o no livro *Psicologia de grupo e a análise do ego* para diferenciá-lo das pulsões inibidas

em sua finalidade sexual, como as que formam os laços de amizade, as relações afetuosas e a apreciação estética. Para ele, a base dessas pulsões inibidas é de natureza sexual.

A cultura precisou inibir parte dessas pulsões em sua finalidade original que se caracterizava pela obtenção de um prazer sexual imediato e sem regras, em razão dessa livre expressão poder criar obstáculos para a manutenção dos grupos e conseqüentemente colocar em risco a sobrevivência humana que dependia muito da força de um núcleo formado por um número maior de pessoas, visando objetivos comuns.

Importante destacar que um dos objetivos desta pesquisa é verificar como as pulsões voyeur e exibicionista se desenvolvem e se manifestam dentro de um determinado contexto social, por meio de práticas esportivas exercidas pelos indivíduos em seus momentos de lazer e não criar novos critérios para o diagnóstico do exibicionismo e voyeurismo, contribuindo conseqüentemente para a manutenção dos enquadramentos psicopatológicos individuais.

Em razão de o voyeurismo e exibicionismo serem pulsões parciais comuns que se manifestam precocemente na infância e se estendem ao longo da vida, assumindo as mais variadas formas, também achamos importante o estudo dos indivíduos sedentários, a fim de compará-los com os esportistas.

Ao elaborarmos as hipóteses, pensamos que o grupo de sedentários não teria uma expressão tão marcante dessas pulsões se comparado aos demais grupos, principalmente em relação aos praticantes de musculação.

Sabe-se que há uma grande variedade de motivos que pode levar os indivíduos a não praticarem atividades físicas, entre eles: indisposição, desinteresse, falta de tempo, dificuldades econômicas para pagar as mensalidades das academias.

Os dois primeiros motivos indicam que a questão do corpo não é prioridade na vida dos sedentários. Assim, pensamos a princípio que não seria encontrada nesse grupo uma exacerbação das pulsões relacionadas aos prazeres de olhar e se exhibir, pelo menos no que se refere ao culto ao corpo.

É importante também mencionar que, nas academias, o estudo dos comportamentos incitados por essas pulsões é mais acessível, por não se apresentarem em sua forma diretamente sexual.

Caso esse estudo fosse realizado em um local cujas práticas estivessem relacionadas a atividades diretamente sexuais, principalmente no caso de indivíduos com maior disposição ao prazer voyeur, seria mais difícil a coleta de dados, em razão do possível interesse desses sujeitos em garantir ao máximo sua privacidade e anonimato.

A questão que levou a inclusão do grupo 3 – praticantes sistemáticos de outras atividades esportivas – na amostra foi a seguinte: tal grupo atribui o mesmo grau de importância aos padrões estéticos se comparados aos praticantes de musculação?

Apesar de a prática esportiva ser uma característica comum dos grupos 2 e 3, pensamos que provavelmente o grupo 2 (praticantes de musculação) investiriam mais acentuadamente na estética, pois os indícios são de que a principal finalidade dessa atividade esportiva é a aquisição da beleza. Como menciona Malysse:

Nas atividades como o *fitness* e a musculação, por exemplo, novas em sua inspiração, em seu conteúdo e em seu público, o objetivo não é a *performance* esportiva ou a socialização graças a um esporte de equipe, mas sim a busca de um bem-estar físico e psíquico, a busca da boa forma e da magreza que permitem uma boa apresentação do corpo aos outros e, portanto, a socialização por meio de uma *performance* mais estética do que esportiva. Ali, não se trata de encarar a malhação como um esporte, e a atividade não é um treinamento esportivo, mas sim a manutenção e a resistência a todas as formas de decadência física. (Malysse, 2002, p. 95-96)

Assim, o grupo 2 foi composto por sujeitos que mencionaram praticar musculação com exclusividade ou associada a outras atividades esportivas, com frequência igual ou superior a duas vezes semanais.

Entre os esportes praticados pelos indivíduos do grupo 3, com a mesma frequência do grupo 2, encontram-se: futebol, natação, corrida, caminhada, dança etc.

Com relação aos padrões de beleza presentes na sociedade contemporânea, não teríamos muitas dificuldades em apontá-los. Um exemplo que pode ser citado, é o predomínio de indivíduos de cor branca, altos e magros nos mais variados setores em que a imagem humana funciona como objeto de marketing.

Em uma sociedade caracterizada pela frieza e superficialidade que valoriza dos mais variados modos a aparência em detrimento do conteúdo, a conquista da beleza física se torna fundamental para o desenvolvimento da auto-estima nos indivíduos.

É difícil encontrar bonecas negras ou mulatas no mercado de brinquedos. Os modelos negros, homens e mulheres, também são exceção nas passarelas da moda, assim como aqueles de baixa estatura. A ditadura estética extravasa o mundo da moda e, com algumas modificações, perpassa as diversas áreas da vida.

Uma das diferenças que poderia ser apontada em relação à concepção de beleza presente nos desfiles de moda e aquela difundida na sociedade de uma maneira geral, refere-se à magreza. O IMC – índice de massa corporal – das modelos de passarela é bem menor se comparado àquelas pessoas que frequentemente são consideradas belas perante a opinião pública. Os chamados corpos malhados, sarados e esculturais não combinam muito com os padrões da moda.

Um dos meios para os indivíduos tentarem se aproximar dos padrões estéticos contemporâneos são as práticas esportivas realizadas nas academias. Existem

alguns padrões de beleza que são praticamente unanimidade entre os frequentadores, como: corpos musculosos, definidos, sem celulite, estria e gordura localizada.

Nesse sentido, não haveria diferença significativa entre homens e mulheres. A questão do acúmulo de gordura, principalmente na região abdominal, é unanimidade entre os dois gêneros; barriga virou sinônimo de feiúra.

A diferença entre os gêneros reside nas especificidades dos padrões almejados. O homem tem buscado o aumento da força e da massa muscular, enfatizando, especialmente, os músculos bíceps e peitoral.

O foco da mulher, por sua vez, está mais na tonificação e enrijecimento muscular, restringindo-se principalmente ao trabalho com os membros inferiores, como glúteo e pernas.³

Na maioria das vezes, os indivíduos que procuram academias com a finalidade estética não estão satisfeitos com algum elemento de seu corpo. As academias trabalham com padrões que envolvem mudanças na estrutura corporal. Os próprios termos qualificadores do corpo exercitado não deixam dúvidas: malhado, esculpido, sarado, trabalhado.

Atividade física virou sinônimo de academia. Para obter a boa forma, os sujeitos devem ser orientados por diversos profissionais e pagar por isso. O esporte tem perdido o seu caráter lúdico e se transformado em objeto de consumo para fins estéticos.

O treinamento prescrito pelo professor das academias deve ser rigidamente seguido, de forma similar a uma dieta, a fim de que o corpo se ajuste aos padrões definidos socialmente como belos. Nesse sentido, as categorias psíquicas foram formadas e orientadas para avaliar a beleza conforme determinados padrões.

Não há dúvidas de que a procura pelos ideais estéticos não se restringe à época atual, pois, a vaidade apresentou-se de maneiras distintas, dependendo do momento histórico em que lhe faz referência.

Em relação à atualidade, uma das características fundamentais, que a distingui de épocas passadas, é a forte presença da indústria cultural, à nível mundial, no cotidiano dos indivíduos.

Com essa constante presença, os padrões estéticos tornaram-se bastante homogêneos e ganharam força a ponto de mobilizar as pulsões voyeur e exibicionista no indivíduo. Os resultados dessa mobilização aparecem na manifestação

3 Conforme comentários feitos por Goldenberg (2002, p. 35-36, notas de rodapé), acerca de uma pesquisa realizada pela autora com a classe média do Rio de Janeiro: “em 550 categorias apontadas como o que mais atrai sexualmente as mulheres, o tórax recebeu 73 respostas (13,72%), o corpo 71 (12,9%) e as pernas 44 (8%)... em 295 categorias apontadas como o que mais atrai sexualmente os homens, a bunda recebeu 55 respostas (18,64%), o corpo 42 (14,24%) e os seios 42 (14,24%)”.

de determinados comportamentos valorizados socialmente, tal como o culto ao corpo realizado nas academias de musculação.

No senso comum, culto ao corpo é uma expressão utilizada fundamentalmente para designar a prática constante de sujeitos que passam horas realizando exercícios físicos e que valorizam e investem muito na beleza corporal.

No entanto, neste livro, tal conceito será trabalhado de maneira mais abrangente, a fim de englobar, além dos indivíduos que praticam efetivamente atividades voltadas para a aquisição da beleza física, aqueles que apenas apreciam e admiram os padrões estéticos contemporâneos.

O culto ao corpo tem se tornado comum na sociedade atual. Cada vez mais, a indústria cultural destaca a fundamental importância dos exercícios físicos na vida dos indivíduos mediante a apresentação de diversos profissionais da área de saúde, que expõem o valor do bem estar físico e psíquico proporcionado pelas atividades esportivas.

Além disso, no cotidiano dos indivíduos, há a forte presença de modelos cuja imagem reflete os ideais salutar e estéticos do mundo contemporâneo. O capítulo 1 tratará dessa relação entre indústria cultural e padrões estéticos de maneira mais específica.

A adesão dos indivíduos aos padrões estéticos é realizada por meio da atuação das pulsões voyeur e exibicionista que podem apresentar formas distintas e englobar vários objetos. Porém, os tipos de prazer não se diferem essencialmente, isto é, são constituídos pelos comportamentos de ver e se exibir, respectivamente.

Os conceitos de voyeurismo e exibicionismo foram trabalhados pela Psiquiatria e Psicanálise, principalmente no sentido psicopatológico, ou seja, como perversões sexuais. O capítulo 2 apresentará esses conceitos e discutirá algumas de suas implicações na atualidade.

No capítulo 3, serão abordadas algumas formas de dominação do corpo durante o desenvolvimento da civilização e a formação do indivíduo. Entre essas formas de dominação, estão os tabus levantados pela sociedade contra a exposição da nudez que lhe atribuiu um sentido pecaminoso.

Diante desses tabus, que serviram para despertar ainda mais a curiosidade de ver e o desejo de exibir os genitais, as pulsões voyeur e exibicionista sofreram repressões intensas por parte da sociedade.

O resultado dessa repressão foi a alteração qualitativa das pulsões mediante o mecanismo psíquico da sublimação, que possibilitou, em parte, o desvio de sua meta original, de cunho sexual, para as criações artísticas. O capítulo 4 abordará o processo histórico envolvido na transformação das pulsões.

As profundas mudanças sociais ocorridas a partir da década de 1960, principalmente com o crescimento da indústria cultural, fizeram com que o corpo seminu começasse a ser exposto acentuadamente na esfera pública.

Com esse tipo de liberdade, as pulsões voyeur e exibicionista passaram a se relacionar mais diretamente com o corpo, sob a forma de admiração aos aspectos físicos padronizados. Corpos com músculos definidos e sem gordura são praticamente unanimidade, em termos de beleza, tanto para homens quanto para mulheres. No capítulo 5, será discutido mais especificamente a relação dessas pulsões com o fenômeno do culto ao corpo.

No capítulo 6, são apresentadas as características das escalas de voyeurismo, exibicionismo e padrões estéticos bem como os seus fundamentos teóricos.

E por fim, no capítulo 7 estão contidas as reflexões sobre os resultados obtidos após a aplicação das escalas e as implicações desses fenômenos nos três grupos da pesquisa.

O belo sob o domínio da indústria cultural

Temos observado atualmente na sociedade brasileira, a proliferação dos mais diversos tipos de academias para atender a um número crescente de indivíduos que as procuram para realizar atividades esportivas. A indústria cultural, mediante diversas produções como telenovelas, revistas e filmes, tem difundido amplamente as academias como meio para se alcançar os padrões estéticos e salutareos considerados, respectivamente, ideais para a constituição da beleza corporal e do bem-estar físico e psíquico dos indivíduos.

O conceito de indústria cultural, desenvolvido por Horkheimer e Adorno na obra *Dialética do esclarecimento*, publicada em 1947, com o intuito de diferenciá-lo do termo cultura de massa, é reiterado por Adorno, nos seguintes termos:

Em nossos esboços tratava-se do problema da cultura de massa. Abandonamos essa última expressão para substituí-la por “indústria cultural”, a fim de excluir de antemão a interpretação que agrada aos advogados da coisa; estes pretendem, com efeito, que se trata de algo como uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas, em suma, da forma contemporânea da arte popular. Ora, dessa arte a indústria cultural se distingue radicalmente. Ao juntar elementos de há muito correntes, ela atribui-lhes uma nova qualidade. Em todos os seus ramos fazem-se, mais ou menos segundo um plano, produtos adaptados ao consumo das massas e que em grande medida determinam esse consumo. (Adorno, 1971, p. 287)

Devido, principalmente, ao intenso aprimoramento da técnica, a crescente necessidade de acúmulo e expansão do capital, as produções culturais assumiram uma forma peculiar na sociedade contemporânea, caracterizadas pela produção globalizada e em série nos moldes industriais. Uma grande quantidade de objetos

foi produzida e gerou novas necessidades nos indivíduos, resultando no consumismo necessário à perpetuação do capital.

A prática de exercícios em academias poderia ser citada como exemplo desses novos tipos de necessidades, principalmente se considerarmos o fato de os indivíduos tenderem a levar uma vida mais sedentária devido às inúmeras comodidades propiciadas pelo desenvolvimento tecnológico, como aquelas relacionadas aos meios de transporte, trabalho e entretenimento.

Aliada a isso, tem-se a ingestão de diversos tipos de bebidas e alimentos com alto teor calórico que colaboram para que os indivíduos, em razão desses hábitos, necessitem reduzir os efeitos negativos provocados, entre eles: aumento nos níveis de colesterol, triglicérides, glicose e peso.

De uma forma ou de outra, principalmente por meio de propagandas, ao mesmo tempo que a cultura estimula hábitos nocivos e cria objetos cujo uso abusivo pode causar danos à saúde, ela também fornece os meios que podem reduzir seus impactos. Se por um lado, há o imperativo do “goze! beba e coma a vontade”, do outro, temos a presença da disciplina e do autocontrole, representados por dietas, exercícios físicos e cirurgias plásticas.

As academias são um dos fortes ramos do mercado estético que procuram aliar saúde à beleza. Entre eles, podem ser citados: cirurgias plásticas, produtos para limpeza de pele, medicamentos para retardar o processo de envelhecimento.

Além de beleza e saúde, existe um terceiro objetivo marcante na procura de academias pelos indivíduos, que é o entretenimento. Juntos, esses três objetivos determinam a especificidade das academias em relação aos outros ramos da indústria estética.

O desenvolvimento da ciência e mais especificamente da medicina foi muito importante para melhorar a qualidade de vida e aumentar a longevidade dos indivíduos. Seria problemático, se o aumento da longevidade do ser humano, propiciado pelas descobertas científicas, não fosse acompanhado por uma melhora geral na qualidade de vida dos indivíduos.

Considerando que, atualmente, a sociedade tem condições objetivas que permitem aos indivíduos um maior tempo de vida, é importante também que tenham ao seu alcance meios que lhes possibilitem desfrutá-la de maneira mais saudável e prazerosa possível.

A apreciação da beleza quer corporal quer artística é uma forma de prazer conquistada ao longo da história pela civilização mediante a diminuição da necessidade de se voltar a todo momento para atividades envolvendo a sobrevivência.

O nível de desenvolvimento tecnológico alcançado pela civilização, representado pela produção do excedente e a criação de máquinas capazes de realizar com maior rapidez e eficiência os trabalhos feitos diretamente pelo homem, poderia proporcionar uma série de benefícios que não se concretizou. Entre eles, princi-

palmente nos países do terceiro mundo, uma redução significativa do tempo gasto com o trabalho que possibilitasse aos indivíduos disporem de maior parte do seu tempo para a realização de atividades não relacionadas diretamente com a sobrevivência, como a fruição estética.

No entanto, a perpetuação da dominação do homem pelo homem continuou sendo um empecilho para a liberdade dos indivíduos; a apreciação estética bem como o acesso aos seus padrões se mantiveram como gozo de poucos.

Na obra *A ideologia da sociedade industrial*, Marcuse menciona que esse tipo de repressão imposto pela sociedade industrial gerou falsas necessidades nos indivíduos. Falsas por não condizerem com determinadas condições objetivas alcançadas nos países desenvolvidos, que poderiam, mediante os recursos tecnológicos, atenuar o sacrifício humano para a garantia da sobrevivência.

A crítica de Marcuse era fundamentalmente em relação à manutenção do trabalho árduo e alienado a que os indivíduos se encontravam submetidos. O mundo já não teria mais tanta necessidade de que o homem permanecesse sob o jugo do trabalho. Já poderíamos ter outros tipos de necessidades que não estivessem relacionadas de maneira tão intensa com a manutenção da vida.

Para Marcuse, a distinção entre falsas e verdadeiras necessidades deve ser pensada historicamente e em última instância feita pelos próprios indivíduos, desde que esses consigam atingir determinado grau de autonomia para poder discriminá-las.

Para qualquer percepção e consciência, para qualquer experiência que não aceite o interesse social predominante como a lei suprema do pensamento e do comportamento, o universo de necessidades e satisfações estabelecido é fato a ser questionado – discutido em termos de veracidade e falsidade. Esses termos são totalmente históricos, e sua objetividade é histórica... Em última análise, a questão sobre quais necessidades devam ser falsas e verdadeiras só pode ser respondida pelos próprios indivíduos, mas apenas em última análise; isto é, se e quando eles estiverem livres para dar a sua própria resposta. Enquanto eles forem mantidos incapazes de ser autônomos, enquanto forem doutrinados e manipulados (até os seus próprios instintos) a resposta que derem a essa questão não poderá ser tomada por sua. (Marcuse, 1979, p. 27)

Em razão de a autonomia dos indivíduos estar seriamente comprometida, a ponto de serem facilmente manipulados pelas propagandas, não temos dúvidas de que a distinção entre necessidades falsas e verdadeiras tem se tornado muito complicada na sociedade contemporânea.

Em relação à prática de academias, tal discussão suscita algumas questões, como: caminhar diariamente durante alguns minutos em uma esteira para reduzir

o nível de colesterol pode ser considerada uma necessidade mais verdadeira do que passar algumas horas praticando exercícios em aparelhos de musculação, com a finalidade de ter um corpo considerado belo?

Penso que diante de uma sociedade que valoriza a aparência até a ponto de torná-la um importante subsídio para a disputa empregatícia, a resposta a essa questão é negativa. Segundo Edmonds:

Inicialmente, a justificativa da cirurgia plástica como necessidade profissional só era usada por aqueles cuja carreira dependia da aparência. Mas esta defesa foi mais tarde generalizada quando a aparência passou a ser considerada essencial em quase qualquer carreira. Pessoas bonitas de ambos os sexos ganham cerca de 5% a mais por hora, mesmo na mesma ocupação, como descobriram os economistas Hamermesh e Biddle (1994), num estudo do mercado de trabalho norte-americano. Artigos sobre homens, executivos de empresas, que fazem rejuvenescimento facial e lipoaspirações indicam que a cirurgia plástica pode ser um meio de manter a vantagem num ambiente de trabalho cada vez mais competitivo. (Edmonds, 2002, p. 222)

É certo que frequentemente não podemos separar a saúde da beleza, pois, as diversas formas de atividades físicas, além de proporcionarem condicionamento físico, constituem-se como meio para se alcançar determinados padrões de beleza. Porém, muitas vezes, essas atividades são realizadas de tal modo que acabam se opondo à própria saúde, principalmente quando são praticadas excessivamente e associadas com dietas descontroladas ou ingestão de drogas.

A discussão sobre saúde e beleza não pode deixar de mencionar um importante elemento que as entrelaçam tenazmente, a saber: sua relação com a morte. Essa relação já se encontra representada na técnica que fragmenta o corpo, reificado pela dominação, constituindo-o como algo manipulável e subtraído do espírito.

A medicina especializou-se de tal maneira que acabou por desintegrar ainda mais o indivíduo. Aos olhos de muitos profissionais dessa área, não existe uma pessoa que necessita de ajuda, mas determinada parte do corpo adoece. É o coração, o pulmão, os olhos ou outros órgãos que precisam ser tratados.

Na obra *O nascimento da clínica*, Foucault trata das mudanças epistemológicas envolvendo o conhecimento médico no século XIX em que a “medicina dos sintomas, pouco a pouco, entrará em regressão, para se dissipar diante da medicina dos órgãos, do foco e das causas, diante de uma clínica inteiramente ordenada pela anatomia patológica” (Foucault, 2001, p.139).

A observação dos sintomas apresentados pelo doente não era mais fundamental para a compreensão da patologia. Para conhecer a doença, o médico deveria saber a sua exata localização, isto é, de que parte do corpo ela se originava.

O corpo vivo não permitia esse tipo de observação, visto que a causa estava encoberta pelos próprios sintomas. A solução para essa questão estava na observação do resultado final da evolução patológica, ou seja, na observação da morte, mediante a dissecação de cadáveres.

Para compreender os mecanismos que interferiam negativamente na vida, o olhar clínico volta-se para a morte e a visão do conjunto passa a ser uma visão de fragmentos orgânicos.

Na percepção anatômica, a morte é o ponto de vista a partir de que a doença se abre à verdade; a trindade vida-doença-morte se articula em um triângulo cujo ápice culmina na morte; a percepção só pode apreender a vida e a doença em uma unidade na medida em que ela investe a morte em seu próprio olhar. (Foucault, 2001, p. 181)

Tal concepção médica ainda se faz presente na atualidade e seus efeitos se estendem para os diversos ramos que têm como objetos a saúde e a beleza.

Os indivíduos precisam estar aptos para se integrarem à sociedade. O coração deve bater mesmo que seja sem alegria e vontade de viver; os olhos devem ver cegamente as injustiças que se perpetuam infinitamente; o pulmão deve ser capaz de inspirar o ar poluído das grandes metrópoles e devolver passivamente o veneno inalado; a pessoa deve parecer feliz, mesmo às custas da dependência química aos antidepressivos.

Seios avantajados e firmes, abdômen definido, pernas fortes, pele bem cuidada são alguns atributos que se interligam para determinar a concepção de beleza e saúde corporal. Corpo “sarado” é o termo que se refere a essas duas dimensões. “Esculpir”, “malhar” são outras expressões que não deixam dúvidas sobre a forma como o corpo é considerado: coisa, matéria passiva a ser transformada.

As próprias palavras revelam o desrespeito por aquilo que tantos cuidados lhe são dispensados: o corpo. Ao se espelhar na máquina e no modelo da medicina anátomo-clínica, o homem automatizou-se e antecipou, em sua vida, a morte, tão prezada pelos anatomistas para a compreensão dos processos vitais. Cindido do espírito, o corpo passa a obedecer aos mesmos princípios que o sujeito acredita governarem os objetos, ou melhor, a natureza.

A rigidez que ele vê na natureza e nos cadáveres dissecados passa a ser objeto de mimese. Percebendo-se como natureza, o sujeito estende a dominação para si e se torna tão rígido quanto pretensamente considera o universo natural. Dureza que transparece nas exigências estéticas atuais, caracterizadas pela firmeza e rigidez corporal.

O preço pago pela retirada do encanto da natureza é o desencantamento de si mesmo e das relações pessoais. Horkheimer e Adorno relacionam as afinidades

de beleza e saúde com a morte, referindo-se aos alemães na época do nazismo. Sem dúvida, tal asseveração também diz respeito às relações com o corpo no mundo contemporâneo. Em suas palavras:

Os que na Alemanha louvavam o corpo, os ginastas e os excursionistas, sempre tiveram com o homicídio a mais íntima afinidade, assim como os amantes da natureza com a caça. Eles vêem o corpo como um mecanismo móvel, em suas articulações as diferentes peças desse mecanismo, e na carne o simples revestimento do esqueleto. Eles lidam com o corpo, manejam seus membros como se estes já estivessem separados. A tradição judia conservou a aversão de medir as pessoas com um metro, porque é do morto que se tomam as medidas – para o caixão. É nisso que encontram prazer os manipuladores do corpo. Eles medem o outro, sem saber, com o olhar do fabricante de caixões, e se traem quando anunciam o resultado, dizendo, por exemplo, que a pessoa é comprida, pequena, gorda, pesada. Eles estão interessados na doença, à mesa já estão à espreita do comensal, e seu interesse por tudo isso é só muito superficialmente racionalizado como interesse pela saúde. A linguagem acerta o passo com eles. Ela transformou o passeio em movimento e os alimentos em calorias, de maneira análoga à designação da floresta viva na língua inglesa e francesa pelo mesmo nome que significa também “madeira”. Com as taxas de mortalidade, a sociedade degrada a vida a um processo químico. (Horkheimer e Adorno, 1985, p. 219)

É interessante observar que geralmente a descrição de uma pessoa obedece a essa regra de medidas – alto, gordo, magro, baixo – ou a outros elementos constitucionais como a cor dos olhos e da pele. Na maioria das vezes, essas características são estáticas e atribuídas ao indivíduo como se referissem efetivamente a coisas, porém, felizmente, ainda não dão conta de defini-lo.

As técnicas voltadas para a estética corporal avançaram muito no mundo contemporâneo e tendem a se desenvolver ainda mais. Quantas coisas incríveis, a medicina estética e as cirurgias plásticas realizam com tal perfeição, que talvez nem mesmo filmes de ficção científica do passado ousavam mostrar.

Exemplos não faltam: botóx para retirar rugas e esticar a pele; implante de silicone nos seios para enrijecê-los ou aumentá-los; transplante de cabelo que resolveu uma das preocupações estéticas masculinas mais antigas; intervenções cirúrgicas para corrigir determinadas partes do corpo que destoam dos padrões convencionais.

Contudo, a concepção de beleza deveria ser mais ampla, no sentido de levar em consideração o indivíduo como um todo e não se restringir a determinados fragmentos corporais.

A crença fetichista de que o belo se constitui exclusivamente na modificação de elementos físicos específicos, como se esses atributos tivessem autonomia sobre o indivíduo e pudessem por si só caracterizá-lo, resulta na constituição de uma beleza morta, pois, o que conta são fundamentalmente as medidas e a aparência associadas a determinados padrões definidos *a priori*. Tais características que definem a beleza são ideais e externas em relação ao sujeito.

A propaganda não deixa dúvidas: “Para se ter um corpo belo e saudável faça... adquira...”. O corpo torna-se algo que pode ser comprado e possuído de forma similar a qualquer outro objeto.

As técnicas estéticas incitam e, dentro de seus limites, tentam atender o desejo de manter o indivíduo eternamente jovem. Desejo relacionado ao medo do envelhecimento, característico da sociedade ocidental.

O controle da aparência passa a ser o tão sonhado domínio da vida, mas paradoxalmente só podemos dominar plenamente aquilo que está morto, aquilo que não tem uma dinâmica própria. Nesse sentido, a vida se torna uma hipóstase.

Esquece-se que a magia da vida também está no movimento. E é exatamente o controle das marcas deixadas pelo tempo, o “congelamento do sujeito” que é um dos objetivos marcante das técnicas estéticas.

O jeito de andar, falar, sentir, agir e a experiência acumulada ao longo da vida, exposta nas rugas faciais, são elementos que, além da aparência física, também compõem esse todo.

Somente o que é vivo está em contínua transformação. A ideia de juventude, que traz consigo a força e a vontade de viver, tem se atrelado quase que exclusivamente ao fato de se ter um corpo com aparência jovial. A vida efetiva, não a sua paródia, extrapola a aparência.

Cabe também, a crítica política aos padrões estéticos no que se refere ao seu acesso. Poucos indivíduos, se considerarmos o fato de grande parte da população mundial viver abaixo da linha da pobreza, têm acesso a tais conquistas.

De maneira semelhante a outras épocas, como na Grécia antiga, a conquista e contemplação da beleza têm sido objeto de uma classe restrita. A sociedade atual ainda continua estruturada por classes e dirigida por interesses particulares que não se converteram em benefícios comuns. Todos deveriam se beneficiar com o avanço da ciência.

Por outro lado, a pressão social exercida sobre os indivíduos para se identificarem com os modelos veiculados pela indústria cultural, representantes dos padrões estéticos contemporâneos, é grande para todos; tanto para os que podem quanto para aqueles que não podem usufruir dos meios necessários para a aproximação desses padrões. Em relação à presença desses padrões na vida das mulheres, Malysse afirma:

Se as revistas só pregam o modo de vida das classes dominantes e um modelo de comportamento corporal que remete às camadas superiores da hierarquia social brasileira, nem por isso são menos lidas pelas mulheres das classes populares... E é desse modo que as representações da *corpolatria* circulam por toda a sociedade brasileira. (Malysse, 2002, p. 102)

Tal pressão ocorre principalmente por meio dessa homogeneização. Considerando-se as telenovelas como exemplo, pode-se notar certa padronização estética dos atores, pois, parte significativa deles não possui formação em artes dramáticas, mas provém da carreira de modelo. Até mesmo o sotaque dos atores provenientes de outras regiões brasileiras, desde que a trama não esteja situada em um determinado contexto regional, precisa ser adaptado ao do chamado eixo Rio – São Paulo.

Com a constante presença da indústria cultural no cotidiano dos indivíduos, os padrões estéticos tendem para a homogeneidade. O cinema de Hollywood, assim como outros meios de entretenimento, certamente tem uma influência mundial na determinação desses padrões.

É possível que essa seja uma diferença fundamental da sociedade contemporânea, se comparada a outras épocas, no que diz respeito aos padrões estéticos; pois se, no passado, determinados atributos eram considerados mais belos do que outros conforme a cultura de um determinado povo, na atualidade, a indústria cultural tem o poder de divulgar os padrões estéticos para uma faixa mais ampla de pessoas, extrapolando os limites geográficos das nações.

Essa pressão reflete na formação dos indivíduos e alimenta o desejo de adquirirem aquilo que lhes é apresentado como belo. Ao se identificarem com alguns ideais estéticos, os próprios indivíduos desenvolvem atitudes de menosprezo pelas características que destoam desses padrões, no sentido de ridicularizá-las.

O domínio que os padrões estéticos exercem sobre os indivíduos não é imediato, mas se constitui por meio de atitudes sutis, mediatas e, às vezes, até violentas de controle social. Sua forma pode ser uma violência dissimulada ou explícita empregada pelos indivíduos contra si, experimentada como vergonha, e contra os outros, exprimida como gozação, com o intuito de zombar da suposta inferioridade estética alheia.

O sarcasmo frente aos “gordinhos”, o preconceito contra os negros e deficientes são algumas das atitudes que poderiam ser mencionadas para exemplificar certa forma de “totalitarismo estético”.

O conjunto desses fatores tem fomentado uma obsessão estética representada pela exacerbada procura dos padrões de beleza difundidos pela indústria cultural. Isso reflete alguns elementos valorizados na sociedade contemporânea, entre eles: a concepção de beleza fundamentada mais na igualdade estética entre

os indivíduos do que por aquilo que os distinguem; a super-estimação da aparência física em detrimento do espírito, em que a exibição dos atributos externos frente ao olhar do outro, converte-se em gozo narcísico; a aversão pelo processo de envelhecimento, que em última instância, revela o medo da morte e quanto os indivíduos precisam se conservar a fim de, supostamente, virem a experimentar, no futuro, a felicidade e o prazer que não conseguem obter no presente.

Como a concepção de beleza tem se constituído predominantemente de forma heteronômica, reduz a possibilidade de o belo se concretizar no particular. Se a parte é subjugada pelo todo, dificulta-se a formação de indivíduos autônomos, no sentido de que eles sejam o fim, isto é, que tenham as condições necessárias para o desenvolvimento de sua subjetividade.

Aquilo que a sociedade coloca como belo é aceito, na maioria das vezes, como se fosse uma apreciação autônoma do sujeito, quando, efetivamente, é a ele imposta. O conceito de beleza que é constituído historicamente e produzido por determinadas condições materiais, converte-se em algo inteiramente natural na sociedade administrada.

Contudo, apesar de desejar, a maior parte dos indivíduos não consegue se aproximar efetivamente desses padrões, quer por não gostar de exercícios físicos quer devido a suas próprias limitações físicas, como a estatura. Outras dificuldades poderiam ser citadas, como o fato de serem poucas as pessoas que dispõem de tempo livre e condições financeiras para passar algumas horas exercitando o corpo nas academias ou se produzindo em salões de beleza.

O que muitas vezes acaba restando a esses indivíduos, é o prazer de ver o desfile de corpos esculpidos nos diversos meios de comunicação. Dessa forma, a expressão de pulsões voyeur tem se tornado mais comum se comparadas às exibicionistas.

Os conceitos de voyeurismo e exibicionismo

Voyeurismo é um termo de origem francesa (*voyeurisme*) cujo significado etimológico do radical voyeur é: “{fr. Lit. ‘o que vê’)... etim fr. Voyeur (1740) ‘pessoa que assiste a algo por curiosidade’, (1883) ‘pessoal que se excita ao ver a nudez ou o ato sexual de outrem’, der. De voir ‘ver’ (Houaiss & Villar, 2001, p. 2883)

Como pode ser observado, há uma importante diferença do significado atribuído à palavra voyeur se forem comparados os séculos XVIII e XIX. Nesse último século, houve uma maior especificação do termo ao restringi-lo à dimensão sexual. Esse último significado também foi sedimentado pelos estudos realizados posteriormente pela Psicanálise freudiana a respeito do fenômeno e perdura atualmente, conforme veremos a seguir na classificação psiquiátrica.

Porém, Houaiss & Villar, no item 2 referente à palavra voyeurismo, ampliam o seu significado, contemplando o sentido atribuído em 1740, em razão de não se restringir à dimensão sexual.

Voyeurismo

1 – Psicop. desordem sexual que consiste na observação de uma pessoa no ato de se despir, nua, ou realizando atos sexuais e que não se sabe observada; mixoscopia. 2 – p. ext. forma de curiosidade mórbida com relação ao que é privativo, privado ou íntimo [o v. invasor de alguns internautas]. (Houaiss & Villar, 2001, p. 2883)

Essa última definição adicionada ao item 1 da definição abaixo de exibicionismo mostra que ambas palavras bem como suas variantes, já estão sendo utilizadas no cotidiano com sentidos que extrapolam o âmbito sexual / científico e esbarram no linguajar pertencente ao senso comum.

Os termos exibicionismo e exibicionista segundo o dicionário etimológico Houaiss significam respectivamente:

Exibicionismo

1 – Mania de ostentação ou de exibição [muita gente se veste bem por puro exibicionismo] 2 – Psicopatologia: forma de perversão sexual que consiste em exibir a própria nudez, especialmente as partes sexuais. Etim: exibição sob a f. rad. exhibicion + ismo, talvez por influência do fr. exhibitionisme (1866) “id”, ver – ib-. 1913 exibicionismo, 1913 exhibicionismo. (Houaiss & Villar, 2001, p. 1284)

Exibicionista

1 – que ou aquele que exerce o exibicionismo. 2- Psicopatologia – relativo a ou pessoa dada à prática do exibicionismo. Etim.: exibição retomado na f. exhibicion + ista, talvez por infl. do fr. exhibitioniste (1877) “id” ou do ingl. exhibitionist (1821) “id” ver –ib-; f. hist. 1912 exibicionista, 1913 exhibicionista. (Houaiss & Villar, 2001, p. 1284)

Os termos exibicionismo e exibicionista, como se vê, não apresentam diferenças de sentido etimológico atribuídas em épocas específicas, como aquelas encontradas na definição de voyeurismo.

No campo das ciências da psique, o exibicionismo também tem sido tratado predominantemente como uma forma de desvio sexual. A maior parte das referências bibliográficas, que não são muitas, a respeito de exibicionismo e voyeurismo, provêm da Psiquiatria e da Psicanálise. Do lado da Psiquiatria, encontramos uma maior preocupação em estabelecer critérios diagnósticos a fim de definir se indivíduos com comportamentos relacionados ao prazer de ver ou se exibir podem ou não ser enquadrados nas referidas psicopatologias.

O exibicionismo e o voyeurismo são classificados no Compêndio de Psiquiatria de Kaplan & Sadock como parafilias que significam, segundo o *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (DSM-IV): “fantasias e anseios sexuais recorrentes, intensos e sexualmente excitantes que envolvem objetos não humanos, crianças ou pessoas sem consentimento, ou o sofrimento ou humilhação reais, próprios ou do parceiro” (Kaplan & Sadock, 1999, p. 1446).

No mesmo compêndio, também são encontrados os critérios diagnósticos para voyeurismo e exibicionismo, extraídos do DSM-IV, a seguir descritos, respectivamente:

Voyeurismo

A. Durante um período mínimo de 6 meses, fantasias sexualmente excitantes recorrentes e intensas, impulsos sexuais ou comportamentos

envolvendo o ato de observar uma pessoa que está nua, a se despir ou em atividade sexual, sem suspeitar que está sendo observada.

- B. As fantasias, impulsos sexuais ou comportamentos causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo. (Kaplan & Sadock, 1999, p. 1454)

Exibicionismo

- A. Ao longo de um período mínimo de 6 meses, fantasias, anseios sexuais e comportamentos sexualmente excitantes recorrentes e intensos, envolvendo a exposição dos próprios genitais a um estranho insuspeito.
- B. As fantasias, anseios ou comportamentos sexuais causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo. (Kaplan & Sadock, 1999, p. 1454)

O elemento essencial que podemos observar na classificação dessas psicopatologias é a dimensão sexual. Os atos de olhar e exhibir devem conter necessariamente os genitais como objeto de desejo.

Tal classificação está muito próxima dos critérios utilizados pelo psiquiatra Krafft-Ebing no final do século XIX para caracterizar o exibicionismo. Em seu livro *Psychopathia sexualis*, Krafft-Ebing registra vários casos de perversões, entre eles alguns de exibicionismo, mas nenhum caso típico de voyeurismo.

Para ilustrar, seguem-se trechos do caso nº 209 em que se encontram determinados sintomas próximos dos critérios diagnósticos anteriormente descritos.

X., 35 anos, assistente de barbeiro. Várias vezes punido por atentado ao pudor, foi novamente detido, pois, durante três semanas, andara rondado escolas de meninas, tentando atrair a atenção das alunas; quando conseguia, exhibia-se... Naquela época,¹ muitas vezes tinha de passar por um parque infantil e, às vezes, urinava ali; vez por outra as crianças o olhavam por curiosidade. Percebeu, por acaso, que ser olhado dessa maneira causava-lhe excitação sexual, induzia ereção e até ejaculação. Passou a ter mais prazer nesse tipo de satisfação sexual e tornou-se indiferente ao coito; satisfazia-se apenas dessa maneira. (Krafft-Ebing, 2001, p. 269/270)

Exposição dos genitais, constante recorrência desse comportamento, prazer intenso com o ato, problemas perante à lei e nas relações sociais são caracterís-

1 Krafft-Ebing refere-se a quando o paciente X tinha a idade de 21 anos.

ticas vistas no exemplo anterior que coincidem com os critérios diagnósticos do compêndio de psiquiatria de Kaplan e Sadock (1999).

Em relação ao voyeurismo, temos o seguinte exemplo registrado nos casos clínicos do DSM-IV. Resumidamente:

Um executivo de 25 anos de idade solicita uma consulta psiquiátrica em razão de sua necessidade repetida de espiar mulheres enquanto se despem ou engajam-se em atividade sexual. O paciente certa vez foi preso por esta atividade, e o departamento de pessoal de seu trabalho tomou conhecimento do fato. Ele recebeu o aviso de que o tratamento deste problema era obrigatório, e que perderia o emprego se o comportamento se repetisse. Ele não buscou assistência profissional e continuou engajando-se na atividade voyeurista... Ele possui um par de potentes binóculos e utiliza-os para espiar apartamentos vizinhos. Ocasionalmente, é recompensado por seus esforços, mas com maior frequência isso não ocorre. Depois, ele deixa seu apartamento e vai a telhados de grandes prédios de apartamentos, onde procura com seus binóculos até encontrar uma mulher despindo-se ou engajando-se em atividade sexual... Certa vez, ele foi posto para correr de um local escuro onde namorados se encontravam, por um homem furioso, brandindo uma chave de roda; em outra ocasião, foi descoberto enquanto espiava pela janela de um banheiro em uma área rural e escapou por pouco de ser morto a tiros. (Spitzer, 1996, p. 128)

Esse é o caso típico de voyeurismo tradicional, psicopatológico, pois preenche os critérios diagnósticos expostos anteriormente, entre eles: a pessoa observada pelo voyeur não sabe que está sendo vista; comportamentos voyeurs recorrentes, envolvendo mulheres nuas ou tendo relações sexuais; problemas nos relacionamentos sociais, inclusive com até risco de vida.

Na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1972) também destacou os elementos sexuais para a elaboração dos conceitos de voyeurismo e exibicionismo como tipos específicos de perversões sexuais. Considerava normal a presença dessas pulsões na sexualidade humana. O problema surgia em três hipóteses: quando essas pulsões se fixavam de maneira exclusiva à região genital; quando se ligavam a objetos repugnantes e deixavam de ser parte do conjunto de atos preliminares característicos de uma relação amorosa normal, isto é, tornavam-se mais importantes que o prazer sexual genital, podendo até mesmo substituí-lo:

... o prazer de ver [escopofilia] transforma-se em perversão (a) quando se restringe exclusivamente à genitália, (b) quando se liga à superação do asco (o voyeur -- espectador das funções excretórias), ou (c) quando su-

planta o alvo sexual normal, em vez de ser preparatório a ele. Este último é marcadamente o caso dos exibicionistas que, se posso deduzi-lo após diversas análises, exibem seus genitais para conseguir ver, em contrapartida, a genitália do outro. (Freud, 2002, p. 35)

Importante observar que no final dessa citação, Freud sugeriu a existência de uma significativa aproximação entre as pulsões exibicionista e escopofílica, comparando-as posteriormente com outro par de pulsões que, via de regra, sempre aparecem juntas. Essas pulsões são conhecidas como sadomasoquistas.

O que chamou a atenção de Freud para fazer essa comparação foi a presença, tanto em um par quanto noutro, das dimensões ativa e passiva que formavam um complexo indissociável. Em suas palavras:

Na perversão que aspira a olhar e ser olhado distingue-se um traço curiosíssimo, do qual nos ocuparemos ainda mais intensamente na aberração a ser examinada a seguir,² ou seja: nela, o alvo sexual apresenta-se numa configuração dupla, nas formas ativa e passiva. (Freud, 2002, p. 36)

As formas ativas e passivas referem-se aos comportamentos manifestos que caracterizam uma ou outra patologia, ou seja, a forma ativa qualificando o exibicionismo – sadismo e a passiva o voyeurismo – masoquismo.

Porém, segundo Freud, no âmbito do inconsciente o caráter mais evidente dos traços característicos de uma dessas perversões não exclui aquelas referentes ao de seu par oposto:

Sempre que se descobre no inconsciente uma pulsão desse tipo, passível de ser pareada com um oposto, em geral pode-se demonstrar que este último também é eficaz. Toda perversão “ativa”, portanto é acompanhada por sua contrapartida passiva: quem é exibicionista no inconsciente é também, ao mesmo tempo, voyeur; quem sofre as consequências das moções sádicas recalcadas encontra outro reforço para seu sintoma nas fontes da tendência masoquista”. (Freud, 2002, p. 45)

O conceito de pulsão é de suma importância e um dos mais complexos dentro da teoria psicanalítica. Existem inclusive algumas controvérsias em relação a sua tradução, pois, alguns tradutores preferem utilizar o termo “instinto”. Freud quis delimitar bem a aplicação do conceito de pulsão em relação a instinto justa-

2 Freud refere-se ao sadismo e masoquismo.

mente para diferenciar o primeiro conceito de algo que fosse inteiramente biológico, inato ou externo ao ser humano. Em suas palavras:

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida de exigência de trabalho feita à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico. (Freud, 2002, p. 46)

O instinto está ligado a dimensão biológica do ser e portanto tem uma relação mais direta com o estímulo. A pulsão, por outro lado, efetiva-se nas elaborações que o sistema anímico realiza diante de um determinado estímulo para, só assim, poder senti-lo como necessidade. É um conceito mais abrangente e complexo do que o conceito de instinto.

A exigência de trabalho feita à vida anímica pela pulsão tem uma dimensão simbólica mediada pela cultura, ou seja, em si mesma a pulsão não tem qualidade alguma.

Outra comparação feita por Freud entre o sadomasoquismo e voyeurismo-exibicionismo diz respeito à natureza dessas pulsões. Os dois pares são descritos como pulsões parciais, em razão de se originarem de fontes somáticas específicas, conhecidas como zonas erógenas, e se dirigirem a alvos distintos.

Não obstante, na escopofilia e no exibicionismo o olho corresponde a uma zona erógena; no caso da dor e da crueldade como componentes da pulsão sexual, é a pele que assume esse mesmo papel – a pele, que em determinadas partes do corpo diferenciou-se nos órgãos sensoriais e se transmutou em mucosa, sendo assim a zona erógena [por excelência] (Freud, 2002, p. 47)

As pulsões parciais podem ser consideradas secundárias visto que são derivadas das pulsões primárias, Eros e Tanatos.³

3 Termos gregos utilizados pela psicanálise para designar respectivamente as pulsões de vida e morte na última teoria freudiana sobre as pulsões que substituiu a teoria das pulsões sexuais e de autoconservação.

Considerando a concepção freudiana de que o exibicionismo e voyeurismo são fenômenos indissociáveis, tentamos observar se existe realmente correlação entre essas duas pulsões mediante a aplicação das escalas de voyeurismo (V) e exibicionismo (E) nos sujeitos desta pesquisa.

Apesar de serem fenômenos distintos, de maneira semelhante a Freud penso que essas duas pulsões fazem parte de um mesmo complexo psíquico, que assim como dois pólos, ora se aproximam e ora se distanciam.

Deve-se também ponderar que, para Freud, perversão – entendida basicamente como um desvio da libido frente à meta genital – não significa necessariamente a manifestação de uma psicopatologia.

Nenhuma pessoa sadia, ao que parece, pode deixar de adicionar alguma coisa capaz de ser chamada de perversa ao objetivo sexual normal, e a universalidade desta conclusão é em si suficiente para mostrar quão inadequado é usar a palavra perversão como um termo de censura (Freud, 1972, p. 163)

Desta forma, a psicanálise evitou ao máximo estabelecer a fronteira entre o normal e o patológico. No entanto, Freud (2002, p. 39) menciona que determinados indivíduos têm alvos sexuais tão distantes da sexualidade normal que não poderiam deixar de ser considerados comportamentos patológicos, como: lambem excrementos, abusar de cadáveres e outras atividades envolvendo a superação da dor, vergonha e asco.

No caso do voyeurismo e exibicionismo, certamente a fronteira entre normalidade e patologia também é extremamente tênue, pois, a sublimação, representada pela apreciação e criação estética, também pode ser considerada fundamentada por tais pulsões:

A progressiva ocultação do corpo advinda com a civilização mantém desperta a curiosidade sexual, que ambiciona completar o objeto sexual através da revelação das partes ocultas, mas que pode ser desviada (“sublimada”) para a arte, caso se consiga afastar o interesse dos genitais e voltá-lo para a forma do corpo como um todo. (Freud, 2002, p. 35)

No rodapé desta mesma página, em nota de 1915, Freud acrescenta:

Parece-me indubitável que o conceito de “belo” enraíza-se na excitação sexual e, em sua origem, significava aquilo que estimula sexualmente. [Há no original uma alusão ao fato de que a palavra alemã “Reiz” é comumente usada no linguajar técnico como “estímulo” e, na linguagem

cotidiana, como “encanto” ou “atrativo”.] Relaciona-se a isso o fato de jamais podermos achar realmente “belos” os próprios genitais, cuja visão provoca a mais intensa excitação sexual. (Freud, 2002, p. 35)

Freud considerava que as pulsões sexuais inibidas em sua finalidade original estariam na base das criações e contemplações estéticas. Segundo ele, o responsável pela transformação e canalizações das pulsões sexuais em criações artísticas é o mecanismo psíquico da sublimação.

A sublimação, de maneira semelhante aos demais mecanismos de defesa – projeção, formação reativa e outros – decorre da repressão imposta às pulsões pelas regras de convivência estabelecidas pelos mais variados grupos ao longo da história a fim de que o prazer individual não prevalecesse sobre os interesses coletivos.

No entanto, a sublimação tem uma especificidade que a diferencia dos demais mecanismos, em razão de, segundo Freud, ser a grande responsável pelo desenvolvimento da civilização, isto é, da união de grupos dispersos em núcleos cada vez maiores mediante a formação de laços afetivos entre os indivíduos.

Sem a sublimação não haveria cultura e conseqüentemente não se formariam indivíduos, no sentido de um ser relativamente diferenciado dos demais e da própria natureza.

As pulsões voyeur e exibicionista presentes tanto na apreciação quanto na criação estética transformadas pela sublimação – entendida como um mecanismo psicológico específico em que a repressão social age em nível individual para transformar as pulsões cuja finalidade original era o prazer imediato e individual em algo a ser estendido no tempo e compartilhado socialmente – são essenciais para a formação humana.

Não obstante, há dúvidas em relação à parte final da citação anterior, quando Freud diz que jamais poderemos achar realmente belos os próprios genitais.

Os gregos, por exemplo, tiveram uma atitude diferente frente aos genitais que diferiu da maior parte dos povos civilizados. Nas diversas épocas que marcaram aquela civilização, o nu aparecia constantemente em estátuas, estatuetas e vasos, como objeto de beleza. A perfeição estava presente no próprio ser e assim era representada na arte. Conforme menciona Andresen:

O nu é uma invenção grega. No Egito, na Assíria, na Caldeia, o nu é apenas uma maneira de vestir. Mas o pensamento grego crê na Aletheia, crê no não-coberto, no não-oculto, procura o homem não-coberto, nu. Desde o início o escultor grego, fundamentalmente, coloca-se não em frente do homem vestido com armadura de guerreiro ou vestes de escravo, sacerdote ou príncipe mas em frente da nudez do homem em si. Porque crê que o ser está no mundo em que estamos... O corpo humano para o artista

grego não é um modelo mas um módulo. E é fenômeno em que o ser se manifesta, emerge e brilha. É ser, estar, aparecer. Por isso o canon de Policleto não é um código estético – não se trata de <<criar>> mas sim de <<descobrir>>. Não se trata de criar uma forma de beleza pois a beleza não é exterior àquilo que manifesta. Trata-se de decifrar a lei do corpo humano, e a proporção – a simetria – que esse corpo manifesta e que o insere na ordem do universo... E por isso falar do nu na arte grega é sempre falar da relação do homem com o divino. (Andresen, 1992, p. 13/14)

O nu era valorizado pelos gregos não apenas na arte, mas também no cotidiano e se apresentava com naturalidade em diversas atividades:

O nu grego, possivelmente ligado a ritos antiquíssimos, está fundado numa religião e numa atitude intelectual. Mas está também ligado à vida social, aos costumes, à vida quotidiana, ao ginásio, à palestra e aos Jogos. O homem grego não teme o nu. O nu é para ele simultaneamente natural e sagrado. Na vida quotidiana a mulher está fechada no gineceu, não toma parte dos Jogos, não lança o disco, não corre nua no estádio. Por isso o nu feminino aparece na arte relativamente tarde. Mas a educação física é um dos fundamentos da paideia, da educação dos jovens, e no ginásio e na palestra como nos Jogos os homens estão nus. O pintor e o escultor têm todos os dias diante dos olhos o tema das suas obras. (Andresen, 1992, p. 63)

Como se pode ver, no período arcaico grego, o nu feminino praticamente não aparece. Segundo Andresen, o nu feminino só aparecerá posteriormente. “A história do nu grego é a história do nu masculino. O nu feminino, salvo raras exceções, é helenístico e pré-helenístico.” (Andresen, 1992, p. 69).

Nesse sentido, a cultura grega mostrou uma maior tolerância frente ao nu se comparada a outras culturas que foram e continuam sendo marcadas por uma repressão mais intensa da nudez.

Na história da civilização, o corpo de uma maneira geral foi rechaçado das mais variadas formas, constituindo-se simultaneamente como objeto de encanto e repúdio em razão de seu potencial para proporcionar prazer e dor aos indivíduos. Para Horkheimer e Adorno:

O amor-ódio pelo corpo impregna toda a cultura moderna. O corpo se vê de novo escarnecido e repellido como algo inferior e escravizado, e, ao mesmo tempo, desejado como o proibido, reificado, alienado. É só a cultura que conhece o corpo como coisa que se pode possuir; foi só nela que

ele se distinguiu do espírito, quintessência do poder e do comando, como objeto, coisa morta, “corpus”. (Horkheimer & Adorno, 1985, p. 217)

Não restam dúvidas que em épocas pretéritas, diante da fragilidade das organizações coletivas e da tênue separação existente entre homem e natureza, foi necessária uma forte repressão das pulsões para que a cultura pudesse se desenvolver. Porém, não significa que tal repressão deveria continuar com a mesma intensidade *ad infinitum*.

Diante do desenvolvimento material alcançado e do acúmulo de riqueza no mundo atual, todos os indivíduos já poderiam, pelo menos em termos objetivos, levar uma vida mais voltada ao prazer, isto é, um modo de vida em que Eros pudesse ter mais espaço para se desenvolver e se expressar.

A concepção de feiura dos genitais decorre principalmente dos tabus sexuais que a cultura precisou criar para conter os prazeres primários a que eles poderiam levar, estampando nos órgãos sexuais bem como no ânus uma imagem negativa. Não é por acaso ou naturalmente que eles são considerados feios esteticamente, mas sim em razão de toda uma história de repressão a que eles estiveram submetidos.

É certo também que sua função de excretar resíduos alimentares e o odor exalado também colaboraram para o asco frente a esses órgãos. Contudo, parece-me importante entender que a constituição das diversas formas de repugnância, fez com que os órgãos sexuais fossem considerados essencialmente como meio para se expelir substâncias orgânicas, desvinculados da obtenção do prazer sexual.

Relacionada com tais repugnâncias, está a cisão entre o prazer e a reprodução, que tem marcado a história da civilização. Ao destronar e reduzir o princípio do prazer a um mero apêndice, desvinculando-o do ato sexual direcionado à reprodução, a cultura desvalorizou a própria perpetuação da espécie.

Reduzida, a reprodução passou a se relacionar de forma mais acentuada com a auto-conservação – *Anake* – do que com o amor – *Eros*, e assim acabou por transfigurar o prazer sexual, modificando sua forma e direcionando-o para objetos distintos daquele em que a reprodução se efetuava.

Podemos citar como exemplo, as diversas formas de perversão, como os fetiches sexuais ou determinados comportamentos, como a frenética busca por prostitutas.

No caso da mulher, a repressão foi mais forte e proporcionou poucos espaços para o deslocamento da libido. Claro que nos dias atuais, com as conquistas do movimento feminista, esse espaço, pelo menos no ocidente, tem aumentado. No entanto, com a falta de uma autêntica liberdade sexual, a cisão tem se mantido.

Uma das raras tentativas históricas de se restaurar essa união entre *Eros* e *Anake* foi apresentada pelo romantismo burguês que, no entanto, acabou sendo frustrada pelo processo de desencantamento presente no mundo esclarecido.

Ao se referirem à obra de Sade, intitulada História de Juliete, Horkheimer e Adorno mencionam que, mesmo entre os libertinos que realizavam os mais ousados tipos de orgias sexuais, a separação entre atração sexual e ternura acaba sendo falsa.

Apesar de toda a libertinagem, os amigos de Juliette atribuem à sexualidade em oposição à ternura, ao amor terreno em oposição ao celestial, não apenas um poder um pouquinho excessivo, mas também um caráter excessivamente inócuo. A beleza do colo e torneado dos quadris agem sobre a sexualidade não como fatos a-históricos, puramente naturais, mas como imagens que encerram toda a experiência social. Nesta experiência está viva a intenção de algo diverso da natureza, o amor não limitado ao sexo. Mas a ternura, até mesmo a mais incorpórea, é a sexualidade metamorfoseada. A mão acariciando os cabelos e o beijo na fronte, que exprimem o desvario do amor espiritual, são formas apaziguadas de golpes e mordidas que acompanham, por exemplo, o ato sexual dos selvagens australianos. A separação é abstrata. (Horkheimer e Adorno, 1985, p. 103)

Em outras palavras, a atração sexual que aparenta ser natural, puramente instintiva, revela de maneira simultânea um conjunto de experiências históricas que permitiram com que a beleza do colo e o torneado dos quadris se constituíssem como objetos de investimento libidinal.

Por outro lado, a delicadeza de certos atos como o beijo fraternal e o toque carinhoso característicos das relações afetuosas em que o sexo não é permitido, trazem consigo a presença de elementos sexuais atenuados, relacionados a uma dimensão mais primitiva do homem.

Assim, podemos considerar um tipo de idealismo a dicotomia entre sexo e afeto realizada pela cultura, mas que não deixa de exercer profundos efeitos na subjetividade dos indivíduos, em razão de criar dificuldades para expressão simultânea do amor ternura (Ágape) e o amor sexual (Eros) frente a um mesmo objeto.

O corpo: um enigma para a civilização

3.1 Civilização e dominação do corpo

A natureza com sua força e seus mistérios ameaçou significativamente o homem ao longo do processo de desenvolvimento histórico. O desejo de conhecê-la para poder dominá-la e conseqüentemente vencer o medo que ela lhe suscitava, marcou decididamente a formação da civilização. O ser humano percebeu que a fragilidade de seu corpo, parte inerente dessa mesma natureza, ao atuar de forma isolada não teria êxito para garantir melhores condições de sobrevivência e desenvolvimento da espécie.

Para sobreviver e se desenvolver, o sujeito não poderia se manter isolado e submetido à natureza, isto é, ele deveria criar meios que lhe permitissem se adaptar e se relacionar com ela de forma mais eficaz, no sentido de amenizar o poder que esse universo natural exercia sobre ele. Tal processo teve como resultado uma gradativa diferenciação do sujeito frente ao objeto – natureza.

Entre os meios que proporcionaram uma maior separação do sujeito em relação à natureza, pode-se destacar: a descoberta do fogo; a criação de instrumentos como o machado e a lança que ampliaram o potencial dos órgãos físicos do ser humano; e por último, o mais importante, a agregação de um número crescente de sujeitos formando, ao longo da história, tribos, comunidades e povos em núcleos cada vez maiores e integrados, até resultar no que chamamos de civilização.

Para os indivíduos conviverem entre si, sem que os objetivos da coletividade fossem ameaçados, o núcleo social precisou desenvolver regras de comportamentos a fim de que o prazer individual não prevalecesse sobre o interesse geral. Para Freud:

Mais uma vez, portanto, nos contentaremos em dizer que a palavra “civilização” descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem

nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuitos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e de ajustar os seus relacionamentos mútuos... Reconhecemos como culturais todas as atividades e recursos úteis aos homens, por lhes tornarem a terra proveitosa, por protegerem-nos contra a violência da natureza, e assim por diante. Em relação a esse aspecto da civilização, dificilmente pode haver qualquer dúvida. Se remontarmos suficientemente às origens, descobriremos que os primeiros atos de civilização foram a utilização de instrumentos, a obtenção do controle sobre o fogo e a construção de habitações. Entre estes, o controle sobre o fogo sobressai como uma realização extraordinária e sem precedentes, ao passo que os outros desbravaram caminhos que o homem desde então passou a seguir, e cujo estímulo pode ser facilmente percebido. Através de cada instrumento, o homem recria seus próprios órgãos, motores ou sensoriais, ou amplia os limites de seu funcionamento. (Freud, 1997, p. 41-43)

Não obstante, a ameaça de destruição não provinha apenas da natureza externa, mas também da dimensão anímica que os indivíduos traziam consigo, representada por pulsões primitivas. Segundo Freud, o prazer individual foi submetido ao controle da coletividade:

A vida humana em comum só se torna possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isolado e que permanece unida contra todos os indivíduos isolados. O poder dessa comunidade é então estabelecido como “direito”, em oposição ao poder do indivíduo, condenado como “força bruta”. A substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo da civilização. Sua essência reside no fato de os membros da comunidade se restringirem em suas possibilidades de satisfação, ao passo que o indivíduo desconhece tais restrições. (Freud, 1997, p. 49)

O objetivo fundamental das coletividades continuou sendo o mesmo que as levaram a se formar, ou seja, conservação, reprodução e desenvolvimento da espécie. No núcleo do processo formador da civilização, está o medo objetivo de aniquilamento frente a uma natureza enigmática e esmagadora.

As descobertas e criações – fogo; instrumentos para caça etc – do homem primitivo bem como as regras estabelecidas para controlar a convivência entre os indivíduos não foram suficientes para abolir esse medo. A gradativa diferenciação entre sujeito e natureza tornou-se fonte significativa de angústia e irrompeu uma desesperada procura de sentido para a realidade, que frequentemente extrapolava as experiências concretas dos homens na vida terrena.

Os passos decisivos para minimizar o horror frente à morte e à falta de sentido da vida foram as diversas formas de esclarecimento que acompanharam o desenvolvimento da civilização, como: magia, mito, religião, filosofia e ciência. Cada uma dessas formas teve determinadas características que resultaram em entendimentos específicos sobre o que vinha a ser a natureza e a vida humana bem como em práticas distintas para poder manipulá-las. Na *Dialética do Esclarecimento*, Horkheimer e Adorno afirmam:

A duplicação da natureza como aparência e essência, ação e força, que torna possível tanto o mito quanto a ciência, provém do medo do homem, cuja expressão se converte na explicação. (Horkheimer & Adorno, 1985, p. 29)

O corpo como elemento da natureza do próprio sujeito também precisou ser entendido e dominado. É importante levar-se em consideração, que durante a história da civilização, a compreensão dos fenômenos atrelou-se frequentemente à possibilidade de controlá-los, isto é, o fato de o esclarecimento, nas suas várias formas, ter voltado-se fundamentalmente para fins práticos não nos permite dissociá-los.

Não é o objetivo desta pesquisa fazer um levantamento histórico detalhado sobre as diversas formas que marcaram a dominação do corpo. No entanto, creio que alguns apontamentos seriam interessantes para podermos visualizar diferenças e semelhanças em relação à concepção de corpo na atualidade.

Ao longo do desenvolvimento da civilização, a relação dos homens com o corpo foi caracterizada por uma complexa ambivalência; algumas vezes considerado objeto de veneração, outras de repúdio.

Como parte inerente da natureza humana, o corpo foi objeto de controle tanto no desenvolvimento da filogênese (gênero humano) quanto da ontogênese (indivíduo). Na questão do corpo, mais uma vez aproximam-se a história do indivíduo e a história da civilização, no sentido de a repressão das pulsões ser o denominador comum.

As pulsões originam-se do corpo. Entende-se o corpo, grosso modo, como a dimensão biológica e particular do sujeito que o delimita espacialmente e temporalmente no mundo. A tensão oriunda de alguma insatisfação ou necessidade corporal gera pulsões psíquicas – representantes psíquicos de tensões somáticas – que exigem do meio externo sua eliminação mediante práticas que retirem o fator desencadeante da insatisfação. Isso, por sua vez, irá provocar outros tipos de pulsões transmitindo sensações de prazer, caso o meio atenda efetivamente essa demanda.

As fontes das primeiras sensações de prazer e desprazer experimentadas pelo homem primitivo e pela criança são predominantemente corporais. Aos poucos, com o desenvolvimento da filogênese e da ontogênese, surgem outras formas de

prazer mais complexas, não imediatamente relacionadas à satisfação de necessidades biológicas, tal como a apreciação estética que será tratada mais adiante.

Na realidade, o bebê não consegue perceber imediatamente o corpo como algo distinto do meio que o circunda. As fontes de excitações tanto externas (meio) quanto internas (corpo) são experimentadas de forma difusa. Somente aos poucos, com o desenvolvimento motor, cognitivo e a aquisição da linguagem é que se efetiva a delimitação corporal.

De maneira semelhante à filogênese, no início da infância, o prazer encontra-se amplamente vinculado a atividades que envolvem a auto-conservação do sujeito, como: sugar o seio materno para obtenção do alimento; evacuação dos resíduos alimentares não utilizados pelo organismo, estabelecimento de contatos com indivíduos próximos que garantam proteção à criança e o sentimento de ser amada.

Com raras exceções, os prazeres corporais que extrapolam a auto-conservação são precocemente reprimidos. A educação dada pelas diversas instituições sociais, entre elas a família, mostra que o prazer deve basicamente dirigir-se para atividades que tenham alguma finalidade, ou seja, que tragam algum benefício para a coletividade e portanto estejam além do prazer como um fim em si mesmo. Segundo Freud:

A tendência por parte da civilização em restringir a vida sexual não é menos clara do que sua outra tendência em ampliar a unidade cultural. Sua primeira fase, totêmica, já traz com ela a proibição de uma escolha incestuosa de objeto, o que constitui, talvez, a mutilação mais drástica que a vida erótica do homem em qualquer época já experimentou. Os tabus, as leis e os costumes impõem novas restrições, que influenciam tanto homens quanto mulheres. (Freud, 1997, p. 59)

As atividades auto-eróticas como a masturbação ou o chupar os dedos, por exemplo, são bastante combatidas durante a formação do indivíduo.

A partir disso, começam a se formar sentimentos ambivalentes em relação aos órgãos relacionados com essas práticas, isto é, aquelas partes do organismo que são dotadas de terminações nervosas altamente excitáveis e que provocam forte prazer ao serem estimuladas, tornam-se fontes de desprazer por meio das diversas formas de repressão adotadas pelos educadores, que variam desde ao “não toque nisso porque é feio e sujo”, até castigos mais cruéis, como surras e espancamentos.

Essas são formas de punição externa. Porém, segundo Freud, após a incorporação das regras e costumes sociais, temos outra forma de punição aplicada pelo próprio sujeito contra si, experimentada como sentimento de culpa.

A internalização das regras, valores e costumes sociais ditados pelos pais e educadores resultou na formação do que Freud denominou superego. Essa ins-

tância psíquica é uma espécie de juiz que julga e pune as ações cometidas pelo sujeito. É um prolongamento da autoridade exterior e opera fundamentalmente de maneira inconsciente.

A diferença principal em relação às autoridades externas é que o ato não precisa ser necessariamente praticado para que o sentimento de culpa aflore. O mero pensamento ou desejo de fazer uma coisa não permitida socialmente já é suficiente para despertar esse sentimento bem como a necessidade de punição, objetivando o acerto de contas do sujeito consigo mesmo. Referindo-se ao processo de desenvolvimento do indivíduo, Freud afirma:

Uma grande mudança só se realiza quando a autoridade é internalizada através do estabelecimento de um superego. Os fenômenos da consciência atingem então um estágio mais elevado. Na realidade, só então devemos falar de consciência ou de sentimento de culpa. Nesse ponto, também, o medo de ser descoberto se extingue; além disso, a distinção entre fazer algo mau e desejar fazê-lo desaparece inteiramente, já que nada pode ser escondido do superego, sequer os pensamentos. (Freud, 1997, p. 85/86)

Antes dessa citação, Freud alerta para o fato de algumas pessoas não apresentarem culpa por praticarem ou pensar em praticar determinados atos. O problema para esses indivíduos está na possibilidade de serem descobertos por alguma autoridade:

Esse estado mental é chamado de “má consciência”; na realidade, porém, não merece esse nome, pois, nessa etapa, o sentimento de culpa é, claramente, apenas um medo da perda de amor, uma ansiedade “social”. Em crianças, ele nunca pode ser mais do que isso, e em muitos adultos ele só se modifica até o ponto em que o lugar do pai ou dos dois genitores é assumido pela comunidade humana mais ampla. Por conseguinte, tais pessoas habitualmente se permitem fazer qualquer coisa má que lhes prometa prazer, enquanto se sentem seguras de que a autoridade nada saberá a respeito, ou não poderá culpá-las por isso; só têm medo de serem descobertas. A sociedade atual, geralmente, vê-se obrigada a levar em conta esse estado mental. (Freud, 1997, p. 85)

Nesse ponto há uma importante diferença histórica; o que era exceção no final do século XIX e início do século XX, quando Freud elaborou a teoria psicanalítica, tornou-se regra na sociedade atual. Como será visto adiante, o sentimento de culpa resultante do conflito entre ego e superego reduziu bastante e

os indivíduos, de maneira geral, sentem-se menos culpados em experimentar os diversos tipos de situações que envolvem a obtenção do prazer.

É importante salientar que a repressão da sexualidade extrapola o prazer proveniente das práticas auto-eróticas que envolvem a estimulação direta de zonas erógenas. A curiosidade em olhar e a disposição para exibir determinadas regiões do corpo, especialmente os órgãos genitais, também são contidas durante a formação do indivíduo e perpetua-se ao longo de sua vida.

O prazer e desprazer derivados dessas práticas são indissociáveis; olhar para aquilo que está oculto e mostrar o não permitido provoca um choque com uma cultura que interdita a expressão da sexualidade.

É difícil tentar dizer o que vem primeiro: se o prazer decorre diretamente da excitação de exibir e observar os genitais ou se esse mesmo prazer é suscitado em consequência da interdição, ou seja, do gozo em desafiar e experimentar aquilo que é negado, escondido e camuflado pela cultura. Possivelmente ocorrem as duas coisas, ou seja, essas formas de prazer são oriundas de pulsões primárias que se intensificam pela proibição social.

3.2 O nu como objeto de tabus sexuais

A proibição e os castigos frente à concretização das pulsões do olhar variam historicamente e embora sejam denominadores comuns na civilização, pode-se encontrar diferentes intensidades em sua aplicação, dependendo de como a sexualidade é concebida por determinada cultura.

Utilizo o termo pulsões do olhar para designar tanto as pulsões voyeur quanto a exibicionista, em razão de o olhar se constituir, de maneira distinta, o foco destas duas formas de prazer: o olhar como meio no voyeurismo – observar algo que chame a atenção – e o olhar como objeto no exibicionismo – mostrar algo que desperte a atenção do outro.

Talvez o melhor termo fosse pulsões da atenção, visto que nada impede que uma pessoa com deficiência visual desenvolva pulsões voyeur e exibicionista, com outras formas de manifestação que não sejam visuais. Isto também vale para sujeitos que não apresentam essa deficiência, mas que incitados por tais pulsões, sentem prazer por meio de outras formas de estímulo, não necessariamente visuais.

Exemplos disso são os sujeitos que sentem prazer em apenas escutar outras pessoas tendo relacionamento sexual ou aqueles que gostam de saber da intimidade alheia mediante as chamadas “fofocas”. Locutores também podem se gabar de sua voz possante e escritores das ideias expressas em um livro.

Para citar algumas diferenças históricas em relação ao nu, podemos citar Bologne. Segundo esse autor, os banhos públicos em termas eram uma prática comum na Roma Antiga e na Idade Média. Primeiramente esses banhos eram

tomados separadamente por homens e mulheres, mas depois surgiram os banhos mistos de que muitas pessoas se aproveitavam para namorar.

Os banhos públicos eram uma verdadeira instituição na Roma antiga. Ruínas romanas espalhadas pela Europa guardam ainda hoje resquícios das termas, espécie embrionária de sauna. Por um período, havia banhos separados para homens e para mulheres. Na época imperial, porém, surgiram os banhos mistos. Os costumes haviam se degradado. (Bologne, 2006, p. 27)

Sabe-se, por exemplo, que atualmente na Alemanha em uma determinada época do ano, os homens costumam tomar banhos nus publicamente na água gelada.

O carnaval brasileiro é uma festa popular que também oferece espaço para os indivíduos se apresentarem totalmente ou parcialmente despidos no ambiente público.

Há também outras formas permitidas para a expressão dessas pulsões em que ocorre um deslocamento da libido para outras áreas não imediatamente sexuais. Poderíamos citar vários exemplos, entre eles: a comercialização de momentos corriqueiros da intimidade pela mídia, como brigas conjugais, namoros, viagens e intrigas envolvendo indivíduos famosos ou anônimos; o culto ao corpo realizado nas academias de ginástica.

Porém, quando essas pulsões têm por objeto a nudez, a proibição cultural pode ser suficiente para contê-las em algumas formas públicas, mas por outro lado, tem aberto vários espaços para sua manifestação.

Se indivíduos com tendências ao exibicionismo não podem transitar nus pelas calçadas dos centros urbanos, não são impedidos de se despirem frente às lentes dos fotógrafos das revistas pornográficas.

Da mesma forma, indivíduos com uma maior disposição ao prazer voyeur, se não podem, em termos legais, observar a vizinha tomando banho, porém a eles é permitido ir ao cinema ou alugar um filme que contenha sujeitos nus ou tendo relacionamentos sexuais.

Como já vimos, as pulsões originam-se basicamente de tensões corporais, sejam essas relacionadas diretamente à sobrevivência, como a ingestão de alimentos, ou a necessidades mais flexíveis, como o prazer sexual, suscetíveis a transformações por meio de mecanismos psíquicos de defesa, como a sublimação.

Tensão é uma característica inerente a todo o organismo vivo. As pulsões provocadas por ela são compostas pelo ciclo desprazer – prazer, isto é, o organismo percebe o acúmulo de determinado nível de tensão como uma sensação de desprazer e a supressão como prazer.

Diante dos elementos levantados, pode-se considerar as pulsões escopofílica e exibicionista como secundárias em razão de não decorrerem diretamente e exclusivamente de necessidades biológicas.

Em última instância, essas pulsões são intensificadas pela densa cortina tecida por uma cultura que ao ocultar os órgãos sexuais, provoca a manifestação do intenso desejo humano de conhecimento, convertendo algo tão próximo e comum, como os genitais, em um objeto místico. Para Rickles, essa questão mágica presente na exibição dos genitais remonta a épocas remotas:

Uma das características mais notáveis e dramáticas do exibicionismo patológico tal como ele hoje se manifesta é a aura de significado místico e mágico em que o exibicionista frequentemente reveste seu próprio ato. Ele parece algumas vezes, dentro de sua própria mente, elevar seu gesto de exibição para o nível de um ritual religioso em que expõe simbolicamente seu corpo nu e particularmente seu órgão genital como objeto de reverência. Sem dúvidas, essa atitude está baseada em um elemento filogenético no sentido de que o falo tem sido reverenciado e considerado como fonte de poder mágico desde a origem do homem.¹ (Rickles, 1950, p. 7)

Cabe mencionar que esse autor analisa fundamentalmente a dimensão sexual desse fenômeno, baseada nas classificações médicas. Quando pensamos em outras formas de expressão das pulsões do olhar, surgem novas dimensões que devem ser consideradas, como a busca do conhecimento e a apreciação estética.

Além da pulsão voyeur, de maneira distinta, a pulsão exibicionista também gera conhecimento, pois, quando o sujeito se exhibe para o outro, como se estivesse diante de um espelho, ele espera conhecer-se mediante as reações, que podem ser de admiração ou de espanto, provocadas no outro.

Se a livre expressão dos genitais fosse permitida, talvez resultasse numa significativa redução do desejo de vê-los e mostrá-los, mas não sua eliminação, pois, tratam-se de órgãos com grande capacidade de excitação. Diante disso, um dos motivos de terem sido criadas regras sociais para ocultar a genitália por meio do uso de vestes foi a vergonha que ela suscitava.

Com a ocultação dos genitais temos uma antecipação da defesa frente ao prazer sexual. Na realidade, como já foi dito anteriormente, o que está em jogo não são os órgãos sexuais em si, mas sim ao que eles remetem e tão obstinadamente a sociedade tenta manter sob controle: o prazer sexual.

No texto *Los tabus sexuales y el derecho hoy*, Adorno levanta vários elementos que desmantelam a apologia da liberdade sexual feita pela indústria cultural, entre eles: a perseguição às prostitutas e o preconceito contra os homossexuais.

Também pode-se citar o asco que o nu ainda provoca no mundo atual. A persistência dos tabus sexuais nos permite afirmar que a repressão do sexo ainda

1 As traduções dos textos em outros idiomas foram realizadas pelo autor deste livro.

continua existindo na sociedade contemporânea, atuando de diferentes formas, principalmente como liberdade aparente:

Não cabe senão responder que a liberdade sexual, na sociedade atual, não passa de pura aparência. O que se tem produzido a seu respeito é o que a sociologia, em outro contexto, denomina, com uma expressão preferida, uma integração; algo semelhante a como a sociedade burguesa dominou a ameaça do proletariado, ao incorporá-lo... O sexo, deformado e modificado, oprimido com imposições e explorado de mil maneiras pela indústria material e cultural, é digerido, institucionalizado, administrado pela sociedade, em conformidade com sua manipulação. Somente enquanto está submetido ele é permitido. (Adorno, 1969, p. 92)

Por detrás de toda essa liberalização, os tabus relativos à exposição dos genitais mostra o quanto a sexualidade ainda é vista com “maus olhos” pela sociedade. A concepção é de algo sujo e impuro que deve ser afastado do domínio público, salvo uma de suas formas resultante dessa integração da sexualidade, a saber: a pornografia explorada exaustivamente pela indústria cultural.

Essa é uma importante diferença se compararmos a exploração do prazer sexual existente na atualidade com épocas pretéritas em que o sexo pertencia quase que exclusivamente ao mundo privado. Com a indústria da cultura, o sexo também começou a fazer parte da esfera pública, só que como meio de entretenimento, perdendo assim sua seriedade característica. Para Adorno:

Falar de tabus sexuais soa algo anacrônico, numa época em que toda moça que se tornou independente materialmente de seus pais, tem seu amante; em uma época em que os meios de massa empregados pela propaganda, para ofensa de seus opositores partidários de uma restauração, provocam incansavelmente excitação sexual, e naquilo que os norte-americanos chamam de uma vida sexual saudável, uma vida sexual sã, forma parte, por assim dizer, da higiene física e psíquica. O tema está subordinado a uma espécie de moral da diversão, *funmorality*, segundo a graciosa expressão dos sociólogos Wolfenstein e Leites. (Adorno, 1969, p. 92)

Ninguém poderia afirmar que não se fala, não se mostra ou não se faz sexo com grande frequência na atualidade. Fala-se, mostra-se e faz. Nesse ponto os tabus sexuais perderam sua força. No entanto, a questão é de como tais comportamentos se realizam. E aqui temos duas maneiras que denunciam o quanto o sexo ainda perturba a sociedade e necessita ser dominado.

Em primeiro lugar, temos a presença de uma frieza cadavérica quando ele é tratado pelos diversos meios educativos. As fantasias e idealizações são substituídas por um discurso mecanicista que reduz significativamente a possibilidade de existência do encanto nos relacionamentos amorosos.

Um dos exemplos disso é o discurso em relação à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis em que o ritual higiênico deve prevalecer sobre os contatos efetivamente íntimos.

Em segundo lugar, a necessidade de diversos temas sexuais serem tratados sob a forma de piadas para poderem ser expressos e com isso dar vazão a um tipo de agressividade inconsciente acumulada. Agressividade essa decorrente em parte da própria repressão de ideias vinculadas às pulsões com as quais a cultura, na maioria das vezes, não colabora para canalizá-las de forma racional, contribuindo assim para a formação de diversos tipos de preconceitos e tabus relacionados à sexualidade.

A maioria das piadas e xingamentos por meio dos quais os indivíduos descarregam as pulsões é marcada por uma hostilidade frente à sexualidade. As palavras chamadas obscenas geralmente dirigem-se aos genitais de forma pejorativa e vil.

Caberia a pergunta sobre o porquê da persistência de impedimentos sociais para o desenvolvimento de uma autêntica liberdade sexual se considerarmos a riqueza material acumulada que poderia amenizar o tempo gasto com o trabalho e consequentemente permitir a realização de atividades que estivessem mais voltadas ao prazer como um fim em si mesmo. Entre elas estaria o próprio sexo com maior grau de liberdade, sem a constante atuação de mecanismos repressivos anacrônicos.

Como Adorno bem afirma: “É impossível pensar, em uma sociedade não livre, na liberdade sexual, assim como em nenhuma outra liberdade” (Adorno, 1969, p. 94).

Não poderíamos de fato esperar encontrar liberdade sexual em uma sociedade não livre, isto é, marcada pela exploração de poucos sobre muitos. O interesse da classe dominante é de que as coisas permaneçam como estão. Caberia também pensar se esses poucos indivíduos que detêm o poder possuem de fato um maior grau de liberdade sexual se comparados aos demais. Resposta essa que possivelmente seria negativa.

Outro fato que explicita o cativeiro social e sexual dos indivíduos no mundo atual é a própria escolha do objeto amoroso. Pelo que podemos notar, apesar de todo discurso otimista frente ao desmoronamento de fronteiras culturais propiciadas pelo processo de globalização do mundo neoliberal, a sociedade ainda continua dividida em classes.

As diferenças entre as classes sociais, principalmente em termos econômicos, continuam marcantes e dificultam o estabelecimento de relações afetivas entre seus membros. Os ambientes frequentados pelos indivíduos ficam geralmente

restritos ao seu poder econômico e conseqüentemente limitam os contatos sociais estabelecidos. Em uma sociedade com maior liberdade, tais contatos poderiam ser bem mais abrangentes.

A integração do sexo na sociedade contemporânea que o transformou, conforme Adorno menciona, em uma variação do esporte, neutralizou seu potencial de fornecer ao ser humano um prazer autêntico.

A energia psíquica que deveria ser canalizada para a efetivação desse prazer, com maior liberdade frente às amarras repressivas, é mantida à disposição da sociedade para ser empregada na produção e no consumo.

O capitalismo necessita da libido dos indivíduos para poder se perpetuar. Se por um lado, o trabalho é frequentemente experimentado como fonte de desprazer pelo indivíduo e, nesse ponto, a sociedade capitalista não faz qualquer empenho para camuflar os infortúnios relacionados ao labor, por outro lado, no âmbito do consumo, a propaganda apresenta a aquisição dos mais variados produtos como fonte máxima de prazer.

Os indivíduos são persuadidos a acreditar que o autêntico prazer provém do consumo, funcionando como uma espécie de anestésico para que eles se adaptem da melhor maneira possível às condições – via de regra – degradantes envolvidas no trabalho.

O capitalismo está muito além de determinar apenas as relações econômicas; ele cria uma ilusão social mediante a indústria cultural e trai os indivíduos ao não cumprir efetivamente a promessa de felicidade enunciada. Nas palavras de Horkheimer e Adorno:

A indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer. A promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação, é prorrogada indefinidamente: maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio. (Horkheimer & Adorno, 1985, pp. 130/131)

Para expandir constantemente o ciclo produção – consumo e gerar lucros exorbitantes, a lógica do sistema capitalista precisa em um primeiro momento produzir certos anseios no indivíduo para depois convencê-lo, por meio da propaganda, que os produtos oferecidos lhe trarão felicidade. Como esse prazer é fugaz, o indivíduo sente uma ansiedade de consumir cada vez mais para assim tentar suprir o vazio subjetivo.

É importante lembrar que para Adorno, o indivíduo não é passivo nessa relação com a indústria cultural. Não há um grande esforço por parte dela para

disfarçar o engodo presente nas suas produções, isto é, o fato de na realidade serem bem menos daquilo que pretendem ser. Para esse autor:

A ideia de que o mundo quer ser enganado tornou-se mais verdadeira do que, sem dúvida, jamais pretendeu ser. Não somente os homens caem no logro, como se diz, desde que isso lhe dê uma satisfação por mais fugaz que seja, como também desejam essa impostura que eles próprios entrevem; esforçam-se por fecharem os olhos e aprovam, numa espécie de autodesprezo, aquilo que lhes ocorre e do qual sabem porque é fabricado. Sem o confessar, pressentem que suas vidas se lhes tornam intoleráveis tão logo não mais se agarrem a satisfações que, na realidade, não o são. (Adorno, 1971, p. 292)

Esse é o paradoxo da indústria cultural: parece que quanto mais evidente é a sua mentira, com maior tenacidade os indivíduos se apegam.

No entanto, em decorrência da precária situação econômica em que grande parte dos indivíduos se encontra, na maioria das vezes eles se esforçam mais para evitar o desprazer, isto é, realizam atividades voltadas fundamentalmente para a garantia da sobrevivência.

As novas formas de manifestação da sexualidade na sociedade contemporânea não aboliram as proibições sociais de observação e exibição pública dos genitais. Essa questão é importante e merece ser examinada mais detidamente.

Marcuse (1979) chama de liberalização sexual os mecanismos repressivos presentes nessa sociedade, ou seja, uma liberdade heterônoma, controlada e administrada pela sociedade. Sem dúvida que com tal liberalização, o nu ficou muito mais fácil de ser visto ou exibido por meio dos inúmeros produtos comercializados que exploram as diversas formas de pré-prazer, entre elas, as pulsões escopofílicas e exibicionistas.

Em relação ao aspecto comercial da exploração dessas pulsões, frisa-se uma diferença entre os prazeres de olhar e exhibir-se. Enquanto, via de regra, no primeiro caso os indivíduos gastam dinheiro para experimentarem essa forma de prazer – seja comprando produtos do gênero ou assistindo algum show – no segundo caso, os sujeitos frequentemente recebem para mostrar o seu corpo.

Na indústria pornográfica, o exibicionismo e o voyeurismo assumem posições distintas. Sem dúvida, nessa forma de expressão do voyeurismo, o que está em jogo é essencialmente o prazer de olhar.

Contudo nesse tipo de exibicionismo, vamos chamá-lo de comercial, o fato de o corpo ter se tornado um produto lucrativo na sociedade atual em que determinados indivíduos fazem disso a sua profissão, dificulta o estabelecimento dos limites entre o prazer em si, relacionado à exibição corporal, e aquele mais voltado para o aspecto financeiro.

Analisar a existência ou não dessa distinção seria importante, mas como não é esse o objetivo deste trabalho, contentamo-nos apenas em apontá-la.

3.3 Dialética no uso de vestes: repressão e erotismo

Para se compreender a constituição das pulsões voyeur e exibicionista bem como os tabus levantados ao longo da história a fim de contê-las, é necessário analisar detidamente seus fundamentos, ou seja, os diversos elementos determinantes do desenvolvimento da sexualidade humana. Como sustentamos a concepção de que há uma aproximação entre ontogênese e filogênese, nos remeteremos frequentemente aos primórdios da formação da civilização. Segundo Freud:

O processo da civilização da espécie humana é, naturalmente, uma abstração de ordem mais elevada do que a do desenvolvimento do indivíduo, sendo, portanto, de mais difícil apreensão em termos concretos; tampouco devemos perseguir as analogias a um extremo obsessivo. Contudo, diante da semelhança entre os objetivos dos dois processos – num dos casos, a integração de um indivíduo isolado num grupo humano; no outro, a criação de um grupo unificado a partir de muitos indivíduos -, não podemos surpreender-nos com a similaridade entre os meios empregados e os fenômenos resultantes. (Freud, 1997, p. 104)

O dogma do pecado original descrito no livro do Gênesis pode ser um ponto importante para o entendimento da concepção do corpo impuro, isto é, como algo que não poderia ser mostrado, visto e ainda menos tocado. Segundo esse livro, enquanto Eva não havia sido tentada pela serpente, a nudez não era motivo de vergonha, conforme podemos depreender da seguinte passagem:

Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à mulher, tornando-se os dois uma só carne. Ora, um e outro, o homem e sua mulher, estavam nus e não se envergonhavam. (Gênesis, 1993, p. 4)

Adão e Eva somente terão vergonha de sua nudez após comerem o fruto proibido da árvore localizada no jardim do Éden. A partir disso, a nudez começa a se constituir como um problema.

A mulher viu que a árvore era bonita e que as suas frutas eram boas de se comer. E ela pensou como seria bom ter conhecimento. Aí apanhou uma

fruta e comeu; e deu ao seu marido,² e ele também comeu. Nesse momento os olhos dos dois se abriram, e eles perceberam que estavam nus. Então costuraram umas folhas de figueiras para usar como tangas. Naquele dia, quando soprava o vento suave da tarde, o homem e a sua mulher ouviram a voz do senhor Deus, que estava passeando pelo jardim. Então se esconderam dele, no meio das árvores. Mas o senhor Deus chamou o homem e perguntou: – Onde é que você está? O homem respondeu: – Eu ouvi a tua voz, quando estavas passeando pelo jardim, e fiquei com medo porque estava nu. Por isso me escondi. Aí Deus perguntou: – E quem foi que lhe disse que você estava nu? Por acaso você comeu a fruta da árvore que eu o proibi de comer? (Gênesis, 1988, p. 3)

Dessa forma, estabeleceu-se um vínculo entre o conhecimento do bem e do mal com o fato de estar vestido ou despido. A consciência do mal adquirida ao infringir a determinação divina, levou o casal prototípico, por si mesmo, a tomar a decisão de cobrir as regiões genitais. Atitude essa que, segundo o Gênesis, posteriormente será ratificada por Deus.

Fez o Senhor Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu. Então, disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente. (Gênesis, 1993, p. 5)

Tomar da árvore da vida seria o antídoto para escapar da pena a que o Homem foi condenado por experimentar o fruto proibido, a saber: sofrimento dos mais variados gêneros, labuta para garantir a sobrevivência e por fim a morte. “No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás” (Gênesis, 1993, p. 5).

Para que a pena fosse cumprida e não tivessem acesso a árvore da vida, Adão e Eva foram lançados para fora do Éden. Diante dos objetivos deste estudo, ficaremos restritos à dimensão sexual desse mito.

Ao comer o fruto, o Homem adquiriu má consciência diante da exposição dos genitais. Essa experiência, até então desconhecida, trouxe uma conotação diferente ao nu que se tornou um elemento perturbador das relações.

Na civilização, esse processo se reproduz durante o processo de formação do indivíduo em uma dimensão maior, isto é, por intermédio das diversas instituições culturais.

2 Várias traduções foram consultadas, inclusive em inglês e espanhol, e todas apresentam o termo marido.

O sujeito não nasce com má consciência frente à exposição de seus órgãos genitais, mas a adquire ao longo das relações estabelecidas com seu meio social: o nu é considerado imoral e o uso de vestes pudico.

Nesse sentido, comparando com o mito, as crianças revivem a tragédia do Homem primordial; ao adquirirem a noção de imoralidade imposta a sua genitália, são de certa forma expulsas do paraíso, só que agora não mais por Deus e sim pela cultura.

A cultura transforma os órgãos sexuais, assim como as pulsões que estão vinculadas a eles, em um fardo a ser carregado pelo indivíduo durante sua existência.

Na história da civilização, diversos costumes culturais relacionados aos genitais variaram bastante em termos de hostilidade para com esses órgãos. Entre eles, citam-se: a circuncisão na religião Judaica, caracterizada pela retirada do prepúcio no momento do nascimento do varão; uso forçado de cintos de castidade em algumas mulheres européias nos séculos XVIII e XIX; retirada do clitóris em alguns países orientais de origem islâmica.

O que essas atitudes hostis frente à sexualidade têm em comum é a concepção de alguma forma de impureza dos genitais, seja em termos higiênicos, religiosos ou morais.

Porém, como os genitais possuem outras finalidades, como a reprodução e a excreção, tornam-se objetos a serem tolerados e fortemente controlados. Na realidade, para a civilização os órgãos sexuais não são malditos em si mesmos; a maldição recai fundamentalmente sobre o seu potencial para gerar prazer.

A constituição da cultura se fundamentou em grande parte no rígido controle do prazer sexual. Em *O mal-estar na civilização*, Freud lembra-nos que parte significativa dessa energia sexual é inibida em seus objetivos e utilizada na formação de laços afetivos necessários à união dos indivíduos dentro dos grupos, visando à consecução de objetivos comuns. A amizade seria um afeto inibido cuja base é de cunho sexual.

O choque que os escritos de Freud causaram na cultura de sua época, mais especificamente com a publicação da obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, foi principalmente por mostrar que, já nos primeiros anos de vida, a criança sente prazer sexual e não é aquele ser “inocente” concebido pela sociedade. Inocência aqui entendida dentro dos parâmetros culturais daquele momento histórico e ainda presente na atualidade, ou seja, como ausência de desejos sexuais.

A concepção freudiana em relação à sexualidade perverso polimórfica da criança mostrou aquilo que a sociedade, devido as suas práticas de repressão à sexualidade infantil, há muito tempo já sabia, mas que negava veemente. A Psicanálise desmascarou e colocou o dedo em uma das feridas mais profundas da civilização, a saber: o prazer sexual precoce.

O mito do Édipo e o tabu do incesto levantado a muito tempo pela civilização denuncia seu conhecimento acerca da sexualidade infantil. Se se criou um tabu social tão poderoso é porque certamente existia a ciência ou pelo menos a suspeita de algo não menos forte a ser controlado.

A castração acompanhou a civilização desde os tempos primordiais e sua atuação se estendeu para além da repressão das pulsões básicas – *Eros e Tanatos* – englobando também algumas pulsões parciais. A mera visão e exibição dos órgãos sexuais tornaram-se ameaças potenciais à ordem cultural, em razão de tais condutas poderem irromper o desejo proibido.

Em consequência, sendo os genitais uma das principais fontes do desejo e também os meios para poder suprimi-lo temporariamente mediante práticas de satisfação direcionadas aos objetos de amor ou ao próprio sujeito, foram condenados a permanecerem escondidos, longe do âmbito público e frequentemente do privado também.

No fundo, a ideia presente seria a de cortar o mal pela raiz. Segundo a historiadora Del Priore, no século XIX, a repulsão ao nu se apresentou de maneira intensificada:

No século XIX, a repressão sexual se acentua. O quarto do casal, espaço onde se entrincheirava a sexualidade conjugal, devia ser um santuário; a cama, o altar onde se celebrava a reprodução... Os corpos estavam sempre cobertos e há registros orais de camisolas e calçolas com furos na altura da vagina. A nudez completa só começa a ser praticada no início do século XX; antes estava associada ao sexo no bordel. Tudo era proibido. Fazia-se amor no escuro, sem que o homem se importasse com o prazer da mulher. Considerava-se que a familiaridade excessiva entre os pares provocava desprezo. A nudez, por exemplo, era evitada a todo custo, mesmo entre casados. (Del Priore, 2006, p. 43)

Freud fundamentou as suas hipóteses sobre as atitudes adotadas pela civilização diante do nu na própria evolução da espécie. No momento em que o Homem adotou a postura ereta, os órgãos sexuais ficaram mais visíveis e consequentemente aumentou a necessidade de protegê-los e a vergonha em face de sua maior exposição. Além do mais, com a alteração da postura, o sentido do olfato tornou-se menos marcante e a visão assumiu posição majoritária.

A própria diminuição dos estímulos olfativos parece ser consequência de o homem ter-se erguido do chão, de sua adoção de uma postura ereta; isso tornou seus órgãos genitais, anteriormente ocultos, visíveis e necessi-

tados de proteção, provocando desse modo sentimentos de vergonha nele. (Freud, 1997, p. 54)

Marcuse aprofunda a discussão em relação ao ponto de vista freudiano, afirmando que os sentidos de contiguidade – cheirar e saborear – por se aproximarem mais diretamente do sexo e darem vazão às pulsões mais primitivas, necessitaram de uma gradativa substituição pelo prazer em ver que representa uma forma mais sublimada de prazer sexual e portanto mais compatível com os ideais culturais.

O prazer de cheirar e saborear, segundo uma citação de Shachtel feita por Marcuse em *Eros e Civilização*, é:

de uma natureza muito mais corporal, mais física, logo também muito mais aparentado ao prazer sexual do que o prazer mais sublime suscitado por um som ou ao menos corporal de todos os prazeres, a visão de algo belo. (Marcuse, 1999, p. 54)

As pulsões relacionadas ao olhar pelo que se pode depreender da concepção de Marcuse já estão estimuladas no âmago do processo de formação da civilização, por se afastarem da satisfação sexual mais intensa relacionada aos contatos corporais.

No entanto, para que essas pulsões pudessem se expressar no meio social, os objetos de investimento libidinal precisaram ser transformados e às vezes até mesmo banidos. Em grande parte da história da civilização, a nudez corporal foi proibida como objeto de desejo quer nos relacionamentos pessoais quer na esfera da própria arte.

Conforme menciona a historiadora Melchior-Bonnet, a obra o *Juízo Final* de Michelangelo que retratava a nudez dos personagens presentes na pintura causou grande repulsa por parte de Igreja que chegou a considerar esse artista “o inventor da imundície”. Em 1558, apesar de o consentimento anterior do papa Paulo III, o papa Paulo IV mandou o pintor Volterra cobrir toda a nudez apresentada na pintura. “Em breve, retoques e panos ocultavam implacavelmente os centímetros quadrados de pele despida julgados impudicos. Pouco mais tarde, Pio V mandaria retirar do Vaticano as estátuas pagãs”. (Melchior-Bonnet, 2006, p. 39).

A nudez mesmo quando não foi pintada com o intuito de provocar excitação sexual, acabou sendo relegada à esfera da arte profana. Consequentemente, a distinção entre arte sacra e profana se acentuou. A nudez, por si só, foi considerada pela Igreja como capaz de causar excitação e perverter os “bons costumes”

Foi durante a última sessão do Concílio de Trento, em dezembro de 1563, que se debateu a arte sacra. Os termos do decreto foram suficientemente

vagos para não suscitar comoção. “Convém evitar toda indecência, de modo que as imagens não sejam pintadas nem ornamentadas de uma beleza que incite os apetites da carne.” (Melchior-Bonnet, 2006, p. 39)

De maneira mais forte que o controle da nudez na arte, foi a dominação do nu nas relações pessoais e sociais. A ocultação do corpo por meio das mais variadas vestimentas criadas ao longo da história não reduziu o desejo de ver e exibir, mas deslocou o foco dessas pulsões para aquilo que esconde o corpo. A roupa constituiu-se e se constituiu como um importante elemento no processo de sedução e de investimento libidinal.

A contradição apresenta-se no fato de ao reprimir a nudez por meio do uso obrigatório de vestes, a cultura proporcionou uma erotização das roupas que se tornaram um prolongamento das partes íntimas dos indivíduos. A proibição da nudez não restringiu totalmente o prazer sexual. Ao reprimir e controlar o sexo, a cultura abriu outros espaços para a atuação das pulsões voyeur e exibicionista.

A roupa estimulou a imaginação humana ao acrescentar uma aura de mistério, encanto e sedução à nudez, e se tornou uma importante conquista da civilização. Além de proteger o homem do frio, da chuva e do vento, ela representa a ambivalência da cultura frente ao sexo, pois ao mesmo tempo que o proíbe, abre espaço para sua estimulação.

O desejo de ver o que as vestes escondem incita de muitas maneiras a imaginação dos indivíduos. As roupas fazem parte do contexto em que as diversas formas de pré-prazeres atuam para intensificar o prazer genital. Assim como os beijos e carícias, a roupa assume a função prévia de estimular o ato sexual.

Provavelmente, poder-se-ia usufruir de uma maior liberdade sem a obrigatoriedade do uso de roupas, porém, perderia-se a dimensão sedutora que as vestes nos apresenta, justamente por elas impedirem a apresentação do corpo nu como um mero elemento do cotidiano.

A roupa é natureza transformada tanto pelas mãos dos homens como pelas engrenagens das máquinas. Liberdade de escolha para embelezar o corpo e cativa da moda. Instrumento de controle social e de transgressão dos costumes.

Não podemos nos esquecer de outras funções da roupa, relacionadas com os ideais culturais de limpeza e higiene. Sem dúvida, a roupa foi um importante utensílio para evitar que os homens adquirissem algumas doenças decorrentes do próprio desenvolvimento da civilização que em muitos aspectos tornou o seu corpo mais frágil e com maior necessidade da proteção.

Capítulo 4

A sublimação das pulsões do olhar

Os prazeres que envolvem o contato direto com o objeto e hipoteticamente teriam maior potencial de provocar excitações sexuais também não combinam com os ideais higiênicos venerados pela civilização.

A menstruação, por exemplo, foi e continua sendo objeto dos mais variados tabus. Se no passado remoto, o cheiro exalado pelo sangramento vaginal da mulher atraía o homem, no mundo atual, esse período é repudiado com frequência em termos de relacionamento sexual.

A higiene desempenhou papel fundamental para o desenvolvimento da civilização que por meio de seu acelerado crescimento evitou ou erradicou diversos tipos de doenças que de outra maneira poderiam colocar em risco a sobrevivência da espécie ou acarretar vários transtornos à saúde. Mas por outro lado, também limitou o prazer sexual.

Além do mais, não poderíamos deixar de mencionar que essa restrição do prazer sexual também se relaciona com a ênfase dada pela civilização às relações genitais em detrimento dos prazeres centrados em outras zonas erógenas, com a finalidade de perpetuar a espécie.

Dessa forma, o sexo foi funcionalizado no mundo civilizado com o objetivo de atender algumas finalidades sociais pré-estabelecidas. As formas de prazer dependentes de outros tipos de relacionamentos, como aquelas fora do relacionamento monogâmico entre um homem e uma mulher, e as que envolviam fundamentalmente outras partes do corpo, foram consideradas pervertidas ou, na melhor das hipóteses, toleradas como formas de pré-prazer, isto é, atividades que poderiam estar presentes no relacionamento sexual desde que estivessem submetidas ao prazer genital. Para Marcuse:

A gratificação dos instintos parciais e a genitalidade não procriadora são, de acordo com o grau de sua independência, consideradas tabus como perversões, sublimadas ou transformadas em subsidiárias da sexualidade procriadora. Além disso, a sexualidade procriadora é canalizada, na maioria das civilizações, para o âmbito das instituições monogâmicas. Este tipo de organização resulta numa restrição quantitativa e qualitativa da sexualidade; a unificação dos instintos parciais e sua sujeição à função procriadora alternam a própria natureza da sexualidade: de um “princípio” autônomo governando todo o organismo, converte-se numa função especializada e temporária, num meio para se atingir um fim. Nos termos do princípio de prazer que governa os instintos “não-organizados” do sexo, a reprodução é, meramente, um “subproduto”. (Marcuse, 1999, p. 55)

Por meio do princípio de realidade, inverte-se a relação de prazer e reprodução tal qual podemos depreender das características do princípio de prazer. O corpo é dessexualizado à medida em que a libido é desviada de sua meta original e dirigida para outras áreas em que o prazer não é o objetivo principal.

É certo que esses mandamentos culturais nunca foram totalmente cumpridos por um número considerável de indivíduos, mas que se descobertos, sofriam diversos tipos de repreensão que variavam desde discriminações até condenações à morte, como na época da inquisição.

No campo sexual, a expressão das pulsões voyeur e exibicionista foi considerada tanto perversões quanto formas de pré-prazer, ou melhor, componentes acessórios dos relacionamentos amorosos.

Nesse último sentido, tais pulsões serviam como elementos de excitação sexual preliminares à realização do coito. Assim, para que essas pulsões fossem vistas com “bons olhos” teriam que se apresentar em condições bem delimitadas e sob uma determinada ordem, isto é, deveriam anteceder o encontro genital, ser preparatórias para sua realização, não suplantá-lo em termos de intensidade de prazer e suceder-se na esfera privada.

Como podemos ver, essas pulsões sofreram, pelo menos no terreno sexual, um rígido controle cuja insubordinação poderia acarretar severos julgamentos morais e legais.

Considerando a repressão geral das pulsões sexuais, mais especificamente as voyeur e exibicionista, tivemos uma mudança no conteúdo e na forma de suas expressões.

A sublimação a que as pulsões são submetidas implica tanto em significativas alterações quantitativas quanto qualitativas de suas características.

Se pensarmos em termos de intensidade, a sublimação enfraquece de certo modo o prazer sexual. Em outras palavras, o prazer sublimado é de uma outra

natureza que não convulsiona o corpo da mesma maneira se comparada ao prazer que pode ser obtido em uma relação sexual. Como melhor disse Freud:

O sentimento de felicidade derivado da satisfação de um selvagem impulso instintivo não domado pelo ego é incomparavelmente mais intenso do que o derivado da satisfação de um instinto que já foi domado. A irresistibilidade dos instintos perversos e, talvez, a atração geral pelas coisas proibidas encontram aqui uma explicação econômica. (Freud, 1997, p. 28)

Ao dessexualizar o corpo humano, limitando o prazer das mais variadas zonas erógenas, a cultura forma e deforma o indivíduo para o trabalho alienado.

O processo de formação do indivíduo implica em uma distribuição desigual de sua libido em áreas distintas da vida. Desigual, porque o trabalho árduo, imposto de fora e como uma das únicas alternativas de sobrevivência do indivíduo nesta sociedade, ocupa posição central para o investimento das pulsões psíquicas.

Na esfera sexual, a relação entre sujeito e objeto é recíproca; se o indivíduo dispõe de menos energia para dirigir aos seus objetos de amor, como esposa e filhos, conseqüentemente também terá que se contentar em receber menos. Nisso a civilização é extremamente democrática.

Marcuse chama a atenção para o fato desse sacrifício do prazer individual não ter se revertido em benefício geral para a humanidade, tal como era a promessa da civilização, em que o homem pudesse ser mais feliz, constituindo-se efetivamente um indivíduo, sem que a harmonia entre os membros da sociedade fosse rompida.

Contrariamente, tal sacrifício trouxe gratificação a uma restrita camada da população, mediante a exploração de muitos por poucos, o que contribuiu para suscitar as pulsões agressivas que tentam destruir a cultura. Se a civilização obteve certo “sucesso” no controle das pulsões do amor, o mesmo não aconteceu diante das pulsões destrutivas. Para Marcuse:

Ao longo de toda a história documentada da civilização, a coação instintiva imposta pela escassez foi intensificada por coações impostas pela distribuição hierárquica da escassez e do trabalho; o interesse de dominação adicionou mais-repressão à organização dos instintos, sob o princípio de realidade. O princípio de prazer foi destronado não só porque militava contra o progresso na civilização, mas também porque militava contra a civilização cujo progresso perpetua a dominação e o trabalho esforçado e penoso. (Marcuse, 1999, p. 54)

A partir dessa visão de uma dominação instituída que se distribui de maneira desigual entre os membros da sociedade e que está além do que seria realmente necessário para a coesão social, Marcuse desenvolve o conceito de mais-repressão.

Por outro lado, a questão qualitativa em relação à transformação parcial da libido, diz respeito tanto a forma de experimentar as pulsões quanto aos objetos a que elas se dirigem.

A criação e a apreciação estética constituem-se como uma das formas sublimadas em que as pulsões do olhar passaram a atuar na civilização. Nesse ponto, o conceito de beleza é de fundamental importância para a interpretação qualitativa dos objetos da esfera artística, como: a pintura, a música, a literatura etc.

As obras artísticas criadas por meio da sublimação das pulsões são consideradas como uma das realizações culturais mais importantes, assim como a ciência e a religião, devido ao seu alto grau de abstração e da distância estabelecida em relação às pulsões primárias, isto é, em face daquelas mais sedimentadas nos prazeres corporais.

Apesar de ser basicamente caracterizado por atividades penosas em que o prazer durante sua realização somente pode ser alcançado por poucos, o trabalho não exauriu a libido dos indivíduos. Na realidade, os indivíduos investem uma pequena parcela de libido nos trabalhos alienados e obrigatórios em razão de não gerarem prazer.

Penso que uma maior parcela de pulsão de morte (Tanatos) esteja envolvida nesses trabalhos se comparada à presença de Eros. Um dos poucos espaços em que Eros pôde se expressar na Cultura, além dos relacionamentos afetivos, foi nas apreciações estéticas. Ouvir uma música, reger uma orquestra, escrever uma poesia, assistir a um filme, pintar um quadro são exemplos de atividades que muitos indivíduos chegam até achar mais prazerosas do que próprio o ato sexual.

Além do mais, são prazeres essencialmente ligados às pulsões do olhar e por se apresentarem de forma sublimada, não são consideradas perversas. Quem pinta um quadro, geralmente não pinta só para si, mas quer que outros vejam e de preferência admirem sua criação. Indivíduos que apreciam a exibição de uma peça teatral não desejam apenas conhecer a história que está sendo encenada, mas querem se emocionar, rir, chorar e com isso obter o máximo prazer diante do espetáculo.

É importante mencionar que a arte nem sempre se apresentou com o intuito de encantar os olhos, constituindo-se como um objeto de beleza mediado pela sublimação. Contrariamente, como objeto de crítica social sua função foi frequentemente chocar o público, chamando a atenção para o horror. Nas palavras de Adorno:

Os artistas não sublimam. Crer que eles não satisfazem nem reprimem seus desejos, mas transformam-nos em realizações socialmente desejáveis,

suas obras, é uma ilusão psicanalítica; aliás, nos dias de hoje, obras de arte legítimas são, sem exceção, socialmente indesejadas. Antes, manifestam os artistas instintos violentos, de tipo neurótico, que eclodem livremente e, ao mesmo tempo, colidem com a realidade. (Adorno, 1993, p. 186)

Também não se pode esquecer da limitação dos sentidos imposta pela estética ao público que dela extrai seus prazeres. Basicamente dois sentidos são utilizados na fruição estética: a audição e na sua maior parte a visão, que são canais fundamentais para a atuação das pulsões voyeur e exibicionista.

No entanto, a presença da fantasia é um elemento significativo a ser mencionado que torna mais complexa a atuação dessas pulsões. Com a fantasia, temos a capacidade do sujeito pensar algo a partir de um objeto mas que simultaneamente o ultrapassa. Projetar algo do sujeito no objeto, sem que este último perca sua dimensão objetiva e receber algo do objeto sem a anulação subjetiva.

Na *Dialética do Esclarecimento*, Horkheimer e Adorno afirmam que essa seria a verdadeira projeção, em contraste com os dois tipos que eles conceituaram como falsa projeção: a paranóica em que o indivíduo projeta no objeto elementos subjetivos que ele não reconhece como pertencentes a si mesmo; e a positivista em que o sujeito, mediante o método, abstem-se de colocar suas impressões no objeto, em nome de uma suposta neutralidade científica. Para esses autores:

A profundidade interna do sujeito não consiste em nada mais senão a delicadeza e a riqueza do mundo da percepção externa. Quando o entrelaçamento é rompido, o ego se petrifica. Quando ele se esgota, no registro positivista de dados, sem nada dar ele próprio, se reduz a um simples ponto; e se ele, idealisticamente, projeta o mundo a partir da origem insondável de si mesmo, se esgota numa obstinada repetição. Nos dois casos, ele sacrifica o espírito. (Horkheimer & Adorno, 1985, p. 176)

Sem dúvidas que na criação artística, a fantasia apresenta-se de forma mais acentuada do que na mera apreciação. Mas é claro que para o observador se emocionar, para a obra tocá-lo não é suficiente apenas o que nela foi colocado pelo seu autor. É imprescindível que o sujeito projete nela seus medos, angústias, paixões e ideais.

Assim, as pulsões do olhar assumem outra conotação nas apreciações estéticas, exatamente por causa da existência de fantasias acompanhantes dos atos de observar e exibir, que mostram a diferenciação do sujeito em relação à natureza efetivada por meio da cultura.

Não há dúvidas de que o objeto cultural tem sua importância na formação das fantasias subjetivas, pois elas não dependem exclusivamente do sujeito.

Quanto mais rico é o objeto em termos de autenticidade e complexidade, mais o indivíduo pode nele projetar e conseqüente liberar suas capacidades imaginativas.

As obras de arte possuem elementos que podem suscitar a produção de imagens e diversos tipos de sensações singulares cujos efeitos não são pré-estabelecidos claramente, em razão da ambigüidade que caracteriza sua linguagem.

A pornografia, por sua vez, não propicia a formação de fantasias em razão de o objeto se apresentar de forma explícita e decodificada frente à percepção subjetiva. A excitação do indivíduo se restringe basicamente ao imediato, a um estímulo cujo prazer a ser provocado não exige muitas mediações por parte do ego. Para Orfali:

Assim, a pornografia representa um certo declínio do imaginário fantasmagórico, da evocação metafórica do corpo. O fantasma pertence ao mundo do secreto e do possível, sua representação real (*live shows*) ou iconográfica dissolve qualquer mediação, qualquer imaginário e, no limite, qualquer transgressão. Sem dúvida, é por isso que a literatura pornográfica parece tão repetitiva e anônima. Os manuais de educação sexual mostram o funcionamento técnico da sexualidade, as revistas pornográficas, no fundo, mostram a mesma coisa acrescentando algumas variações pseudo-perversas. (Orfali, 2006, p. 600)

Por alimentar a imaginação, as fantasias permitem ao indivíduo uma maior liberdade diante dos estímulos sexuais. Seus desejos não ficam presos ao imediato, nem sua percepção vinculada a roteiros pré-estabelecidos.

Capítulo 5

As pulsões do olhar e o culto ao corpo

Na atualidade, temos um retorno ao corpo como objeto de investimento das pulsões do olhar, decorrente de uma aparente liberdade social. Tal corpo poderia ser considerado seminú em razão de se apresentar, na maioria das vezes, com pouca roupa ou com certos tipos de vestes que salientam os contornos físicos. Cabe mencionar que no Brasil, o clima tropical favorece essa forma de exposição.

A indústria cultural tem apresentado o corpo como objeto de consumo. As produções da indústria cultural, como a TV e as revistas, bombardeiam constantemente os indivíduos com imagens que vendem determinados padrões estéticos. Apesar de o crescimento da pornografia, o nu ainda não é bem visto socialmente e continua fora da esfera pública.

As academias de ginástica e musculação são importantes meios para que os indivíduos tentem se aproximar das características físicas exibidas pelos modelos veiculados pela indústria cultural.

A promessa das academias é moldar o corpo conforme os padrões estéticos vigentes e fazer com que os praticantes se sintam saudáveis e atraentes. As propagandas tentam passar a ideia de que saúde e beleza estão entrelaçadas, podendo ser conquistadas nas academias.

No entanto, temos observado diversos tipos de problemas de saúde relacionados às práticas esportivas que nos levam a pensar em certa incompatibilidade entre saúde e os ideais de beleza difundidos. Entre esses problemas, podemos citar: câncer e problemas cardíacos relacionados ao uso de anabolizantes e lesões por esforço excessivo, associadas a posturas incorretas durante a realização dos exercícios.

Certos limites são inerentes a determinada estrutura corporal que para ser modificada e adaptada aos padrões, necessita do uso desses recursos nocivos à saúde. A obsessão pelo ideal de corpo perfeito tem levado muitos indivíduos a ter comportamentos que poderiam ser considerados típicos de sacrifícios físicos.

Temos uma eterna batalha do indivíduo contra o seu corpo. O nível de exigência do sujeito consigo mesmo frequentemente aumenta quanto mais ele pratica atividades físicas ou se submete a diversos tipos de procedimentos estéticos. É como se esses padrões, a forma estética perfeita, sempre lhe escapasse ao alcance, apesar de permanecer no seu campo perceptivo.

Esse movimento da percepção subjetiva caracterizado pelo ver em detrimento do tocar, fomenta determinados comportamentos obsessivos, expressos na busca pelo corpo perfeito. Vale lembrar que a visão é por excelência o campo de atuação das pulsões voyeur e exibicionista.

Na realidade, os sujeitos que buscam desesperadamente determinados padrões de beleza, dificilmente sentem-se bem, ou seja, costumam a acreditar que atingiram os seus objetivos. Pessoas magras percebem-se cada vez mais gordas e sujeitos com hipertrofia muscular têm a constante sensação de continuarem fracos. A imagem que o sujeito tem de si não coincide com a maneira como é visto pelos outros e se constitui, fundamentalmente, sem referenciais objetivos.

O nível de exigência estabelecido para si em relação a determinado ideal corporal, dificulta que o parecer do outro tenha algum efeito sobre sua auto-imagem. Não adianta falar para uma pessoa com anorexia que ela está muito magra, porque não é dessa forma que ela se vê.

Assim como os padrões almejados pelo sujeito não mudaram, no sentido de permanecerem fixos no seu campo de desejo, muitas vezes sua auto-imagem também não se alterou, apesar de as evidentes transformações sofridas pelo seu corpo. As formas corporais, que a princípio deveriam ser transformadas para serem aliadas do indivíduo, tornaram-se suas inimigas constantes. Para Malysse:

Por fim, essa arte corporal faz pensar em outra arte: a arte da guerra, da luta que cada um é convidado a travar por/contra seu corpo. De fato, o corpo aparece como um campo de batalha, um terreno de conflitos e resistências, onde as diferenças de raça, gênero e nacionalidade parecem desaparecer sob o peso das escolhas individuais feitas em relação ao corpo. (Malysse, 2002, p. 98)

É importante também salientar que, na frenética busca de uma estrutura corporal padronizada, estão envolvidas determinadas características psicológicas marcantes da formação do homem contemporâneo.

As pulsões exibicionista e voyeur foram apropriadas pela indústria cultural e direcionadas para investirem nos padrões estéticos corporais vigentes. De maneira similar à consciência individual, os juízos estéticos tornaram-se heteronômicos.

Para se entender a heteronomia presente nos juízos estéticos, é necessário analisar as transformações sofridas pelo aparelho psíquico entre os séculos XIX e XX, que perduram de forma mais acentuada na atualidade.

Como já foi exposto anteriormente, as pulsões do olhar estão na base das criações e apreciações estéticas. Freud analisou essas pulsões e elaborou a teoria psicanalítica dentro de um determinado contexto social em que o indivíduo burguês possuía uma relativa autonomia.

No entanto, as profundas mudanças ocorridas na economia no início do século XX, em que o capitalismo de concorrências entre pequenos proprietários foi substituído pelo monopolista, reduziram significativamente a livre iniciativa dos indivíduos e com isso sua autonomia ficou seriamente comprometida. Para Mills:

A concorrência era o processo pelo qual os homens ascendiam e caíam, e a economia se mantinha harmônica. No entanto, nessa era de liberalismo clássico, a concorrência não foi apenas um mecanismo impessoal de regulamentação da economia capitalista ou somente uma garantia da liberdade política. A concorrência era um meio de produzir indivíduos livres, o campo de prova para os heróis, em que cada um vivia a legenda do homem independente. (Mills, 1969, p. 33)

A maior parte das competições econômicas não ocorriam mais entre proprietários de pequenas fábricas originadas no interior das famílias burguesas, mas entre funcionários pelos cargos dentro de grandes empresas. O indivíduo burguês – representante da antiga classe média – deixou de ser o proprietário empreendedor e passou a ser o empregado assalariado dos grandes “Trusts”.

A “situação de classe”, em seu sentido mais simples e objetivo, depende do montante e da fonte de renda. Atualmente, o emprego, e não a propriedade, constitui a fonte de renda para a maior parte dos indivíduos que recebem uma renda direta. As possibilidades de vender seus serviços no mercado de trabalho, e não a compra e venda lucrativa de uma propriedade e suas produções, é que determinam a vida da maioria dos indivíduos de classe média... Na nova classe média, os homens trabalham para outros na propriedade de outros. (Mills, 1969, p. 91)

A sociedade capitalista que antes precisava de indivíduos fortes e empreendedores para aumentar a produção e expandir o comércio, demandou por uma outra formação psíquica. Segundo Mills:

A centralização da propriedade foi, portanto, o fim da união da propriedade e trabalho como uma base da liberdade essencial do homem, e a impossibilidade de o indivíduo ter um meio de vida independente modificou a base de seu plano de vida, assim como o ritmo psicológico deste plano. (Mills, 1969, p. 35)

O desenvolvimento tecnológico, o crescente acúmulo de capital e propriedade na mão de alguns empresários que hoje resultam nos oligopólios, reduziram a necessidade da presença de indivíduos audazes e criativos no mercado de trabalho. Contrariamente, fomentou a formação de sujeitos versáteis e frágeis, que pudessem ser adaptados às mais variadas condições laborais, via de regra, submetidos à exploração.

A constante pressão econômica presente na vida dos sujeitos limitou sua liberdade. Para adquirir um emprego, os indivíduos têm que aprimorar seus conhecimentos e moldar sua personalidade de forma a se adequarem cada vez mais à realidade, renunciando a seus interesses. A crítica tem se tornado inócua e a resistência proscrita. Para Horkheimer e Adorno:

Desde que o pensamento se tornou um simples setor da divisão do trabalho, os planos dos chefes e especialistas competentes tornaram supérfluos os indivíduos que planejam sua própria felicidade. A irracionalidade da adaptação dócil e aplicada à realidade torna-se, para o indivíduo, mais racional do que a razão. (Horkheimer & Adorno, 1985, p. 190)

A possibilidade de formação de uma autêntica subjetividade opera contra a sobrevivência do indivíduo em uma sociedade que exige constantemente despersonalização e adaptação. Com o enfraquecimento dessa subjetividade, os conflitos psicológicos analisados por Freud se modificaram.

No mundo atual, os conflitos são predominantemente exteriores. O indivíduo tem se voltado a todo momento para a sobrevivência; só que agora não é mais a natureza que se constitui como a principal fonte da ameaça, mas sim a própria civilização.

O funcionamento do aparato psíquico não ficou imune a tais transformações sociais. A Psicanálise apresentou um sujeito que tem deixado de existir. Segundo Horkheimer & Adorno:

A psicanálise apresentou a pequena empresa interior que assim se constituiu como uma dinâmica complicada do inconsciente e do consciente, do id, ego e superego. No conflito com o superego, a instância de controle social no indivíduo, o ego mantém as pulsões dentro dos limites da

autoconservação. As zonas de atrito são grandes e as neuroses, os *faux fraix* dessa economia pulsional, são inevitáveis. Não obstante, a complicada aparelhagem psíquica possibilitou a cooperação relativamente livre dos sujeitos em que se apoiava a economia de mercado. Mas, na era das grandes corporações e das guerras mundiais, a mediação do processo social através das inúmeras mônadas mostra-se retrógrada. Os sujeitos da economia pulsional são expropriados psicologicamente e essa economia é gerida mais racionalmente pela própria sociedade. A decisão que o indivíduo deve tomar em cada situação não precisa mais resultar de uma dolorosa dialética interna da consciência moral, da autoconservação e das pulsões. (Horkheimer & Adorno, 1985, p. 189)

Estabeleceu-se uma nova relação entre as três instâncias psíquicas. O ego enfraqueceu-se e regrediu a fases pré-genitais; o superego foi praticamente abolido e o id liberado. Quando se fala em liberação do id, entende-se como um maior espaço que a sociedade tem deixado para as pulsões se ligarem aos objetos e poderem se expressar. Claro que essa liberdade é controlada e serve para a manutenção do *status quo*. Em relação ao sexo “somente enquanto está submetido ele é permitido”. (Adorno, 1969, p. 92).

A função do superego como instância moral em que o sujeito incorporava as normas e valores da cultura para, posteriormente, julgar seus atos e pensamentos, passou a ser exercida diretamente pela sociedade. Agora o sujeito se tornou basicamente submetido à lei. O certo e o errado deixaram de ser uma questão subjetiva para ser, predominantemente, uma questão jurídica.

O sentimento de culpa tem sido substituído pela vergonha, ou seja, pelo medo de ser descoberto ou apanhado. A redução da faculdade subjetiva de julgamento – consciência moral – tornou obsoleto o sentimento de culpa. Para Horkheimer e Adorno:

A alma, enquanto possibilidade de assumir um sentimento de culpa que não se esconda de si mesmo, se desfaz. A consciência moral perde seu objetivo, pois a responsabilidade do indivíduo por si mesmo e pelos seus é substituída muito simplesmente por sua contribuição ao aparelho, mesmo que isso ocorra sob as antigas categorias morais. Não é mais possível dar uma solução ao conflito pulsional em que se forma a consciência moral. Em vez da interiorização do imperativo social – que não apenas lhe confere um caráter mais obrigatório e ao mesmo tempo mais aberto, mas também emancipa da sociedade e até mesmo faz com que se volte contra a sociedade – tem lugar uma identificação pronta e imediata com as escalas de valores estereotipadas. (Horkheimer & Adorno, 1985, p. 185)

Sem dúvidas que o superego trazia muitos sofrimentos ao indivíduo, pois, entrava em conflito constante com o id e o ego. Porém, depois que o sujeito incorporava as autoridades externas mediante a constituição da consciência moral, ele tinha certa autonomia para escolher entre fazer ou não alguma coisa.

Em um primeiro momento, as contas teriam que ser acertadas consigo mesmo. Agora a sociedade diz para o indivíduo, em termos legais, o que e como ele deve fazer.

No entanto, nos dias atuais, principalmente em razão da impunidade estampada na realidade brasileira e da falta de valores éticos e morais, a nível mundial, temos uma tendência de a vergonha vir a ser substituída pelo cinismo.

O ego, instância da razão e do pensamento, submeteu-se de maneira apática a essa situação. Despojado de força crítica, o ego tem acatado os imperativos sociais como naturais. A liberalização do id e a louvada liberdade presente na sociedade democrática e esclarecida, tentam mostrar que a escravidão do indivíduo é um preço que merece ser pago.

Outro elemento fundamental que viabilizou as modificações no aparelho psíquico, tornando o indivíduo mais suscetível à dominação social, foi o declínio da família como núcleo formador. Diante de uma nova realidade social, marcada pelo crescimento tecnológico e pela velocidade das informações, a tradição bem como as experiências dos pais começaram a contar menos na formação dos filhos.

Diante de um mundo em constante mutação, os pais foram considerados modelos ultrapassados que não poderiam oferecer muito, em termos de conhecimento, aos seus descendentes e assim, outros sujeitos assumiram a função de modelos.

A identificação deixou de ser pessoal, mediante as relações estabelecidas na família, e se tornou impessoal, isto é, passou a ser realizada com diversos modelos exteriores. Nos termos mencionados por Horkheimer e Adorno:

As associações e as celebridades assumem as funções do ego e do superego, e as massas, despojadas até mesmo da aparência da personalidade, deixam-se modelar muita mais docilmente segundo os modelos e palavras de ordem dadas, do que os instintos pela censura interna. (Horkheimer & Adorno, 1985, p. 190)

Não há dúvidas de que a família sempre esteve vinculada ao todo. No entanto, como instância privada e reino da afetividade ela se distinguia do todo. Sua função era fazer a mediação entre o universal e o particular. Os valores sociais eram filtrados por ela antes de serem apropriados pelos indivíduos. Essa filtragem, que variava de uma família para outra, criava pequenos espaços que proporcionavam uma maior autonomia aos indivíduos para conhecerem e julgarem a realidade. Para Marcuse:

A abolição tecnológica do indivíduo está refletida no declínio da função social da família. Anteriormente, era a família quem, para bem ou para mal, criava e educava o indivíduo; e as normas e valores dominantes eram transmitidos pessoalmente, transformados através do destino pessoal... Contudo, sob o domínio dos monopólios econômicos, políticos e culturais, a formação do superego maduro parece, agora, saltar por cima do estágio de individualização: o átomo genérico torna-se diretamente um átomo social. A organização repressiva dos instintos parece ser coletiva, e o ego parece ser prematuramente socializado por todo um sistema de agentes e agências extrafamiliares. (Marcuse, 1999, pp. 96/97)

Os filhos que antes aprendiam um ofício com os pais e trabalhavam dentro de casa, passaram, com a urbanização e o crescimento das indústrias, a trabalhar externamente.

Nesse aspecto, delimitou-se, de forma mais acentuada, a fronteira entre o público e o privado, com a restrição do período de permanência dos indivíduos nesse último âmbito, em razão do número elevado de horas dedicadas ao trabalho externo. O tempo de convivência familiar reduziu no momento em que a família deixou de ser uma célula econômica. Para Prost:

Podemos ver como o desenvolvimento do trabalho assalariado retira a função econômica da família e como a emigração do trabalho, saindo da esfera doméstica, vem acompanhada por uma socialização crescente da função educativa e da função assistencial. A escolarização dos aprendizados profissionais e a Previdência Social substituem a família. (Prost, 2006, p. 28)

A nova conjunção das instâncias psíquicas, decorrente das mudanças objetivas analisadas anteriormente, diminuiu a relativa autonomia dos indivíduos, quando a economia psíquica era gerenciada por eles próprios, e consequentemente também modificou a atuação das pulsões do olhar.

As pulsões voyeur e exibicionista frequentemente vinculavam-se ao proibido, tanto é que em uma de suas formas de manifestação – a sexual – elas foram reprimidas e consideradas perversão. Apesar de ainda perdurar a definição psicopatológica do voyeurismo e exibicionismo, o controle sobre tais fenômenos foi atenuado.

No caso do exibicionismo, nas praias, por exemplo, é possível ver pessoas mostrando seu corpo com biquínis minúsculos e às vezes fazendo *top less*, sem ocasionar grande choque nos banhistas.

O voyeurismo era prática que tempos atrás demandava muito esforço e paciência, pois, não era fácil ao indivíduo passar horas com um binóculo na mão esperando a vizinha chegar em casa para vê-la se despir. Além do mais, precisaria

de muita sorte para conseguir ver algo, sem falar do risco de ser descoberto e denunciado à polícia.

Atualmente, o sujeito não necessita de todo esse esforço, pois, na Internet, existem milhares de *sites* contendo pessoas ávidas para exporem sua nudez ou tendo relacionamentos sexuais. Além do mais, algumas dessas pessoas que se exibem, são amadoras e não cobram valor algum dos usuários que acessam as referidas imagens.

Tanto na arte quanto no cotidiano, o voyeurismo e o exibicionismo dos séculos XIX e meados do século XX, exerciam uma função crítica que denunciava a falta de liberdade existente naquela sociedade. Com sua apropriação pela indústria da cultura, essas pulsões adaptaram-se ao existente. A nudez artística converteu-se em pornografia e os prazeres do olhar no culto ao corpo padronizado. As pulsões voyeur e exibicionista não desafiam mais o proibido, mas, sucumbiram à ordem estabelecida.

A nova moral é predominantemente de cunho estético. Pecado não é mostrar o corpo, mas apresentar um corpo que destoia dos padrões estéticos vigentes. Novamente, retorna-se à questão da fragilidade do superego, pois, não é tanto a presença da culpa por não se ter um corpo “bonito” e sim a vergonha de mostrá-lo, por não se enquadrar naquilo que a sociedade define como belo. Segundo Goldenberg:

Como revela uma outra reportagem,¹ em que pessoas comuns foram convidadas a falar sobre nudez e a se despir diante das câmeras, o receio que muitos indivíduos têm de ficarem nus em público, a dois² ou mesmo sozinhos não se deve a uma espécie de puritanismo *démodé*, mas à dificuldade em mostrar o corpo com todas as suas imperfeições, sem disfarces. Nota-se, nos entrevistados, um discurso que procura enfatizar a necessidade de “estar em paz com o corpo”, de “gostar do próprio corpo”, mostrando que o problema (ou pudor), quando existe, não é tanto em relação à nudez, mas à aparência física, isto é, à sua inadequação aos padrões estéticos considerados ótimos. (Goldenberg, 2002, p. 26)

-
- 1 A autora refere-se a uma reportagem, Toda nudez será complicada, publicada no Jornal “O Globo” em 02/07/2000.
 - 2 Nota de rodapé colocada pela autora: “The Journal of Sex Research, revista especializada nos EUA, mostrou uma pesquisa com duzentas mulheres universitárias, das quais um terço, independentemente de serem gordas ou magras, disse que a imagem que o parceiro faz do corpo delas é o mais importante durante o ato sexual. O autor do estudo afirma que a ansiedade em relação à forma física leva várias mulheres até mesmo a evitarem o sexo (Extra, 28/09/2000)”.

Atualmente, as pessoas têm obrigação de serem belas, já que a concepção de beleza não é estática, no sentido de algo apenas genético que não possa ser transformado pelas ações individuais. A responsabilidade pela aquisição da beleza é, em última instância, dos próprios indivíduos.

Esse nível de exigência social frente à beleza intensifica e condiciona as pulsões voyeur/exibicionista. Intensifica no sentido da importância atribuída a um corpo considerado belo nos diversos tipos de relacionamentos, que no caso específico dos relacionamentos amorosos, pode até mesmo suplantiar o prazer gerado pelo ato sexual.

As formas visuais assumem posição fundamental no terreno sexual; o ser admirado ou admirar se constituem como elementos essenciais para o gozo.

O condicionamento, por sua vez, ocorre em razão das propagandas envolvendo os padrões estéticos, que preparam os sentidos dos indivíduos para serem atraídos por determinadas formas corporais.

A valorização do corpo é apenas aparente já que ele tem que se submeter às rígidas disciplinas que controlam os prazeres presentes no cotidiano dos indivíduos, como a ingestão de guloseimas.

Para a constituição de um corpo com músculos definidos e fortes, também são necessárias grandes quantidades de exercícios que, de certa forma, castigam o corpo e podem desmotivar os indivíduos a praticarem atividades esportivas.

Evidencia-se também a fragmentação do corpo nos padrões estéticos difundidos. Quando vemos a descrição das características de uma modelo em uma revista, primeiramente preponderam as medidas de busto, altura, cintura e peso por ela apresentadas.

Nas academias, os indivíduos preocupam-se com medidas; o que está em jogo é o aumento ou diminuição de centímetros, seja do bíceps, bumbum, abdômen e outras partes do corpo.

Na dissertação de mestrado em que estudei o voyeurismo, relacionado a um site de *web cam*, também foi encontrada essa fragmentação corporal no estímulo veiculado pelo site. Na maior parte do tempo, as câmeras focalizaram exclusivamente determinadas partes dos corpos:

Os fragmentos representados pelos focos exclusivos na vagina, seios e boca aparentam funcionar como peças autônomas, desvinculadas da totalidade, despersonalizadas, dificultando a percepção do objeto na sua particularidade e conseqüentemente a formação de vínculos afetivos. Essa fragmentação se apresenta como emblema da reificação e da regressão psíquica que a Web Cam tenta incitar no voyeur por estimular a percepção de um objeto indiferenciado. (Silva, 2004, p. 85)

De maneira geral, essa indiferenciação também está presente na apreciação da estética corporal e não se apresenta apenas nos estímulos que focalizam fundamentalmente as regiões erógenas, como mencionado na citação anterior.

Com frequência, o sujeito tem sido definido por características físicas: alto, baixo, magro, gordo. O todo que deveria ser mais do que a soma das partes, parece estar se restringindo a ela.

Com o ego enfraquecido e a existência de contradições objetivas, a síntese não é possível; o objeto encontra-se fragmentado em sua constituição e a percepção do sujeito é enganosa por não se dar conta de que esse objeto, apropriado por meio de faculdades cognitivas, já se encontra cindido de antemão, independentemente de seus juízos.

O indivíduo, mediado pela sociedade até o íntimo de seu ser, devolve ao objeto a mesma fragmentação com que foi formado para entendê-lo. Porém, devido ao pensamento lógico formal que escamoteia as contradições existentes, esse objeto apresenta-se ao sujeito com a aparência de algo integrado, estabelecendo-se, assim, concepções falsas acerca das relações sociais e determinações subjetivas.

Para Adorno, em termos de teoria do conhecimento, sujeito e objeto não devem ser confundidos, nem tampouco cindidos. A separação entre sujeito e objeto é verdadeira e falsa ao mesmo tempo: verdadeira porque o sujeito conseguiu certa autonomia frente ao objeto que lhe permitiu desenvolver um conhecimento mais eficaz para o entendimento e domínio sobre o mundo em que estava inserido; falsa em razão dessa separação não ser absoluta.

O sujeito não está desvinculado do objeto e constituído de forma transcendental, como teorizam os filósofos idealistas. E o objeto não é a coisa em si desprovida de qualquer elemento subjetivo. Como menciona Adorno, ambos são reciprocamente mediados, sem esquecer que a primazia é objetiva.

Esta contradição na separação entre sujeito e objeto comunica-se à teoria do conhecimento. É verdade que não se pode prescindir de pensá-los como separados; mas o *pseudos* (a falsidade) da separação manifesta-se em que ambos encontram-se mediados reciprocamente: o objeto, mediante o sujeito, e, mais ainda e de outro modo, o sujeito, mediante o objeto. A separação torna-se ideologia, exatamente sua forma habitual, assim que é fixada sem mediação. (Adorno, 1995, p. 183)

Assim como as categorias do conhecimento, os juízos estéticos devem ser pensados historicamente; a concepção de beleza também ocorre na relação entre sujeito e objeto. Os fragmentos estéticos valorizados refletem, simultaneamente e de maneira não casual, determinadas características subjetivas e objetivas presentes na realidade.

Em relação à prática de academias, é fundamental a reflexão sobre se os exercícios físicos realizados são experimentados autonomamente pelos indivíduos, pois, muitas vezes, o prazer está restrito à apresentação de uma imagem definida exteriormente, conforme os padrões estéticos vigentes.

Essa é uma característica marcante do exibicionismo. O prazer do exibicionista está vinculado ao olhar do outro, ou seja, impressioná-lo para poder despertar a admiração ou atenção desejada. O seu prazer depende do impacto causado, ou que se pretende causar, nesse outro mediante a exibição de algum atributo pessoal, mas sem o estabelecimento de contatos efetivos, isto é, sem a presença de relações que ultrapassem o ciclo *exibir – chamar a atenção*.

No exibicionismo, o objeto funciona como espelho para refletir sua suposta imagem de beleza, concretizada pela aprovação, admiração ou simplesmente pelo impacto causado frente ao olhar do outro. Nesse sentido, o exibicionismo aproxima-se muito do narcisismo, especialmente se forem consideradas algumas características desse fenômeno mencionadas por Lasch:

Não obstante suas ocasionais ilusões de onipotência, o narcisista depende de outros para validar sua auto-estima. Ele não consegue viver sem uma audiência que o admire. Sua aparente liberdade dos laços familiares e dos constrangimentos institucionais não o impedem de ficar só consigo mesmo, ou de se exaltar em sua individualidade. Pelo contrário, ela contribui para sua insegurança, a qual ele somente pode superar quando vê seu “eu grandioso” refletido nas atenções das outras pessoas, ou ao ligar-se àqueles que irradiam celebridade, poder e carisma. (Lasch, 1983, p. 30)

De maneira semelhante ao narcisismo, no exibicionismo não temos uma relação efetiva entre sujeito e objeto em que a distinção entre ambos estivesse preservada. O outro torna-se suporte e meio para que o ideal do ego³ – cujo modelo é difundido pela indústria cultural e apropriado de forma heteronômica pelo indivíduo – se concretize.

Se tomarmos, como exemplo, as academias, principalmente a prática da musculação, talvez o prazer esteja mais vinculado aos resultados a serem obtidos do que com a própria atividade física, no sentido de um bem estar físico e psíquico proporcionado pela liberação cerebral de algumas substâncias químicas, como a endorfina, durante a realização de exercícios. Como uma atividade física

3 Expressão utilizada por Freud no quadro da sua segunda teoria do aparelho psíquico. Instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos. Enquanto instância diferenciada, o ideal do ego constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se. (Laplanche e Pontalis, 1998, p. 222).

anaeróbica, a musculação libera menos esses tipos de substâncias se comparada às atividades aeróbicas, como a corrida.

Na maior parte, a relação que os indivíduos estabelecem com as atividades físicas é externa. Parece mais uma questão de obrigação do que de liberdade para experimentar o prazer oriundo da própria prática esportiva. Não importa muito o prazer relacionado às atividades em si, mas os resultados a serem obtidos por meio dessas atividades.

Diante disso, temos indícios de que tais atividades refletem condições subjetivas de alienação, ou seja, um afastamento da consciência do indivíduo, representado pela mecanização com que os exercícios são realizados.

A alienação do trabalho e a perpetuação da não liberdade se estendem para o tempo livre – momento em que essas atividades são realizadas. Referindo-se ao tempo livre, Adorno levanta a seguinte questão:

A indagação adequada ao fenômeno do tempo livre seria, hoje, porventura, esta: “Que ocorre com ele com o aumento da produtividade no trabalho, mas persistindo as condições de não-liberdade, isto é, sob relações de produção em que as pessoas nascem inseridas e que, hoje como antes, lhes prescrevem as regras de sua existência?” Já agora, o tempo livre aumentou sobremaneira: graças às invenções, ainda não totalmente utilizadas – em termos econômicos – nos campos da energia atômica e da automação, poderá aumentar cada vez mais. Se se quisesse responder à questão sem asserções ideológicas, tornar-se-ia imperiosa a suspeita de que o tempo livre tende em direção contrária à de seu próprio conceito, tornando-se paródia deste. Nele se prolonga a não-liberdade, tão desconhecida da maioria das pessoas não-livres como a sua não-liberdade em si mesma. (Adorno, 1995, p. 71)

Se os indivíduos nem ao menos reconhecem sua condição de clausura naquilo que se chama tempo livre, a reflexão sobre aquilo que os prende se torna ainda mais difícil.

As atividades nas academias em que eles preenchem seu tempo livre não fogem a essa regra. O ambiente fechado, os movimentos repetitivos, as músicas eletrônicas, a cobrança do professor exigindo a disposição dos alunos para a realização dos exercícios, que caracterizam o funcionamento das academias, lembram o ambiente de trabalho, principalmente as indústrias e o serviço burocrático.

Fundamentalmente, os indivíduos não estão nas academias para se divertir ou realizar atividades criativas, mas para seguir um roteiro preestabelecido, desprovido de espontaneidade. No ensaio sobre o tempo livre, Adorno faz algumas colocações sobre o esporte em geral, mas penso que podem ser relacionadas com a prática específica realizada nas academias:

Todavia, parece evidente a hipótese, entre outras, de que mediante os esforços requeridos pelo esporte, mediante a funcionalização do corpo no ‘team’, que se realiza precisamente nos esportes prediletos, as pessoas adestram-se sem sabê-lo para as formas de comportamento mais ou menos sublimadas que delas se espera no processo do trabalho. A velha argumentação de que se pratica esporte para permanecer ‘fit’ é falsa só pelo fato de colocar a ‘fitness’ como fim em si; ‘fitness’ para o trabalho é contudo uma das finalidades secretas do esporte. De muitas maneiras, no esporte, nós nos obrigaremos a fazer certas coisas – e então gozaremos como sendo triunfo da própria liberdade – que, sob a pressão social, nós temos que obrigar-nos a fazer e ainda temos que achar palatável. (Adorno, 1995, p. 79)

Sejam o condicionamento físico ou a aparência física os objetivos dos esportistas, as atividades praticadas dificilmente são prazerosas em si mesmas pelo fato de se constituírem fundamentalmente como meios para se alcançar algo estabelecido como quase obrigatório pela sociedade.

Na reflexão crítica sobre o cativo em que se inserem os indivíduos, estão as condições fundamentais para tomar consciência da sua falta de liberdade, mesmo onde a liberdade aparenta existir e, conseqüentemente, a formação de uma resistência frente à ditadura estética que tenta convertê-los em seres genéricos.

As escalas de voyeurismo, exibicionismo e padrões estéticos

Para a realização deste estudo, foram desenvolvidas três escalas de atitudes do tipo Likert: escala V (voyeurismo); escala E (exibicionismo) e escala P (padrões estéticos), compostas respectivamente por 12, 13 e 12 itens.

A escala V procura verificar o grau de prazer apresentado pelos sujeitos em relação ao ato de observar o corpo nu ou seminu de outras pessoas. Por sua vez, a escala E foi elaborada com intuito de verificar o prazer envolvido nos comportamentos referentes a auto-exibição corporal.

Já a escala P, visa observar o grau de adesão dos indivíduos aos padrões estéticos difundidos pela indústria cultural na atualidade.

É certo que, como elementos psíquicos profundos, assim como as emoções e desejos, as pulsões não podem ser quantificadas de maneira direta. Porém, indiretamente, as escalas de atitudes permitem obter uma estimativa do prazer envolvido mediante comportamentos e opiniões que os sujeitos têm ou teriam diante de determinados fatos ou situações.

A manifestação das pulsões ocorre em sua ligação com objetos, que resulta em comportamentos variáveis historicamente. O culto ao corpo realizado nas academias, por exemplo, é um fenômeno atual e envolve de maneira específica as pulsões voyeur e exibicionista.

A liberalização sexual existente no mundo contemporâneo tem possibilitado a expressão de comportamentos envolvendo voyeurismo e exibicionismo, sem que com isso as pessoas se sintam envergonhadas ou culpadas.

Esse é um fato importante, pois, como as condições sociais são propícias para que os indivíduos apresentem determinadas formas de expressão dessas pulsões e adiram aos padrões estéticos, não teríamos razões para achar que as respostas dos sujeitos às questões das escalas destoem de seus sentimentos.

Situação diferente foi experimentada por Adorno e colaboradores na pesquisa sobre a personalidade autoritária realizada nos EUA. A questão fundamental para aqueles autores era verificar as possibilidades de o fascismo se desenvolver nos EUA após a Segunda Guerra. (Adorno et al, 1965).

Como, naquele país, o clima cultural e social era considerado democrático, teria-se uma grande probabilidade de alguns participantes, nas questões que envolvessem preconceitos contra grupos minoritários, respondessem de maneira contrária aos seus sentimentos, ou seja, dessem respostas “politicamente corretas”.

Dessa forma, na referida pesquisa, além da aplicação das escalas foram necessários estudos clínicos com alguns sujeitos para verificar os elementos profundos subjacentes às personalidades autoritárias e liberais, que poderiam não se apresentar nas respostas dadas pelos indivíduos às escalas. Tais estudos foram compostos de entrevistas e testes projetivos que viabilizaram, inclusive, o aprimoramento das escalas. (Adorno et al, 1965).

No mundo contemporâneo, em que a estética tem se tornado artigo de consumo e as pulsões voyeur e exibicionista legitimadas socialmente mediante sua apropriação pela indústria cultural, as escalas podem refletir satisfatoriamente a direção e intensidade para que tendem os objetos desta pesquisa.

As questões das escalas expressam uma opinião ou afirmação sobre determinada situação ou fato e diante dela o sujeito tem quatro opções de respostas, a seguir descritas, cujos escores em cada item variam de 1 a 5 pontos: discordo totalmente – 1 ponto; discordo parcialmente – 2 pontos; concordo parcialmente – 4 pontos; concordo totalmente – 5 pontos.

Para melhor delimitar as posições próximas à concordância e discordância foi excluído o ponto 3 que se tornou o ponto médio das escalas.

As duas primeiras opções apontam para algum grau de desacordo do sujeito em relação a formulação presente na questão e as duas últimas assinalam um posicionamento próximo à concordância. A elaboração dessas escalas está baseada na pesquisa sobre a personalidade autoritária realizada por Adorno et al. (1965) nos Estados Unidos.

Quanto maior o escore obtido pelo indivíduo, em cada uma das escalas, maior o grau de disposições psíquicas relacionadas aos fenômenos objeto deste estudo.

Exemplificando: um indivíduo que diante das questões pertencentes à escala 1 (exibicionismo) escolha frequentemente a opção total concordância (5 pontos) mostrará acentuadas características exibicionistas de personalidade, enquanto outro sujeito que assinalou em grande parte a opção “discordância parcial” nessa mesma escala, apresentará baixa tendência ao exibicionismo.

Em alguns itens, a pontuação está invertida, pois, as posições próximas à concordância e discordância, implicam, respectivamente, em diminuição e aumento na intensidade das pulsões e adesão aos padrões de beleza.

Há, por exemplo, questões em que a concordância com determinada afirmação implica em uma baixa adesão a determinado padrão, enquanto a discordância representa uma adesão mais intensa. Nesse caso, tomou-se o cuidado de inverter os valores para efeito de cálculo, a fim de corrigir a referida inversão na formulação dos itens.

O alpha de Cronbach que mostra o índice de coerência interna das escalas foi significativo em razão de a literatura estatística considerar aceitáveis valores iguais ou superiores a 0,60. Os resultados seguem na tabela a seguir:

Tabela 1 Coeficientes Alpha de Cronbach das escalas.

Escola	Nº itens	Alpha
V	12	0,77
E	13	0,72
P	12	0,66
Geral	37	0,85

Apesar de enfatizar uma dimensão específica do voyeurismo e exibicionismo, ou seja, suas relações com o culto ao corpo, as escalas E e V não deixaram de abordar outros aspectos de manifestação dessas pulsões.

Como vimos nos capítulos anteriores, esses fenômenos podem se apresentar de diferentes formas. A mais conhecida, caracterizada pelo interesse obsessivo em ver e expor a nudez, está contida na classificação tradicional psiquiátrica que estabelece os critérios diagnósticos para o voyeurismo e exibicionismo.

Além de serem considerados comportamentos psicopatológicos, a manifestação desses comportamentos incorre em crimes, quer como invasão de privacidade no caso do voyeurismo, quer como atentado ao pudor no exibicionismo.

No entanto, as mudanças objetivas ocorridas no último século com o acentuado desenvolvimento tecnológico, ampliaram as formas de manifestação desses fenômenos. A pornografia que por muito tempo existiu às margens da sociedade, hoje a ela foi incorporada como mais um dos artigos de consumo.

A nudez e a seminudez tornaram-se mais fáceis de serem vistas e exibidas diante do abrandamento da repressão à sexualidade, principalmente no caso da mulher, em razão das conquistas obtidas por meio do movimento feminista.

A profissão de modelo, nesse caso, caracterizada pela exibição do corpo nu ou seminu, tornou-se meio de subsistência para muitos indivíduos. Sem falar dos filmes pornográficos e dos estabelecimentos em que são realizados shows eróticos.

O voyeurismo e exibicionismo passaram a ser amplamente apropriados e explorados pela indústria cultural. O suspense representado pela incerteza de con-

seguir ver o objeto a se despir ou conseguir se despir frente a ele sem ser apanhado, foi substituído pela farsa das produções que apenas simulam espontaneidade.

Os elementos essenciais que acompanhavam o prazer escopofílico e exibicionista, como o não consentimento do objeto e a relação pessoal, são progressivamente substituídos pelo consentimento mediante pagamento e pelo anonimato. As relações constituintes desses prazeres ficaram mais distantes, previsíveis e impessoais.

A intimidade das celebridades também é muito explorada pela indústria cultural. Para muitos, o desejo de saber coisas da vida íntima de indivíduos famosos tem virado uma obsessão, de maneira similar ao desejo dessas celebridades de sempre estar sob os holofotes da mídia. De uma forma ou outra, os famosos precisam estar em constante evidência para se sentirem importantes.

A progressiva diluição da fronteira entre o público e o privado característica da sociedade atual tem estimulado e provocado outras formas de manifestação das pulsões voyeur e exibicionista. Com a diluição dessa fronteira, ficou mais fácil a apropriação e manipulação dessas pulsões pela indústria cultural.

O privado tem que ser de conhecimento de todos. Nada mais pode ficar oculto; até mesmo os mais íntimos desejos devem ser confessados publicamente, talvez na tentativa desesperada de se encontrar um sentido para a vida. Desejos que, frustrados depois de revelados, retornam como sentimento de vazio interior.

O público, por sua vez, tem sido definido e valorizado na sua intimidade. Frequentemente o que tem definido um homem público são suas crenças e hábitos e não a sua competência profissional. As pessoas tem passado a se interessar mais, por exemplo, pela orientação sexual de determinado candidato a cargos públicos do que pelo seu histórico político.

Em relação ao culto das formas físicas, o corpo saudável, sarado, malhado constitui-se como algo que merece ser visto, apreciado e exibido, mas talvez não tocado. O prazer presente no voyeurismo e exibicionismo se caracteriza por uma relação distante com o objeto em que o “olhar para” ou o “ser olhado” são os elementos principais.

Nos objetivos estéticos difundidos pela indústria cultural e buscado por muitos indivíduos, pode-se encontrar determinada padronização que tem definido as características do objeto de investimento das pulsões exibicionista e voyeur.

Os itens das escalas deste estudo se referem a uma amostra de características comuns e específicas presentes nas várias formas de expressão desses fenômenos.

No caso das escalas V (voyeurismo) e E (exibicionismo), uma característica comum inerente às diferentes expressões dos fenômenos diz respeito ao fato de os objetos serem considerados frequentemente apenas como estímulo. Não há uma efetiva relação de troca entre sujeito e o objeto, ou seja, o objeto é apropriado unilateralmente da maneira que mais interessa ao sujeito. A preocupação predo-

minante é de conquistar o prazer para si sem retribuir com algo ao objeto e sem a constituição de vínculos afetivos.

É possível que isso já esteja presente na própria constituição do objeto que é fundamentalmente destinado à exploração comercial, seja como produto, seja na própria condição de consumidor. Quanto mais exclusivamente o objeto é experimentado como estímulo, maior o grau de manifestação das pulsões voyeur e exibicionista tendo em vista o distanciamento do sujeito em relação ao objeto.

Outras características, estreitamente vinculadas às anteriores, são as seguintes: diminuição da importância das relações pessoais e relacionamentos passageiros com objetos, sem intimidade, ou seja, tais objetos são facilmente descartados e substituídos por outros.

A expectativa de um prazer imediato, a não aceitação de um aumento da tensão representado pela postergação desse prazer e até mesmo a possível frustração de tentar obtê-lo mediante uma relação que dependa efetivamente de trocas afetivas e efetivas com o objeto, também são importantes elementos a serem considerados na configuração dos prazeres voyeur e exibicionista.

O olhar é uma característica essencial para a constituição do prazer voyeur e exibicionista. Porém, no que se refere ao corpo, esse olhar, como fonte de prazer, pode dirigir-se para diferentes formas de expressão corporal e vincular-se: diretamente ao nu, como abordado no item 1 (escala V) e itens 13, 18 (escala E); à apreciação do corpo seminu conforme explorado nos itens 2 e 11 (escala V) e itens 2, 4, 6, 8 (escala E); à observação ou exibição de relacionamento sexual – item 8 da escala V e item 15 da escala E.

Foram incluídos um maior número de itens para analisar a apreciação e exibição do corpo seminu em comparação ao número de itens relacionados ao prazer de observar a nudez de maneira direta ou relações sexuais, em razão da especificidade com que as pulsões voyeur e exibicionista são tratadas nesta pesquisa. Quando nos referimos ao seminu, também englobamos o uso de roupas sensuais que evidenciam as formas corporais.

A fim de pensar sobre o grau de prazer presente na observação do corpo de uma maneira geral, em alguns itens da escala V não foram explicitadas em sua formulação se o objeto diz respeito ao nu, seminu ou relacionamentos sexuais. Imagens eróticas, posições sensuais, fotos sensuais são alguns termos que não dão precisão sobre o tipo de nudez de que se trata.

O auto-erotismo é uma característica geral presente na vida dos indivíduos. No entanto, em algumas questões procurou-se detectar o quanto essa forma de prazer assume preponderância, refletindo a intensificação das pulsões voyeur e exibicionista. Os itens 4 e 14 (escala V) e o item 12 (escala E) tratam disso de forma mais direta.

A valorização exacerbada da aparência tem sido uma tendência muito forte na sociedade contemporânea. As pessoas são consideradas e julgadas por aquilo que aparentam ser. Existe um padrão determinante daquilo que deve ser valorizado em termos de aparência física e comportamento.

Diante do próprio empobrecimento da cultura que dificulta a diferenciação e consequentemente a formação dos indivíduos, a superficialidade tende a se constituir como essência para as relações afetivas e profissionais.

O prazer é direcionado fundamentalmente para o todo, isto é, no caso da beleza, o juízo estético é realizado com base em padrões estéticos definidos *a priori* e não na dimensão particular do objeto. O olhar apenas passa pelo objeto, pois a própria superficialidade objetiva não lhe permite constituir uma interioridade. Os itens 6, 11 (escala V) e o item 9 (escala E) avaliam a importância atribuída à aparência pelos indivíduos.

A menor diferenciação do sujeito na sociedade contemporânea, torna-o mais suscetível a comportamentos condicionados, no sentido de haver uma relação mais direta entre suas atitudes e os estímulos provenientes da cultura.

O enfraquecimento do ego em razão dessa identificação mais direta do sujeito com o todo, dificulta o aparecimento das fantasias em que o indivíduo poderia retribuir mais algo de si ao objeto.

O vazio interior, queixa muito comum nos dias de hoje, em que um dos aspectos está na atrofia da fantasia e no desaparecimento do encanto nas relações sociais, permite fundamentalmente a perpetuação da sociedade opressora e a manutenção dos interesses dominantes. A reprodução alienada ou as falsas transformações que mantêm a sociedade essencialmente inalterada, acabam sendo o mórbido resultado desse processo.

As produções da indústria cultural são estímulos claros que visam provocar excitações diretas no indivíduo, como se fossem reflexos condicionados. Os avanços tecnológicos que no plano do entretenimento provocam principalmente a diminuição da fronteira entre o virtual e real, colaboram de maneira significativa para a manipulação do prazer.

Nessa diminuição da fronteira entre virtualidade e realidade podemos mencionar a existência do que *Horkheimer e Adorno* chamaram de ideal do natural. “Ele [o ideal do natural] se impõe tanto mais imperiosamente quanto mais a técnica aperfeiçoada reduz a tensão entre a obra produzida e a vida cotidiana”. (Horkheimer e Adorno, 1985, p. 120).

A ausência ou diminuição das fantasias foram tratadas nos itens 17, e 18 da escala V.

No caso do exibicionismo, achamos importante a inclusão de mais uma característica que se refere aos diversos tipos de sacrifícios realizados diante da ditadura estética existente na sociedade atual. Entre esses sacrifícios podem ser

citados: regimes descontrolados, exercícios excessivos, uso de drogas. Comportamentos nocivos à saúde, que muitas vezes podem levar ao desenvolvimento de doenças como anorexia, bulimia, câncer etc. Os itens 1, 6, 7 da escala E abordam essa questão.

Quanto à escala P (padrões estéticos) abordamos questões referentes à adesão a alguns padrões estéticos amplamente difundidos no mundo contemporâneo. Entre eles: músculos enrijecidos, pele lisa sem estrias ou celulites, abdômen enxuto, alta estatura, pele branca, cabelos lisos etc.

As amostras e a discussão dos resultados

Os sujeitos foram divididos em três grupos: grupo 1 – indivíduos sedentários; grupo 2 – praticantes de musculação; grupo 3 – praticantes sistemáticos de atividades esportivas, com exceção da musculação.

O grupo 1 foi formado por sujeitos que declararam não praticar qualquer tipo de atividade física regularmente, ou seja, com frequência média inferior a duas vezes por semana.

No grupo 2, a amostra foi composta por sujeitos que mencionaram praticar musculação com exclusividade ou associada a outras atividades esportivas, com frequência igual ou superior a duas vezes semanais.

Entre os esportes praticados pelos indivíduos do grupo 3 com a mesma frequência do grupo 2, encontram-se, principalmente, praticantes de: futebol, natação, corrida, caminhada, dança etc.

Assim, para os indivíduos que realizam mais de uma atividade esportiva serem incluídos no grupo 2, eles precisaram ter a musculação como uma dessas atividades, caso contrário foram inseridos no grupo 3.

A aplicação foi realizada com aproximadamente 300 sujeitos em três Universidades e em duas Academias de ginástica e musculação, todas localizadas no interior do Estado de São Paulo. Dos questionários válidos, isto é, referentes àqueles sujeitos que responderam a todas as questões, restaram 273 que seguem distribuídos na Tabela 2.

Em cada Universidade foi escolhido um curso, a saber: Educação Física, Direito e Administração de Empresas.

Tabela 2 Amostra base dos sujeitos para análise dos dados.

Cursos	Sujeitos	Gênero		Grupos		
	n	Masc.	Fem.	G-1	G-2	G-3
Ed. Física	142	83	59	34	46	62
Direito	70	30	40	49	3	18
Adm. Empresas	20	14	6	12	1	7
Academias	41	24	17	–	33	8
Total	273	151	122	95	83	95

Nota: – indica valor zero.

Os cálculos estatísticos referentes à aplicação das escalas foram realizados por meio do programa SPSS, versão 13.0.

Como as medidas de tendência central são um bom indicativo da presença de distribuição normal, sendo que para isso deve haver uma coincidência entre a média, a mediana e a moda (DANCEY, 2006, p. 89), constatou-se que a amostra não apresentou distribuição normal visto que os cálculos apontaram divergências entre essas medidas.

Dessa forma, foram utilizadas técnicas estatísticas não paramétricas para a análise dos dados desta pesquisa. A medida de tendência central utilizada pelos testes não paramétricos é a mediana, por ser considerada a mais apropriada para esse tipo de distribuição.

Em relação aos testes realizados nesta pesquisa, considerou-se estatisticamente significativo os resultados que tiveram um nível de significância de $p \leq 0,05$, ou seja, um percentual de 5% ou menos de a diferença encontrada entre os grupos decorrer de erro amostral.

Segundo Dancey: “Quando estabelecermos nosso critério para significância, devemos, portanto, fazer um balanço entre as possibilidades de cometermos erros dos Tipos I e II. Em muitas situações, um $p < 0,05$ fornece o ponto de equilíbrio” (Dancey, 2006, p. 160).

A princípio, trabalhamos com a hipótese de que o grupo 2 seria mais propenso a exprimir as pulsões voyeur, exibicionista e aderir aos padrões estéticos se comparado aos demais grupos.

Outra hipótese que pensamos foi a existência de correlação positiva entre as três escalas, isto é, as intensidades existentes em cada pulsão estariam correlacionadas entre si bem como em relação à adesão aos padrões.

Os cálculos estatísticos mostraram que o grupo 2 (praticantes de musculação) apresentou pontuação superior aos demais grupos em todas as escalas.

No entanto, somente na escala P, a diferença encontrada foi estatisticamente significativa, com $p < 0,04$ de os resultados decorrerem de erro amostral. Por outro lado, entre os grupos 1 (sedentários) e 3 (outras modalidades) não foram encontradas diferenças.

Assim, o grupo 2 (praticantes de musculação) apresenta uma maior tendência em aderir aos padrões estéticos quando comparado aos grupos 1 (sedentários) e 3 (praticantes de outras modalidades).

Um dos principais objetivos presentes na prática de musculação é justamente a aquisição de alguns dos padrões de beleza. Os praticantes de musculação aderem aos padrões não somente no sentido de apreciá-los, mas também com o intuito de adquiri-los para si.

A questão da beleza, aferida pela escala P, não tem tanta importância para os grupos 1 e 3 quando comparados com o grupo 2. Com relação ao grupo 3, em muitas das atividades físicas praticadas, como vôlei e futebol, que são esportes de equipe, a questão da aquisição da beleza não é prioritária.

Em relação à hipótese de que o grupo 2 tende a apresentar pulsões voyeur e exibicionista mais acentuadas quando comparado aos grupos 1 e 3, apesar de não ter sido aceita em termos estatísticos, o fato de os resultados terem mostrado uma mediana mais alta do grupo 2 nas escalas E e V, sugerem a importância de novos estudos com um maior número de critérios para a definição das variáveis independentes.

Para a análise dos dados desta pesquisa, por exemplo, não foi considerado o tempo de prática esportiva, nem a frequência semanal. Essas variáveis podem ser importantes no sentido de refletir a dimensão da importância atribuída pelos indivíduos em relação à forma física.

Uma delimitação mais precisa dos tipos de esportes praticados também pode ser útil, visto que atividades esportivas coletivas, como o futebol, tendem a evidenciar interesses mais relacionados ao entretenimento do que à estética. Outros esportes, como a caminhada, possivelmente mostram maiores preocupações dos indivíduos com a saúde.

Outras variáveis tiveram importância na análise dos dados. A variável gênero, por exemplo, foi determinante nos resultados obtidos na escala V. Os homens apresentaram mediana significativamente superior a das mulheres, com um nível de probabilidade associado de $p < 0,001$ de os resultados decorrerem de erro amostral.

Esses resultados nos levam a considerar que o voyeurismo ainda permanece como um fenômeno tipicamente masculino, apesar de todas as transformações ocorridas na vida sexual e afetiva da mulher acarretadas pelas diversas mudanças sociais, entre elas, aquelas proporcionadas pelo movimento feminista.

A maior liberdade que os homens tiveram no decorrer da história para expressar sua sexualidade, tornou-os menos inibidos, ou, em termos equivalentes, mais

suscetíveis de se excitarem com menores graus de estimulação sexual e de manter um interesse sexual constantemente desperto. A estimulação visual é considerada de menor grau em razão da relativa distância estabelecida entre sujeito e objeto.

Por muito tempo, devido a uma maior repressão imposta às mulheres, limitou-se a expressão de suas pulsões sexuais. A concepção do ato sexual visando apenas a reprodução foi mais intensa para a mulher visto que o seu destino já estava determinado para tomar conta do lar, do marido e da prole.

O discurso científico sobre as diferenças biológicas entre os gêneros em que o feminino era colocado como o sexo frágil, serviu de fundamento para a distribuição desigual dos papéis sociais que tornava a mulher extremamente submissa ao homem. Impedida de atuar no espaço público, restava à mulher uma vida restrita à vida privada e conseqüentemente sobravam poucas oportunidades de conhecer outras pessoas e ter novas experiências. Para Laqueur:

As reivindicações universais por liberdade e igualdade humana durante o Iluminismo não excluía inerentemente a metade feminina da humanidade. A natureza tinha de ser buscada se os homens quisessem justificar o seu domínio na esfera pública, cuja distinção da esfera privada figuraria cada vez mais em termos da diferença sexual. (Laqueur, 2001, p. 242)

A visão de fragilidade difundida pela cultura e que as mulheres incorporavam, refletia-se na canalização das pulsões sexuais. Apesar de o prazer feminino obtido pela estimulação do clitóris ser reconhecido pela ciência, durante muito tempo foi considerado de menor intensidade que o prazer masculino.

A virilidade, em termos de força e potência, quase sempre foi concebida como uma característica exclusivamente masculina. Já a característica essencial presente na expressão da libido feminina era o amor sublimado, inibido em sua finalidade sexual e voltado para a manutenção dos laços familiares.

Como o homem vivia simultaneamente nas esferas pública e privada, abriam-se vários espaços para a atuação de sua libido em razão do maior número de objetos com que podia se relacionar.

Para ele, era possível a realização das duas dimensões do amor: a profana, oriunda dos espaços públicos mediante relações extraconjugais dos mais variados tipos, marcadas principalmente pela volúpia; e a sagrada, presente na privacidade familiar em que a união estável garantia a estabilidade afetiva entre os seus membros. Na maioria das vezes, a mulher é quem foi mais cobrada pelo respeito e preservação da monogamia.

Ao reivindicar o direito de igualdade em relação aos homens nas diversas áreas da vida, o movimento feminista revolucionou os papéis sociais exercidos pelas mulheres na sociedade ocidental, apoiado pelo próprio avanço da ciência.

O aparecimento da pílula anticoncepcional na década de 1960 foi um marco na história da humanidade. A necessidade de um maior controle da natalidade familiar colocou o sexo, principalmente em relação à mulher, como elemento de prazer que poderia ser experimentado independentemente da função reprodutiva.

Apesar de toda a liberalização sexual experimentada atualmente pelas mulheres, as conquistas proporcionadas pelo movimento feminista é recente e ainda entra em conflito com alguns valores culturais tradicionais que são menos tolerantes em relação à liberdade sexual das mulheres. Nesse sentido, ainda podem ser encontradas diferenças na formação dos gêneros em termos de sexualidade.

Na sociedade atual, muitos dos valores atribuídos para determinados comportamentos apresentados pelos gêneros são distintos, principalmente em termos de sexualidade. Os próprios nomes dados a quem não observa a monogamia, por exemplo, revela essa tendência: homens que saem com várias mulheres são chamados de “garanhões” enquanto mulheres, “galinhas”. A conotação desses termos não deixa dúvidas que o julgamento é fundamentado por dois pesos e duas medidas.

O homem é estimulado desde a mais tenra idade a pensar o relacionamento sexual como um meio para afirmação de sua virilidade, independentemente de se sentir atraído afetivamente por alguém. Muitos pais ainda adotam uma espécie de ritual de passagem quando o filho se torna adolescente, levando-o a prostíbulos para retirar a sua virgindade.

Por outro lado, a mulher tem uma formação distinta que se relaciona bastante com a questão da maternidade. As próprias brincadeiras infantis femininas, como o trato com bonecas, refletem como a maternidade é valorizada precocemente na vida das mulheres.

Apesar de a mulher estar se iniciando cada vez mais cedo na vida sexual, o processo que está em jogo não é tanto o de aprovação de sua feminilidade.

No geral, a questão mais importante está no fato de encontrar alguém para amar e ser amada a fim de ter a segurança necessária que garanta futuramente a constituição de uma família e conseqüentemente concretize o antigo sonho de ser mãe. Para a mulher, o sexo é consequência, não prioridade. Dessa forma, ela entra de forma distinta no relacionamento afetivo, isto é, tende a não cindir demais o sexo da afetividade.

Porém, a crescente ocupação dos espaços públicos pelas mulheres, principalmente com a sua atuação nas diversas áreas profissionais que antigamente eram destinadas apenas aos homens, tem lhes possibilitado uma maior independência econômica e uma maior autonomia em relação aos homens.

Em muitos aspectos, a formação da mulher tornou-se semelhante à masculina, pois, uma de suas características é prepará-la para a competitividade exigida pelo mercado de trabalho.

A essência da esfera pública não se modificou, apesar de agora também estar sendo ocupada por mulheres. O que mudou foi a estrutura psíquica feminina que precisou se adaptar às exigências do âmbito público cujas características são fundamentalmente masculinas.

Neste sentido, a sociedade está passando por um momento de transição. A modificação dos papéis sociais das mulheres, implica em alterações psíquicas e desse modo é provável que elas também comecem a separar com mais frequência sexo e afeto.

Contudo, essa cisão, remanescente de épocas pretéritas, evidencia-se com maior intensidade no gênero masculino e os resultados da escala V é um dos elementos que apontam para isso.

É importante lembrar que durante muito tempo foi concedido ao homem o direito não explícito de ter duas mulheres: a companheira, mãe de seus filhos pela qual ele desenvolvia o amor afetivo (amor – Ágape); e a amante por quem ele tinha intensa atração sexual e podia realizar suas fantasias sem pudor (amor – Eros).

A percepção visual masculina, seja diante do nu ou do seminú, torna-se uma significativa fonte de excitação sexual por dispensar a constituição de outros tipos vínculos com o objeto, que seriam importantes para o prazer feminino, como a segurança proveniente de um relacionamento emocional e economicamente estável.

A apreciação da beleza para a mulher é fundamentalmente estética, enquanto para o homem é predominantemente sexual. São diferentes experiências entre os gêneros: quando uma mulher acha um homem bonito não significa que deseje necessariamente possuí-lo em termos sexuais, porém, no caso do homem, quando ele olha para uma mulher, isso é muito comum acontecer. Mas como, na maior parte das vezes, o homem não pode acessar efetivamente o objeto, a satisfação desse desejo torna-se auto-erótica, podendo ser acompanhada da masturbação.

É certo também que com todas as transformações ocorridas na vida sexual dos indivíduos, temos hoje maiores possibilidades de o amor direcionado pelo homem em relação a sua esposa, acoplar essas duas dimensões do amor: Ágape e Eros. Além do que, a realização do amor Eros ou do prazer sexual tem se tornado uma exigência feminina. Para a mulher contemporânea, além de ser pai, o homem também deve ser um bom amante.

Apesar de a variável gênero ter exercido uma certa influência na escala E, em que as mulheres apresentaram mediana superior aos homens, o nível estatístico de significância encontrado ($p < 0,10$) não nos permite afirmar, com uma margem de erro segura, que existam efetivamente diferenças entre os gêneros na referida escala.

Esse índice é um pouco elevado em termos estatísticos para afirmarmos que existe uma efetiva diferença entre os gêneros. Porém como ele está relativamente próximo do critério estabelecido ($p < 0,05$), é necessário não descartar totalmente a possibilidade de os gêneros diferirem na expressão das pulsões exibicionistas.

O exibicionismo, como pudemos ver na parte teórica, também era uma manifestação tipicamente masculina e a sua conceituação se baseava exclusivamente na exposição dos órgãos genitais.

Com a crescente apropriação comercial das pulsões voyeur mediante a veiculação de inúmeros produtos destinados a explorá-las, as mulheres começaram a expor o seu corpo com maior frequência no espaço público. Tal exposição iniciou-se nas diversas produções da indústria cultural e se estendeu posteriormente para os ambientes públicos em geral. Das passarelas, passando pelas telenovelas e chegando às folhas das revistas pornográficas, criou-se um modelo de mulher fálica em que o público feminino começou a se espelhar.

Assim o corpo da mulher passou a ser um objeto extremamente valorizado na cultura atual e os diversos ornamentos que o revestem, como roupas, tatuagens, piercings, entre outros, serviram para realçá-lo frente ao olhar masculino, incitando o desejo sexual.

Interessante observar o termo “mulher fálica”, pois, essa é uma das condições que distingue a mulher atual do perfil feminino existente no século dezanove, no sentido de exprimir uma forte aproximação da mulher aos valores culturais masculinos. Toda a repressão que envolvia a mulher do referido século fez com que ela se colocasse em uma posição passiva diante do desejo masculino, quanto ao fato de ser iniciativa masculina o investimento e cortejo da mulher.

A sedução decorria mais de um processo imaginativo do homem do que uma atitude tomada pela própria mulher, pois, as fantasias masculinas tinham o poder de excitá-lo.

É compreensível que o prazer voyeur tenha se constituído sem a atuação direta da mulher, pois a concretização desse prazer dependia do não conhecimento do objeto em estar sendo observado.

Na cultura atual, o papel da mulher muda significativamente. De mero objeto observado, a mulher se torna agente do jogo sedutor presente no olhar. Apesar de poder dissimular, o fato de a mulher saber que está sendo observada por alguém, faz com que atue intencionalmente a fim de incitar o prazer voyeur.

As poses sensuais, o requebrado do andar, as roupas extravagantes são alguns exemplos que não deixam dúvidas sobre os artifícios utilizados para a sedução. Assim, havia uma realidade social bem distinta quando a teoria psicanalítica trabalhou o conceito de exibicionismo.

Tendo em vista que em termos estatísticos não foram encontradas diferenças significativas entre os gêneros na escala E e como a maioria das questões tratam do prazer em exibir formas corporais padronizadas, independentes da exposição dos genitais, pode-se considerar que a aquisição da beleza física também tem se tornado importante para os homens.

A questão que agora faço é a seguinte: para quem efetivamente o homem quer se tornar belo se as mulheres não valorizam tanto a beleza como objeto de atração sexual, considerando o resultado obtido pelo gênero feminino na escala V? Em outras palavras, por que a beleza tem se tornado tão importante para o homem, a ponto de exigí-la do objeto e reivindicá-la para si?

Possivelmente, a adesão dos homens aos padrões estéticos não decorre somente da atuação da pulsão voyeur, representada pela exigência estética ao seu objeto, mas também, mediante a atuação da pulsão exibicionista como meio para chamar a atenção.

Em razão de o homem se sentir muito atraído pelas formas corporais, há também a possibilidade de acreditar que a beleza provoque uma atração sexual nas mulheres, semelhante a que ocorre nele.

No entanto, seria no mínimo estranho esse desconhecimento por parte dos homens, pois, no mundo atual, existe mais espaço para o diálogo entre os gêneros e uma infinidade de matérias veiculada na mídia sobre as preferências femininas em relação às características masculinas. Dessa forma, a crença anteriormente citada pode ser uma forma de disfarce criado pelo ego a fim de se defender de um motivo mais forte que está por trás da vaidade do homem e que ele resiste em reconhecer.

Penso que exista um outro aspecto referente a esse interesse em chamar a atenção: trata-se de uma questão narcísica e homossexual, pois, de maneira similar às mulheres, a admiração dispensada por indivíduos do mesmo gênero também é importante para os homens, apesar de não reconhecê-la.

A auto-confiança dos indivíduos se baseia muito na forma como os outros lhe dirigem o olhar. A atenção e a inveja despertada por um par de bíceps definido em alguém, pode contribuir para sua auto-afirmação.

A disputa no campo psíquico parece começar dentro do mesmo gênero. Uma vitória, em termos de reconhecimento, perante o seu grupo, parece ser uma condição importante para, posteriormente, auto-afirmar-se diante do gênero oposto.

A necessidade do amor homossexual não é apagada da psique. Esse amor, que é impedido de se concretizar sexualmente, realiza-se de maneira sublimada na admiração de formas físicas ou de atributos intelectuais realizadas entre indivíduos do mesmo gênero.

Sem dúvida que isso também ocorre entre as mulheres, mas só que de maneira distinta, pois a elas é permitido expressar sentimentos de afinidade diante do mesmo gênero com maior facilidade. Uma mulher que chama a outra de bonita não é tão recriminada se comparada a um homem que exprime esse mesmo sentimento em relação ao outro.

Um exemplo que ilustra a importância do reconhecimento da mulher no interior de seu grupo, é a questão da magreza. Essa característica que é o padrão

estético das modelos de passarela, não é muito apreciada pelo público masculino, porém, é extremamente valorizada entre as mulheres.

Assim, apesar de não ser uma característica importante para despertar a atenção dos homens, muitas mulheres insistem na manutenção desse padrão, até chegar a pontos extremos, como a anorexia.

No caso dos homens, a forma física caracterizada pela hipertrofia muscular não é tão apreciada pelo gênero feminino, mas mesmo assim alguns indivíduos investem muito para adquirir esse padrão, chegando até mesmo a comprometer a saúde mediante o uso de anabolizantes.

Em relação à escala P, a variável gênero não influenciou os resultados. Isso mostra que homens e mulheres têm aderido aos padrões estéticos com a mesma intensidade. Essa adesão manifesta-se em termos de uma maior importância atribuída a determinados padrões difundidos pela indústria cultural e que em parte são oferecidos pelas academias.

Apesar de parte dos itens da escala V não explicitar a que padrões estéticos correspondem, não há dúvidas de que a maior parte dos estímulos destinados a incitar o prazer voyeur são caracterizados pelos padrões estéticos vigentes.

Para se tornar atrativo, o objeto a ser investido pela percepção visual deve possuir determinadas características que chamamos de padrões estéticos. A correlação significativa encontrada entre as escalas V e P (0,52) mostra que sujeitos com maior propensão ao voyeurismo tendem a aderir com maior força aos padrões estéticos. As correlações entre as escalas segue descrita a seguir.

Tabela 3 Coeficientes de correlação bivariada de Spearman- ρ e Pearson- r .

Escalas	V- ρ	V- r	E- ρ	E- r	P- ρ	P- r
V	1,00	1,00	0,46*	0,45*	0,52*	0,51*
E	0,46*	0,45*	1,00	1,00	0,49*	0,51*
P	0,52*	0,51*	0,49*	0,51*	1,00	1,00

* correlação significativa para $p < 0,01$

Na escala P, a adesão dos indivíduos aos padrões estéticos pode se manifestar das seguintes formas: na simples apreciação da beleza, sem a presença do desejo de ter ou ser como o objeto; no desejo de possuir determinado objeto, com essas características, para fins de relacionamento sexual ou utilizá-lo como estímulo para uma satisfação auto-erótica; na apresentação de comportamentos miméticos, relacionados ao interesse de obter para si os padrões estéticos apresentados pelo objeto.

Essas três características referentes à adesão aos padrões não são excludentes e podem se apresentar simultaneamente. O que pode indicar a presença mais intensa de uma ou de outra dessas características são os resultados obtidos pelos indivíduos nas escalas V e E.

Considerando os resultados dessas duas escalas, uma das possíveis diferenças entre os gêneros frente aos padrões estéticos decorre do fato de os homens apresentarem principalmente a segunda e a terceira características anteriormente mencionadas – exigência dos padrões no objeto para apreciação e aquisição dos padrões para exibição – enquanto as mulheres apresentam, predominantemente, apenas a primeira e a terceira características.

Tanto é procedente essa explicação, que ao realizar o teste de correlação parcial entre as escalas V e E com o controle da variável gênero, houve alteração do coeficiente de correlação dessas escalas que aumentou de $r = 0,45$ para $r = 0,55$, com um nível de significância $p < 0,001$.

A razão desse aumento correlacional deve-se à diferença apresentada pelos gêneros na escala V, em que o prazer do olhar se mostrou com menor intensidade nas mulheres.

Ao se vincular aos padrões, constituindo-os como objetos de investimento libidinal, as pulsões do olhar ganham materialidade para assim se expressarem por meio de comportamentos específicos que são nomeados de voyeur e exibicionista.

Devido ao seu caráter, *a priori*, imaterial, o acesso às pulsões somente é possível quando elas se articulam a determinados objetos. Assim, o estudo das pulsões deve ser feito em situações sociais concretas, tal qual se apresentam neste estudo.

A relação complementar das pulsões voyeur e exibicionista ocorre primeiramente em relação ao próprio sujeito. A sedução antes de mais nada é uma sedução narcísica. Para tentar encantar o outro, o sujeito deve se sentir encantado por si mesmo.

Na psique, essas pulsões atuam como se fosse um jogo de espelho. Antes de sentir suficientemente atraente para se expor ao objeto, o sujeito tem que direcionar o olhar para si e sentir prazer com a sua imagem refletida. Mas para conseguir ver a si mesmo, o sujeito tem que, primeiramente, exibir-se para si, como se estivesse diante de um espelho.

Esse espelho é simultaneamente social e psíquico, ou seja, na formação da auto-imagem subjetiva há uma conjugação dos fragmentos imagéticos devolvidos ao sujeito pelas diversas pessoas que o rodeiam, com a forma em que ele apreende essas imagens. Basicamente a auto-imagem é o resultado da síntese realizada pelo sujeito frente aos fragmentos imagéticos recebidos objetivamente.

O olhar que avalia a auto-imagem é mediado pelos padrões estéticos vigentes cujos representantes, na sociedade atual, são os modelos da indústria cultural. Nesse sentido o conceito de pulsão mostra toda a sua força, pois, os prazeres do olhar se configuram nessa relação entre as fontes psíquicas e os representantes da cultura.

Em razão de os homens estarem se tornando mais vaidosos já era de se esperar uma adesão aos padrões estéticos, não somente em termos de exigência estética ao seu objeto, mas também como uma necessidade de adquirir os padrões para se mostrar diante dos objetos.

Essa última dimensão está associada à adesão aos padrões estéticos por parte dos homens, em razão de não ter ocorrido diferenças significativas entre os gêneros na escala E.

A relação dos gêneros com os padrões estéticos se apresenta de diferentes formas. A mulher cobra mais de si o enquadramento aos padrões enquanto o homem, com maior frequência, exige da mulher essa adesão. Exigência que se dá em razão de o homem ser mais suscetível ao prazer voyeur.

No entanto, como o homem começou também a exigir de si essa adequação aos padrões, essa cobrança tem sido experimentada de diversas formas pelos dois gêneros. Entre elas poderíamos citar: uma necessidade exacerbada de se adequar aos padrões estéticos, sentimentos de vergonha em expor o corpo e culpa por não estar dentro de tais padrões.

Conforme mencionado na parte teórica desse trabalho, em razão de haver atualmente uma reduzida incorporação das autoridades por parte do sujeito, o superego tem se constituído de forma extremamente debilitada e o sentimento de culpa gradativamente tem sido substituído pela vergonha. A identificação com os modelos é superficial, no sentido de serem substituídos facilmente por outros que estejam na moda.

No entanto, por estarmos em um momento histórico que reduz a moral a uma moral estética em que o bem e o mal passa a ser uma questão de beleza e feiúra, podem-se notar aqui fragmentos de uma nova configuração do superego que limita o sentimento de culpa a juízos estéticos heteronômicos.

Quando esse sentimento de culpa é forte suficiente nos indivíduos que adere tenazmente aos padrões estéticos, pode existir uma intensificação das diversas formas de atuação da pulsão de morte. Entre alguns exemplos, podem-se citar: a ingestão de hormônios para aumentar a massa muscular, apesar de toda evidência científica do alto risco de câncer causado pelo uso dessas drogas; e uma das mais evidentes formas de atuação da pulsão de morte envolvente da culpa estética, que é a anorexia.

Fenômeno tipicamente feminino mas que atualmente também tem atingido aos homens, na anorexia a relação com a beleza se desloca para o interior do sujeito, ou seja, há uma regressão da libido em que ela deixa de se dirigir aos objetos e passa a ser investida no próprio sujeito (libido narcísica).

O indivíduo com anorexia não acredita mais naquilo que o outro lhe diz. Para o anorexo, sua única verdade é uma auto-imagem deturpada que o leva a se punir a todo momento, por se achar gordo.

A anorexia fixa-se em um dos padrões mais fortes existentes no mundo atual que é o ideal da magreza. Apesar de estar leve como uma pena, a auto-imagem que o sujeito tem de si é completamente oposta. Cada vez que ele se olha no espelho, a sua consciência deturpa a imagem refletida e com isso emerge o sentimento de culpa, por se considerar fora dos padrões de beleza.

Sentimentos de culpa consequentemente provocam necessidade de punição, que no caso da anorexia é representada principalmente pela inanição. É difícil convencer o sujeito de que ele se pune para atenuar a culpa sentida pelo seu fracasso em se adequar aos padrões, visto que o fato de não comer é racionalizado como ausência de apetite. A culpa é tão grande que o sujeito sequer se permite sentir fome.

Consequentemente temos a formação de um círculo vicioso porque quanto mais o indivíduo se pune ao deixar de ingerir alimentos, mais se sente fracassado em virtude de continuar a ver sua imagem como a de uma pessoa obesa. É importante mencionar que a anorexia, frequentemente, acomete indivíduos com uma faixa etária baixa.

Em relação à variável idade, apesar de não ter apresentado um nível de probabilidade significativo de influência nos resultados, ela também não pode ser descartada nos estudos desses fenômenos, com exceção da escala V cujo índice de probabilidade associado ao erro amostral foi de $p < 0,86$.

Nas demais escalas, os índices de probabilidade associados de que indivíduos com faixa etária até 25 anos apresentem escore superior àqueles acima de 25 anos, foram os seguintes: escala E, $p < 0,06$ e escala P, $p < 0,10$.

Dessa forma, em outros estudos, seria importante uma maior delimitação nas faixas etárias, pois, se, com apenas duas faixas,¹ os índices de probabilidade associados nas escalas E e P estiveram próximos do critério de significância estabelecido ($p < 0,05$), eles tenderão a diminuir ainda mais se for feito um maior número de divisões etárias.

1 Os sujeitos foram divididos em duas faixas etárias: até 25 anos e acima de 25 anos.

Considerações finais

O fato de as escalas desta pesquisa, como a maioria daquelas que provêm das ciências humanas, serem ordinais ou de 2º nível de mensuração, não nos permite precisar quanto as pulsões e a adesão aos padrões estéticos diferiram em relação às variáveis independentes destacadas para a análise dos dados, a saber: grupo, gênero e idade. Entretanto, pudemos observar que algumas diferenças entre as variáveis foram estatisticamente significantes enquanto outras não.

Por si só, o índice de tendência central – mediana –, utilizado para o teste de hipóteses, não dá elementos suficientes para afirmar se há uma exacerbação ou redução do voyeurismo, exibicionismo e adesão aos padrões estéticos entre os sujeitos, que, conseqüentemente, poderiam contribuir para o aparecimento de patologias físicas e psíquicas

No entanto, os resultados das escalas e a análise teórica deram alguns indícios da tendência desses fenômenos, isto é, apontaram a existência de diferenças em algumas variáveis que merecem ser aprofundadas mediante novas pesquisas.

A análise dos dados suscitou o levantamento de questões que não haviam sido formuladas durante a elaboração projeto da pesquisa. Uma delas refere-se à diferença entre os gêneros quanto à expressão das pulsões voyeur.

A configuração da beleza na percepção subjetiva ocorre mediante a atuação das pulsões do olhar, sendo que a apreciação e a exibição do belo são os comportamentos que refletem a conjunção dessas pulsões com as formas estéticas provenientes do objeto.

Os resultados das escalas mostraram que a beleza é importante para os dois gêneros, porém, existem diferenças significativas quanto aos aspectos enfatizados por cada um deles.

Para o homem, a beleza física não é um mero objeto de apreciação, no sentido estrito de lhe atribuir juízos estéticos. O vínculo estabelecido com o objeto é marcado pelo desejo de posse.

Como o homem tende a cindir sexo de afeto, tal desejo é fragmentado em razão de se caracterizar fundamentalmente por uma atração de cunho sexual, ou seja, o interesse é marcado por relações passageiras, sem o estabelecimento de intimidade, apenas com intuito de dar vazão às pulsões sexuais.

Em razão de, para se manifestar, a pulsão voyeur prescindir do contato efetivo com o objeto, esse tipo de satisfação se concretiza, frequentemente, por meio de formas auto-eróticas.

As regras sociais que enfatizam a monogamia como princípio norteador das relações afetivas, não têm sido fortes o suficiente para apagar os vestígios remanescentes de uma cultura patriarcal mais permissiva em relação ao número de parceiros sexuais que o homem poderia ter.

Dessa forma, o voyeurismo constitui-se como uma espécie de acordo realizado entre a sociedade e os indivíduos, no sentido de lhes permitir, simultaneamente, o prazer do gozo com vários objetos, mediante práticas auto-eróticas, e a obediência à monogamia.

Em decorrência de se ter encontrado maior intensidade da pulsão voyeur nos homens, a beleza torna-se um dos principais artifícios para a mulher atrair a atenção masculina e com isso realizar o jogo da sedução.

Vale lembrar que, na expressão das pulsões exibicionistas, além de as mulheres não terem diferido dos homens, os resultados obtidos mostraram até uma certa chance de elas suplantá-los. No entanto, essa hipótese não foi confirmada estatisticamente.

Considerando o fato de se ter encontrado o mesmo grau de pulsão exibicionista entre homens e mulheres e sendo que essas últimas não valorizam tanto a beleza como elemento de atração sexual, pensou-se em uma outra característica dessa pulsão, ainda mais forte que a anterior e que se aproxima das definições tradicionais do exibicionismo.

A pulsão exibicionista além de funcionar como elemento para atrair o desejo de um objeto heterossexual, também apresenta uma dimensão narcísica cujo objetivo se relaciona ao fato de ser admirado e causar impacto no objeto mediante a exibição de atributos físicos.

Nesse sentido, a função da exibição da beleza não é a conquista do objeto, mas sim uma disputa entre indivíduos do mesmo gênero para saber quem é, supostamente, o mais belo. Na concepção masculina, a beleza se relaciona muito com a questão da força. Músculos hipertrofiados têm tornado-se símbolos de virilidade e de reconhecimento da masculinidade entre os homens. Já para as mulheres, a magreza é a vedete estética.

Hipertrofia muscular e magreza, duas características admiradas dentro de um mesmo gênero, mas que não são tão importantes na avaliação do gênero oposto. Nesse sentido, o exibicionismo atua como um meio de satisfação auto-erótica. O prazer está na conquista do olhar do objeto e não no próprio objeto, ou seja, o desejo restringe-se ao fato de chamar a atenção das pessoas.

Sabe-se que esses dois padrões estéticos quando levados a extremos podem desencadear alguns tipos de doenças como as decorrentes do uso de anabolizantes e da falta de ingestão alimentar.

Essas questões fizeram parte do problema da pesquisa, mas como a amostra não foi composta por usuários de anabolizantes ou indivíduos anoréxicos, sugiro a realização de novos estudos englobando esses sujeitos a fim de compará-los com outros grupos que teoricamente apresentariam as pulsões do olhar com menor intensidade e adeririam menos aos padrões estéticos.

É importante mencionar que o movimento feminista mediante suas reivindicações de igualdade dos direitos entre os gêneros, contribuiu significativamente para uma identificação das mulheres com alguns valores culturais masculinos. Tal fato fez com que elas começassem a apresentar comportamentos tipicamente masculinos, como a separação entre sexo e afeto.

Os papéis sociais dos gêneros estão passando por um grande processo de transição. Como as condições objetivas têm propiciado às mulheres, de maneira geral, a identificação com o modelo masculino de personalidade e com isso, resultado em uma maior liberdade nas diversas áreas da vida, inclusive no próprio campo sexual, a diferença apresentada na escala V entre os gêneros tende a diminuir.

Atualmente, como se encontram muitos comportamentos que eram difíceis de serem apresentados pelas mulheres no passado, como: traição conjugal, relações sexuais com grande número de parceiros e perda da virgindade antes do casamento, seria razoável a suposição do aumento da excitação visual nas mulheres em um futuro próximo.

A pulsão voyeur, apresentada pelas mulheres antes do movimento feminista, poderia ser ainda menor em virtude da forte repressão a que estavam submetidas. Apesar de a diferença encontrada entre os gêneros na escala V, possivelmente, a mulher atribui, nos dias de hoje, uma maior importância à beleza no sentido de se sentir atraída sexualmente.

Porém, o fato de os homens valorizarem muito a beleza como elemento de atração sexual, faz com que também acreditem na importância dos aspectos físicos para as mulheres se sentirem atraídas por eles. O que é um auto-engano, pois, conforme podemos ver nos resultados da escala V, a questão da beleza não é tão importante para as mulheres como é para os homens, em termos de atração sexual.

Como foi visto ao longo desta obra, existem várias formas de as pulsões do olhar se manifestar, desde aquelas relacionadas diretamente com a exposição dos genitais até as que se referem a um prazer sublimado, representado pelas obras de arte.

O culto ao corpo que se situa entre esses dois extremos – pulsão sexual e pulsão sublimada inibida em sua finalidade original – pode ser concebido como uma forma de expressão dessas pulsões com forte presença na atualidade, pois, no final do século XIX e parte do XX, pelo menos nas sociedades civilizadas, as pulsões do olhar eram fundamentalmente direcionadas para aspectos sexuais e artísticos. Enquanto o segundo aspecto era valorizado socialmente, o primeiro era marginalizado, em razão de ser considerado obsceno.

Mas a liberdade aparentada por meio da exibição corporal mostra a sua fragilidade no momento em que a noção de pecado em mostrar o próprio corpo foi substituída pela vergonha ou culpa de não se ter as formas físicas padronizadas e cultuadas pela sociedade contemporânea.

Referências

- ADORNO, T. W. 1969. *Intervenciones: nueve modelos de crítica*. Caracas: Monte Avila Editores.
- _____ 1971. “A indústria cultural”. In: *Comunicação e Indústria Cultural*. Org. Gabriel Cohn. S. Paulo: Companhia editora nacional.
- _____ 1993. *Mínima moralia*. 2ª edição. São Paulo: Ática.
- _____ 1995. *Palavras e sinais – modelos críticos 2*. Petrópolis: Vozes.
- _____ et al. 1965. *La personalidad autoritaria*. Buenos Aires, Editorial Proyección.
- ANDRESEN, S. M. B. 1992. *O nu na antiguidade clássica*. 3ª edição. Lisboa. Caminho.
- BOLOGNE, J. C. 2006. *A intimidade compartilhada*. In: *História Viva*, ano III – nº 27. ISSN 1679-656X. São Paulo. Ediouro.
- CROCHÍK, J. L.. 1999. *A ideologia da racionalidade tecnológica e a personalidade narcisista*. Tese de Livre-Docência. São Paulo. IPUSP.
- DANCEY, C. P., REIDY, J. 2006. *Estatística sem Matemática para Psicologia*. 3ª edição. Porto Alegre. Artmed.
- DEL PRIORE, M. 2006. *Pureza e pecado ao sul do Equador*. In: *História Viva*, ano III – nº 27. ISSN 1679-656X. São Paulo. Ediouro.

- EDMONDS, A. 2002. *No universo da beleza: Notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro*. In: Nu & Vestido. Mirian Goldenberg (organizadora). Rio de Janeiro. Record.
- FOUCAULT, M. 2001. *O nascimento da clínica*. 5ª edição. 1ª reimpressão. Forense Universitária.
- FREUD, S. 1972. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: Vol. VII edição standard brasileira das obras completas de Freud. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago
- _____. 1996. *Psicologia de grupo e a análise do ego*. In: Vol. XVIII edição standard brasileira das obras completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. 1997. *O mal-estar na civilização*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. 2002. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Trad. Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago.
- GÊNESIS, 1988. *A Bíblia Sagrada na linguagem de hoje*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.
- _____. 1993. *Bíblia Sagrada*. 2ª edição. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.
- GOLDENBERG M., RAMOS, M. S., 2002. *A civilização das formas: O corpo como valor*. In: Nu & Vestido. Mirian Goldenberg (organizadora). Rio de Janeiro. Record.
- HORKHEIMER, M., ADORNO, T. W., 1985. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- HOUAISS, A., VILLAR, M. S. 2001. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*: 1ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva
- KAPLAN, I. H., SADOCK, B. J. 1999. *Tratado de Psiquiatria*. Vol. 2: 6ª edição. Porto Alegre: Artmed.
- KRAFFT-EBING, R. V. 2001. *Psychopathia sexualis*. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes.

- LAPLANCHE, J., PONTALIS, J. -B. 1998. *Vocabulário da Psicanálise*. S. Paulo: Martins Fontes.
- LAQUEUR, THOMAS. 2001. *Inventando o sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- LASCH, CHRISTOPHER. 1983. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.
- LEVIN, JACK. 1987. *Estatística aplicada a ciências humanas*. 2ª edição. São Paulo: Editora Harbra.
- MALYSSE, S. 2002. *Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca*. In: Nu & Vestido. Mirian Goldenberg (organizadora). Rio de Janeiro. Record.
- MARCUSE, H. 1979. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- _____ 1999. *Eros e civilização*. 8ª edição. Rio de Janeiro: LTC editora.
- MELCHIOR-BONNET, S. 2006. *Em nome de Deus, mas com restrições*. In: História Viva, ano III – nº 27. ISSN 1679-656X. São Paulo. Ediouro.
- MILLS, C. WRIGHT. 1969. *A nova classe média*. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- NORONHA, H. 2006. *ABC da cirurgia plástica*. In: Revista Viva Saúde – on line. Novembro / 2006. Editora Escala. Site: <http://revistavivasaude.uol.com.br/Edicoes/0/artigo7233-1.asp>
- ORFALI, K. 2006. *Um modelo de transparência: a sociedade sueca*. In: História da vida privada – 5: Da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras.
- PROST, A. 2006. *Fronteiras e espaços do privado*. In: História da vida privada – 5: Da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras.
- RICKLES, N. K. 1950. *Exhibitionism*. United States of América: J. B. Lippincott Company.

SILVA, M. R. S. 2004. *Voyeurismo: A exploração da pseudo-intimidade*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC.

SPITZER, R. L. et al. 1996. *DSM-IV – Casos clínicos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Itens das escalas

Escala V: voyeurismo

- 1 – Uma das coisas mais interessantes da Internet são os sites que mostram pessoas totalmente nuas.
- 2 – Deveria haver no mercado um maior número de revistas sensuais que mostrasse pessoas seminuas.
- 3 – Tenho muita excitação quando vejo fotos de pessoas em poses sensuais.
- 4 – Diante do crescimento das doenças sexualmente transmissíveis, acho mais excitantes as imagens sensuais do que o relacionamento sexual.
- 6 – Prefiro observar um corpo malhado a namorar uma pessoa feia fisicamente.
- 7 – Em uma relação sexual, teria mais prazer em ver o meu (minha) parceiro(a) se despindo do que no próprio relacionamento.
- 8 – Gosto de ver vídeos que mostram pessoas tendo relacionamentos sexuais.
- 11 – Para mim, o principal atrativo das academias são as pessoas com o corpo sarado.
- 14 – É mais prazeroso acessar sites de imagens sensuais do que perder tempo em conhecer pessoas diretamente.
- 17 – Acho muito importante as fotos sensuais porque dificilmente consigo me excitar somente com a imaginação.
- 18 – Quanto mais explícitas são as imagens eróticas maior é a minha excitação.
- 20 – Adoro ver sites que mostram pessoas com roupas sensuais.

Escala E: exibicionismo

- 1 – Se for para manter a boa forma, passo vontade de comer coisas que adoro.
- 2 – Adoro mostrar minha forma física.

- 4 – Gosto muito de usar roupas sensuais para chamar a atenção das pessoas.
- 6 – A admiração que as pessoas têm por um corpo malhado compensa a realização de rígidas dietas.
- 7 – As lesões físicas não são problemas se considerarmos a beleza adquirida por meio de intensas práticas esportivas.
- 8 – Se estou em forma, tenho enorme prazer em tirar a camisa ou colocar biquíni para mostrar o meu corpo.
- 9 – A aparência física é minha principal aliada para chamar a atenção das pessoas.
- 10 – Para mim, em uma festa, é mais importante ser notado por várias pessoas do que conhecer alguém de maneira mais íntima.
- 11 – Se for para eu ir a um lugar público e não chamar a atenção, prefiro não ir.
- 12 – Sinto tanto prazer quando as pessoas admiram meu corpo que os contatos íntimos acabam sendo menos importantes.
- 13 – Sentiria-me muito bem se tivesse liberdade para ficar nu nos espaços públicos.
- 15 – Uma das minhas fantasias é transar em público.
- 18 – Teria mais prazer em ficar nu diante do meu (minha) parceiro(a) do que no próprio relacionamento sexual.

Escala P: padrões estéticos

- 2 – As telenovelas estão mais interessantes em razão dos modelos que formam o elenco.
- 3 – Espera-se que a maior parte dos atores de telenovelas sejam brancos.
- 6 – Homem careca não é atraente.
- 7 – Pessoas com músculos enrijecidos e definidos são maravilhosas.
- 8 – Beleza não combina com obesidade.
- 9 – A flacidez corporal prejudica demais a beleza.
- 10 – A cor branca é indispensável para o indivíduo que trabalha com o público.
- 11 – Cabelo crespo não é bom.
- 12 – Barriga é sinônimo de feiúra.
- 13 – Pessoas muito magras não são atraentes.
- 14 – As mulheres mais sensuais são aquelas com bumbum grande e empinado.
- 15 – Seios volumosos e rígidos são indispensáveis para chamar a atenção das pessoas.